

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
MUSEU AMAZÔNICO
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

***MUTAWARISÁ: BENZIMENTO ENTRE OS BARÉ DE SÃO GABRIEL DA
CACHOEIRA - ALTO RIO NEGRO***

Liliane Lizardo Salgado

Manaus - AM

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
MUSEU AMAZÔNICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Liliane Lizardo Salgado

***MUTAWARISÁ: BENZIMENTO ENTRE OS BARÉ DE SÃO GABRIEL DA
CACHOEIRA - ALTO RIO NEGRO***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Frantomé Bezerra Pacheco

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Deise Lucy Oliveira Montardo

Manaus - AM

2016

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

L789m Lizardo, Liliane Salgado
Mutawarisá: Benzimento entre os Baré de São Gabriel da
Cachoeira - Alto Rio Negro / Liliane Salgado Lizardo. 2016
169 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Profº. Dr. Frantomé Bezerra Pacheco
Coorientador: . Drª. Deise Lucy Oliveira Montardo
Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade
Federal do Amazonas.

1. xamanismo. 2. Baré. 3. doença. 4. Religiao. 5. espiritualidade.
I. Pacheco, Profº. Dr. Frantomé Bezerra II. Universidade Federal do
Amazonas III. Título

***MUTAWARISÁ: BENZIMENTO ENTRE OS BARÉ DE
SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA - ALTO RIO NEGRO***

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós - Graduação em
Antropologia Social, da Universidade
Federal do Amazonas, como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre
em Antropologia Social.

Aprovada por

Profº. Dr. Frantomé Bezerra Pacheco - PPGAS-UFAM
(Orientador)

Profª. Dra. Ana Carla dos Santos Bruno (PPGAS – UFAM/ INPA)

Profº. Dr. Paulo Roberto Maia Figueiredo (PPGAS – UFMG)

Manaus, 14 de julho de 2016

Dedico esta dissertação:
a minha avó Lucrecia Lizardo (*in memoriam*);
a meu avô Antonio Salgado (*in memoriam*);
a meus filhos Ícaro e Lorena;
a Lilia, minha mãe;
a Janderson, meu marido
e aos meus irmãos.

AGRADECIMENTOS

A meu filho pela paciência que teve pela minha ausência de não estar ao seu lado nos momentos que precisou de mim na escola, a minha mãe por ter cuidado do meu filho para eu poder seguir com os estudos e sempre me apoia, a meu tio Dino que sempre me aconselhou a seguir em frente nos estudos, me levantando o astral em cima quando estava para baixo nos momentos de tristeza e me apoiar. A meu esposo Janderson, pela paciência e compreensão pela minha ausência durante o período que estive em Manaus estudando as disciplinas, durante o campo e durante a escrita.

Agradeço aos benzedores Baré Leonardo Henrique, Eugenio Paidano, Virgenia Salgado, Eunice Salgado, José Salgado, Esmeralda Lizardo, Felisberto e Rufino que durante a pesquisa de campo estabelecemos uma relação de afeto, com atenção e paciência que me receberam em suas residências.

A seu Raimundo, a seu Mario, seu “Chico-la” por contarem para mim as músicas cantadas nas festas de santo.

A minha co-orientadora Prof^ª. Dra. Deise pelas informações, dicas no início da dissertação, quando eu ainda estava meio perdida e foi me dando uma luz de como realizar a pesquisa.

A meu orientador Professor Dr. Frantomé, pelas orientações no decorrer do desenvolvimento do trabalho.

A professora Dra. Ana Carla por me dar ideias brilhantes na qualificação para desenvolver o trabalho.

Ao professor Dr. Gersem, pelo apoio e me incentivar a nunca desistir e segui em frente com os meus estudos.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social PPGAS-UFAM por ter me dado a oportunidade de estudar o Mestrado, e a CAPES pela bolsa de estudos, que me ajudou muito durante as estadias em Manaus.

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo buscar a compreensão sobre o modo pelo qual os benzedores Baré de São Gabriel da Cachoeira atuam nas práticas de cura. Relata a importância do benzimento em um contexto geral, informando as especialidades dos benzedores contidas na região, contando como é a forma de transmissão das orações dos benzedores, incluindo as aulas, os horários eficazes de benzimento, a forma de retribuição dos familiares do doente, a importância dos sonhos que avisam e ajudam no benzimento. Discute a relação entre saúde, corpo e doença, incluindo os tipos de doenças causadas na região entre os Baré, tanto por encantados que são animais e feitiçarias provocadas por humanos, o que inclui sintomas e cura dessas doenças no sistema cosmológico Baré. Tais diagnósticos são realizados por especialistas de cura, conhecidos como benzedores. Apresento relação da festa de santo com o benzimento, mostrando os itens que são essenciais nessas festas e, por fim, uma etnografia realizada na comunidade indígena São Joaquim, mostrando a relação dessa festa católica com o benzimento. Discute-se, ainda, o agradecimento realizado na festa para São Joaquim, o que inclui o pagamento de promessas.

Palavras - chave: xamanismo, Baré, doença, religião, espiritualidade, Alto Rio Negro.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to seek understanding of the way in which the Baré healers of São Gabriel da Cachoeira work in healing practices. It shows the importance of the blessing in a general context, informing the region 'shealers' specialties, reporting theme tho do transmission of the prayers of healers, including classes, thermos effective hours to bless, there attribution of the patient's family members and the importance of dreams that warn and help the *benzimento* (blessing). It also report son he althand *corpodoença* (body-disease), including they pesof diseases present in there goon between Baré, both by bewitched animal sand by witchcraft done by humans, including symptoms and cure of these diseases in the Baré cosmological system. Such diagnoses are performed by healing specialists, known as *benzedores* (blessers). The research presents there lation ship of the festivity the saints with *benzimento*, presenting the items that are essential in the festival and, finally, the ethnography held in São Joaquim indigenous community presents the Catholic festivity and its relationship with the *benzimento*, discussing the thanks giving held in the festivity for St. Joachim with its rituals.

Key words: shamanism, Baré, disease, religion, spirituality, Upper Rio Negro.

Lista de ilustrações

Figura 1 – Localização da região do Alto Rio Negro. Fonte: Instituto Socioambiental....	pg. 34
Figura 2 - Esquema feito com a divisão dos povos indígenas do rio e da floresta...	pg. 42
Figura 3 – O tabaco sendo feito no sítio Paraúa.....	pg. 74
Figura 4 – Foto tirada dos mastros na festa de São Joaquim.....	pg. 118
Figura 5 – Foto tirada do castelo na festa do São Joaquim.....	pg. 123
Figura 6 – Foto tirada dos mascarados atrás do cemitério na comunidade São Joaquim.....	pg. 124
Figura 7 – Foto tirada da cozinha da comunidade São Joaquim.....	pg. 136
Figura 8 – Foto dos instrumentos usados durante a festa de São Joaquim.....	pg. 137
Figura 9 – Foto tirada dos mordomos preparando suas varas	pg. 144
Figura 10 – Foto do dia da esmola na festa de São Joaquim	pg. 147
Figura 11 – Foto tirada dos tamburineiros e bandeireiros na frente da igreja de São Joaquim....	148
Figura 12- Foto tirada dos índios Baré se preparando para serem mascarados	pg. 148
Figura 13 – Foto dos mascarados na noite da esmola se apresentando no salão da comunidade São Joaquim	pg. 149

SUMÁRIO

Introdução	12
A pesquisa de campo	15
Trajetória e vida dos benzedores Baré	18
Capítulo 1 – “<i>Miraita Purãga</i>”: Os Baré de São Gabriel da Cachoeira – Alto Rio negro	27
1.1 -Breviário histórico do município de São Gabriel da Cachoeira	28
1.2 -Alto Rio Negro –” <i>Yawara Akãga</i> ”	33
1.3 - Contextualização histórica dos Baré, o povo do rio	36
Capítulo 2 – Benzimento: A transmissão, agradecimento e sonhos Baré	46
2.1 “ <i>Aprendi, daqui um tempo vocês vão precisar</i> ” A transmissão das orações	50
2.2 A forma de retribuição dos familiares do doente	59
2.2.1 O benzedor e o doente	61
2.3 “ <i>Asuré akiri, wirãdé akütai neirũ</i> ” A importância do sonho	63
2.4 “ <i>Maita rãbezeri?</i> Quem pode benzer, como benze e pra quem	68
2.5 O tabaco	73
Capítulo 3 – Práticas de benzimento Baré: Os tipos de doença, causadores e cura	76
3.1 Corpo e doença	77
3.2 Doenças causada por majuba-encanto	83
3.2.1 O curupira	87
3.3 Doenças causada por feitiçaria - Estrago/Praga	90
3.4 “ <i>Yãmukaturu madri</i> ” – curando mãe do corpo	94

3.5 “ <i>Yãmupusãga Taina</i> ” curando criança-quebrante e mau-olhado	99
3.6 “ <i>Yãmupusãga buya masisã</i> ”- curando cubrelu-cobra “doença na pele	101
3.7 Todo remédio tem doença pra curar	104
Capítulo 4 - O pagamento das promessas na festa do Glorioso São	109
Joaquim	
4.1 A relação do benzimento com as festas de santo	110
4.2 O cotidiano dos Baré antes da festa	116
4.3 A dívida com o santo, as promessas	117
4.4 O mastro	118
4.5 A comida	119
4.6 A importância da bebida na festa de santo	121
4.7 O castelo	122
4.8 Os mascarados	124
4.9 A esmola	125
4.9.1 O dinheiro do santo	125
4.9.2 Os castigos e regras	126
4.9.3 As músicas	129
4.9.4 A ladainha	131
4.9.5 A igreja de São Joaquim	132
4.9.6 A Relação	133
4.9.7. “ <i>Peyuiri pepisika tĩbiu</i> ” venham pegar comida	135
Considerações finais	160
Referência bibliográfica	162
Anexos	167
Glossário	169

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi realizada no município de São Gabriel da Cachoeira, localizado no Noroeste do Amazonas. É constituída por 90% de indígenas, distribuídos nas 23 etnias existentes na região. São mais de 20 línguas faladas, sendo três delas consideradas como línguas oficiais do município, a saber: Nheengatú (Yëgatu), Baniwa e Tukano ao lado do português.

É neste complexo da diversidade de povos, línguas e concepções sobre o mundo, que busquei trabalhar com os conhecimentos do povo Baré, tratando, sobretudo, as práticas de Xamanismo existentes no âmbito da cura, incluindo relação com as festas de santo. Os Baré fazem parte da família linguística Aruak. A população aproximada dos Baré é de 10.623 (SIASI/SESAI, 2012) indivíduos, fora os que estão na Venezuela que são 2.815 (INE, 2001) (ISA, 2015).

O interesse na pesquisa antropológica sobre o benzimento entre o povo se deu, principalmente, a partir das histórias narradas entre meus avós maternos, seus irmãos, e demais parentes nos sítios Nanã, Paraúá, e Carapanã, nas comunidades de Ilha do Açá e São Joaquim, nos locais onde participava das festas de santo, e em nossa residência em São Gabriel da Cachoeira (local onde frequentava a escola).

A ideia de realizar a pesquisa sobre o benzimento Baré me faz lembrar da infância. Pois sempre que um parente adoecia, minha avó solicitava a presença de um benzedor para a sua cura. E, embora a presença de crianças não fosse permitida para não atrapalhar o benzimento, sempre observava sorrateiramente. Durante os benzimentos era solicitado o auxílio a santos católicos, como Santa Ana e São Joaquim, para os quais pediam em orações saúde ao enfermo, oferecendo em troca doações de alimentos, esmolas em dinheiro, frutas e ladainhas rezadas em latim e português nas datas comemorativas das festas de santo, como o de São Joaquim. Essas festas indicam processos sociais (religiosos), nesse caso, rituais, nos quais estamos engajados. Nestas festas a grande maioria dos

rezadores atua com a ajuda de santos católicos. Contudo, o “mutawarisá”¹ (benzimento) e o uso de plantas medicinais fazem parte do benzimento Baré, como elementos tradicionais. E foi diante do contexto vivenciado tanto na minha infância quanto na atualidade, que me interessei pela compreensão dos benzimentos Baré, usados tanto no passado quanto na contemporaneidade.

A minha dificuldade foi de não encontrar diversas literaturas Baré. Pouca é a literatura que trata dos Baré, existindo apenas referências em livros sobre o noroeste amazônico, mas não especificamente sobre. Porém, este ano de 2015, foi lançado um livro, cujo nome é: “*Baré: povo do rio*” no dia 27 de agosto de 2015 em Manaus. Assim, pretendo trazer o meu povo para o centro das discussões, dando voz a eles, para que tenham acesso a sua cultura e seus benzimentos.

A partir das minhas experiências, percebo que meu povo luta pela valorização do benzimento presente na região e pela preservação cultural. Deste modo, a proposta desta pesquisa é além de buscar a compreensão sobre o modo pelo qual os benzedores Baré de São Gabriel da Cachoeira – Alto Rio Negro atuam nas práticas de cura, mas também que venha contribuir para futuras pesquisas e para ajudar na preservação desse conhecimento, dando-se mais valor à saúde indígena.

Diante do contexto descrito, o objetivo principal desta pesquisa foi buscar a compreensão sobre o modo pela qual os benzedores Baré de São Gabriel da Cachoeira atuam nas práticas de cura. Reconhecendo as formas de transmissão dos benzimentos pelos Baré; acompanhando e registrando as práticas de benzimentos, atentando para os objetos, plantas, cânticos e rezas utilizados no ato da cura; identificar as especialidades dos benzedores Baré, assim como as doenças, suas causas e curas usadas pelos Baré e, por fim, etnografei as formas de agradecimento de cura nas festas de santo, realizadas no período 10 a 16 de agosto de 2015.

Tendo em vista a necessidade de alcançar os objetivos propostos por esta pesquisa, aprofundi a pesquisa perguntando dos benzedores como foi a forma de transmissão dos conhecimentos relacionados aos benzimentos. Ainda busquei registrar a trajetória dos

¹ Termo da língua Nheengatu que significa benzimento.

benzedores participantes desta pesquisa, visando mapear as formas pelas quais eles acessaram os conhecimentos relacionados ao ato de benzer.

O presente estudo foi conduzido com procedimentos da Antropologia por meio do método etnográfico, observação participante, anotações e caderno de campo. Concentrei-me na análise das formas de transmissão e das práticas de benzimento entre os Baré do alto Rio Negro. A pesquisa foi desenvolvida junto a minha família, residente atualmente na sede do município de São Gabriel da Cachoeira e nas comunidades. Os colaboradores, residentes no perímetro urbano, são pertencentes das comunidades Ilha do Açaí, sítio Paraúá, sítio Nanã, todos pertencentes a etnia Baré.

Atenção especial foi dada às formas de difusão das orações de benzimentos, baseando-me não apenas no trabalho de campo, mas nas recordações de minha infância e juventude junto aos meus avôs. O tipo de pesquisa que adotei neste trabalho está embasado numa abordagem qualitativa, analisando o contexto social ao quais os Baré estão inseridos, bem como os dados de campo e o discurso dos interlocutores desta pesquisa.

O material etnográfico que obtive resulta da pesquisa de campo que realizei na região, foram diversos momentos de conversas com os benzedores entre o ano de 2014 a fevereiro de 2016, a festa de São Joaquim foi registrada no mês de agosto de 2015. Além desse material, valho-me das memórias da minha infância. Durante a pesquisa de campo realizada na minha região conversei com oito benzedores Baré (cinco homens e três mulheres), sendo que todos estiveram na entrevista e disponibilizaram informações de suma importância para o presente trabalho. Todos estão envolvidos direto ou indiretamente com a minha família. Alguns colaboradores pertencem à comunidade da Ilha do Açaí, sítio Paraúá e sítio Nanã. Eunice salgado tem 58 anos e atua ajeitando *madri*. Já Virgínea Salgado atua curando *madri*. Esmeralda Lizardo tem 76 anos e atua curando *cubrelu*. José Salgado tem 63 anos e atua curando mau-olhado e quebrante. Rufino Henrique tem 71 anos e atua curando diversas enfermidades, tais como dor de dente, dor de cabeça, ferida, quebrante, febre, entre outras. Leonardo Henrique tem 66 anos e atua curando diversas doenças causadas, como *encantos-majuba*, feitiçaria, praga, ferida inflamada, mordida de cachorro, febre, entre muitas outras. Eugenio Paidano tem 76 anos e atua curando diversas doenças causadas de encantados-majuba, feitiçaria, praga, quebrante, febre e dor de cabeça.

Então após a pesquisa de campo, entrevistas, anotações e escrita, cheguei a propor três capítulos. Mas após a qualificação, retornei ao campo novamente e o segundo capítulo cresceu muito, então dividi, ele em dois, ficando então quatro capítulos. Como descrevo a seguir.

No primeiro capítulo faço uma contextualização sobre o município de São Gabriel da Cachoeira, desde os seus primeiros nomes, relatos históricos, incluindo os missionários no Alto Rio Negro, o surgimento dos Baré, sua língua, os benzedores e suas trajetórias, questões importantes para a compreensão do trabalho, preparando o leitor para as análises que serão realizadas nos capítulos seguintes.

No segundo capítulo relato a importância do benzimento em um contexto geral, informando as especialidades dos benzedores contidas na região, contando como é a forma de transmissão das orações dos benzedores, incluindo as aulas, os horários eficazes de benzimento, a forma de retribuição dos familiares do doente, a importância dos sonhos que avisam e ajudam no benzimento.

No terceiro capítulo, falo sobre saúde e corpo-doença, logo escrevo sobre os tipos de doenças causadas na região entre os Baré, tanto por encantados que são animais e feitiçarias provocadas por humanos, incluindo sintomas e cura dessas doenças no sistema cosmológico Baré. Tais diagnósticos são realizados por especialistas de cura, os benzedores.

No quarto capítulo, apresento relação da festa de santos com o benzimento, apresentando os itens que são essenciais na festa de santo e por fim a etnografia realizada na comunidade indígena São Joaquim; apresento a festa católica e sua relação com o benzimento. Discuto o agradecimento realizado na festa para o santo São Joaquim com seus rituais.

Espero que o resultado desta pesquisa contribua com o fortalecimento dos conhecimentos tradicionais do povo Baré e com a valorização e preservação cultural dos mesmos. Nota-se que o benzimento Baré ainda está presente no cotidiano desse povo, assim também como o benzedor ainda é o procurado, como as promessas feitas aos santos para alcançarem a cura, todas essas relações estão presentes.

A pesquisa de campo

O presente estudo foi conduzido com procedimentos da Antropologia por meio do método etnográfico, observação participante, anotações e caderno de campo. Concentro-me na análise nas formas de transmissão e das práticas de benzimento entre os Baré no Alto Rio Negro. A pesquisa foi desenvolvida junto a minha família, residentes atualmente na sede do município de São Gabriel da Cachoeira e nas comunidades. Os colaboradores, residentes no perímetro urbano, são pertencentes à comunidade da Ilha do Açaí, sítio Paraúá, sítio *Nanã*, todos pertencentes à etnia Baré.

Os perfis de meus pesquisados me lembram o que diz Rabinow (2007), que faz com que se pense na cultura e seus diversos sentidos que necessita da explicação do pesquisador. Rabinow relata que em seu texto etnográfico trabalha com mais de um informante, localizado em diferentes locais, condição que permite entrar em um mundo de diferentes históricos e passados. Questão que considero importante na região do Alto Rio Negro em decorrência da característica de meus colaboradores, que são as seguintes:

- Benzedor Jose da Cruz Salgado, tem 63 anos, solteiro, irmão do meu avô materno, conhecido na região como *Paí* (Padre), residente do sítio Paraúá, porém atualmente está na sede do município e sua renda financeira é a aposentadoria. Além da aposentadoria, ele vai de vez em quando à roça em busca de alimentos como frutas, mas não com frequência como anteriormente devido ao difícil acesso;
- Benzedeira Eunice da Cruz Salgado, irmã do meu avô materno, tem 58 anos, tem quatro filhos, pertence ao sítio Paraúá, mas atualmente reside na sede do município. Seus meios financeiros vêm da aposentadoria, e raramente se desloca à roça localizada na estrada do município de São Gabriel da Cachoeira para conseguir farinha de mandioca e algumas frutas como banana. Isto ela realiza com pouca frequência devido ao acidente que sofreu na sede do município algum tempo atrás,

impossibilitando-a de transportar objetos de grande peso, por exemplo, carregar *aturá*² de mandioca;

- Benzedeira Virgínea Salgado, pertencente ao sítio Paraúia, atualmente vive na sede do município, casada, cantora da Tribo Baré na época do FESTRIBAL, que significa festa das tribos. Sabe cantar as músicas dos Baré que na região já está quase esquecida, pois poucos sabem cantar a música durante as festividades de santos; quem ainda prevalece é o pai da virgínea o qual a ensinou e ela continuará;
- Rufino Franquelino Henrique tem 71 anos, tem três filhos, residente atualmente na sede do município, sua renda atualmente é a aposentadoria, casado;
- Felisberto da Cruz Henrique, tem 63 anos, residente da comunidade de Ilha do Açai, casado, tem sete filhos e sua fonte financeira é a roça;
- Leonardo Henrique, 66 anos, casado, seis filhos, aposentado, morador da comunidade de Ilha do Açai, vai ao município uma vez por mês;
- Benzedeira Esmeralda Lizardo, tem 76 anos, casada, atualmente seu meio financeiro é a aposentadoria, pois não frequenta mais a roça devido à idade, não mora mais no sítio e sim com a filha caçula na sede do município;
- Eugenio Antônio Paidano, 76 anos, oito filhos, casado, pertence a comunidade de Ilha do Açai.

Para localizá-los usei a lembrança que possuía deles, quando a minha avó comentava sobre procurar um deles para rezar e ao mesmo tempo a via pela região. Contudo grande parte dos interlocutores é pertencente à família de meu avô como de minha avó materna.

² Cesta que serve para por mandioca ou outros mantimentos.

Tenho observado na minha vivência na região do Alto Rio Negro que nós Baré quando adoecemos, procuramos imediatamente um benzedor, pois confiamos muito no seu conhecimento, como segunda opção procuramos o hospital dependendo da situação, me recordo triste do falecimento de minha avó que possuía muita esperança em ser curada por um benzedor, mas foi transferida imediatamente para Manaus quando surgiu uma “alguma coisa” em seu seio, sendo diagnosticada pelos “branco” como câncer de mama e como ficou tempo demais na capital a doença foi avançando, ou seja, a medicina ocidental não resolveu o problema da doença, e ela acabou falecendo pelo estado avançado que se encontrava. Sendo os benzedores a enfermidade seria nos termos Baré “estrago ou majuba” e que se talvez estivesse ficado na região teriam curado-a com benzimento e plantas medicinais.

Lembro de meus tios, primos, parentes e amigos quando adoeciam, os amigos deles falavam: “vai logo para o hospital” e eles respondiam “não, lá eles não sabem, vão acabar me matando, melhor chamar o rezador”, optando por benzedores que não sabem tudo sobre as curas de doenças. Geralmente se dividem, como especialistas, sendo uns bons para certo tipo de doença, já outros são melhores para outra, ou seja, um reza com eficácia para quebrante, outro reza para a “mãe do corpo”, outro para doenças diversas, um outro para majuba-encanto, tendo aquele que reza para doenças feitas (estragos feitos por outras pessoas). O próprio rezador indica outro benzedor quando não sabe rezar para a doença à qual não é especialista. Assim, Langdon (2010) informa que:

“Os especialistas tem papel específico a desempenhar frente ao tratamento de determinada doença, e os pacientes tem certas expectativas sobre como tal papel será desempenhado, quais doenças os especialista pode curar, assim como uma idéia geral acerca dos métodos terapêuticos que serão empregados” (pg. 179)

José Salgado benze muito bem para quebrante, mau-olhado, Eunice benze para “*madri*”, bem como ajuda em partos difíceis, Leonardo Henrique benze bem para doenças causadas por humanos e encantados, Felisberto da Cruz para febre, *Madri* e dor de dente. Rufino Henrique benze bem para a febre, dor de dente, ferida, quebrante, mau olhado, dor de cabeça, dor de estomago, para o parto etc. Esmeralda Lizardo benze bem pra “*cubrelo*”

(doença que vem de animais através das roupas), Virgínea, por sua vez, reza bem para a mãe do corpo, Eugenio Paidano para diversas doenças e demais coisas, como veremos no segundo capítulo.

Dependendo do estado de saúde do doente é que o benzedor analisa se vai até a casa do doente ou o doente vem até a casa dele, isso varia em cada caso ou estado de saúde. Porém na maioria dos casos o benzedor prefere ir à casa do enfermo. No caso de doentes na sede do município, a família verifica a chegada do benzedor no município para que assim que puder ir à casa onde se hospeda, pois uns não demoram na sede do município, pois se deslocam para a sede apenas para receber benefícios sociais e comprar alimentos. Desse modo, meus interlocutores são pessoas geralmente ocupadas, que se dedicam à cura, e, para encontrá-los, e inseri-los em minha pesquisa, ocorreu o que escrevo a seguir.

Apresento, abaixo, quem são meus interlocutores, os benzedores, que se dedicam à cura das pessoas que os procuram, resumindo sua trajetória.

Trajetória de vida dos meus interlocutores Baré

Todos os benzedores e benzedoras pertencem ao grupo étnico Baré, sendo cinco homens e três mulheres que dedicam a vida a curar o próximo diariamente e quando os procuram em suas residências. Sendo assim a vida dessas pessoas é na maioria das vezes dedicada ao próximo, ao ponto de deixar seus afazeres domésticos para se dirigir onde está o doente. Veremos brevemente quem são eles:

- **Eunice Salgado Baré**

Eunice disse que aprendeu a ajeitar *Madri* (mãe do corpo) e fazer parto com a irmã mais velha Maria que já faleceu. Diz que desde os princípios do mundo já existia essas doenças que atingem as mulheres e dizem os maku viverem só com remédio caseiro.

Eunice começou a trabalhar em 1979 na comunidade indígena *Taçira* Ponta na Escola Imaculada Conceição, sendo moradora do sítio Paraúá, trabalhou na escola até 1991, mas ao mesmo tempo dedicando-se aos trabalhos da roça, e como seu pai e sua mãe adoeceram

teve que desistir do trabalho da escola para cuidar deles ficando apenas na roça, como disse ela “levando a vida”. Em seguida começou a trabalhar com o pessoal da saúde, viajando Alto e Baixo Rio Negro, sendo que antes de trabalhar viajando, a mesma sabia ajeitar mãe do corpo, já estava preparada para curar. Durante 12 anos Eunice dedicava-se a trabalho de roça e da escola na comunidade.

Ela é parteira e benzedeira de *madri*, sendo assim, expliquei a ela sobre a pesquisa que estaria realizando, então verificando a possibilidade dela participar, e colaborar, falando de seu trabalho que é ajudando as mulheres com a dor da “mãe do corpo”. Tudo começou quando presencie a sessão de cura em minha mãe que sofre às vezes dessa *Madri*. Eunice ia até a nossa residência ajeitar e, posteriormente, eu também fui curada por ela. Lembro-me quando adoeci na região da barriga, minha mãe a chamou, ela veio e se direcionou até ao quarto que eu estava deitada, solicitou gel de minha mãe e logo fez uma massagem na barriga através de movimentos circulares e ao mesmo tempo ia falando como estava a região interna. Logo me chamou atenção quando ela disse que o ovário não estaria em seu devido lugar, mas que ela iria colocar no lugar novamente. Como eu morava em Manaus naquela época, ela ia dizendo graças a Deus que retornei a São Gabriel da Cachoeira, pois somente na região eu iria me curar, porque em Manaus não haveria cura, segundo Eunice. Por conseguinte, pediu para eu ingerir um chá de Panquilé³ e não levantar da cama por aproximadamente uns 30 min. Logo após a sessão de cura me senti bem melhor. Desta forma, a curiosidade em me aprofundar no assunto aumentou ainda mais.

- **Jose Salgado Baré**

Mais conhecido na região como “*Pai*”⁴, tem 63 anos, é morador do sítio Paraúá aonde cresceu e atualmente reside na sede do município. Em 1966 veio para sede do município de São Gabriel da Cachoeira, época que começou a se deslocar, em 1968 foi para a Missão Salesiana passando um ano e três meses, quando saiu nunca mais voltou, retornando para o sítio Paraúá para trabalhar na roça, caçando e pescando para sobreviver, sendo que não havia outro tipo de produto econômico naquela época, somente cerrar tábua e levar a

³ Planta da qual tira-se as folhas para fazer o chá

⁴ Termo “*Pai*” em nheengatu significa Padre

mercadoria para a missão salesiana, pois era o único movimento de renda financeira. Foi a partir desse período que começou a benzer, sendo sua especialidade de benzimento, especialmente, as crianças, que são atingidas pelo “mau-olhado”, “quebrante” que atingem quase todas as *taina-miri* “crianças” Baré na região.

Para inseri-lo na minha pesquisa de campo foi através de uma visita feita com sua irmã em minha residência e enquanto conversava com sua irmã, Eunice Salgado, sobre a pesquisa, tive a felicidade de descobrir que o mesmo também era benzedor sendo sua especialidade em crianças, pois Eunice falou que ele também sabia de oração para quebrante, mau-olhado que afeta principalmente crianças, daí então defini incluí-lo.

No dia seguinte, 14 de abril aproximadamente 15h00min marcamos em minha residência para conversarmos referente à pesquisa, então ele começou a contar como foi o aprendizado e demais situações. Faltando acrescentar algumas coisas, achei necessário mais uma conversa, então o encontrei indo fazer um serviço. Expliquei que ainda necessitava de algumas informações, então marcamos pela parte da tarde e assim em um lugar silencioso conversamos e debatemos.

- **Rufino Franquelino Henrique - Baré**

Suas especialidades são principalmente dores tipo dor de dente, dor de cabeça, febre, quebrante, engasgamento, ferida, etc. Veio com o pai para São Gabriel, pois vivia no sítio Temendawi onde se criou, depois casou e ficou então morando na sede do município. Seu pai veio a falecer na comunidade da ilha do açai. Aprendeu a benzer com 12 anos, depois começou a trabalhar viajando de barco.

A partir de uma conversa paralela com Eunice, soube do benzedor Rufino. Ela disse que acredita muito em suas orações, que ele cura realmente. Contou-me alguns casos que me despertou curiosidade. Então em janeiro de 2015, mês que minha mãe estava em uma viagem fora da região, seu irmão estava sozinho na residência. Assim em certa manhã chegando a nossa casa, encontrei meu tio deitado em uma rede, com febre alta, gemendo e com muita tontura. Como sabia que ele não gostava de frequentar hospital nessas situações, me direcionei imediatamente a residência do Rufino e expliquei a situação do irmão de

minha mãe a ele. Como o benzedor não se omite, foi imediatamente ao local que se encontrava o doente, benzeu logo na cabeça e disse que a enfermidade estava extremamente forte, em seguida benzeu em água de côco e pediu que ele tomasse o líquido. Informou que até a parte da tarde o doente já estaria se sentindo bem melhor. Agradei Rufino e o acompanhei de volta para sua residência. Quando chegou a parte da tarde, o doente se encontrava em estado bem melhor e aos poucos a enfermidade passou. Então defini a colocação dele na minha pesquisa referente ao benzimento. Outro dia, quando fui procurá-lo novamente para uma sessão de benzimento, após o termino expliquei para ele sobre o trabalho que iria desenvolver e que gostaria que ele participasse e me ajudasse na pesquisa e ele, sem muito pensar, disse que estava bem.

Marcamos então para o dia 4 de abril de 2015 e ele veio até minha residência e sentamos na frente da casa e começamos a conversar sobre benzimento. Tivemos mais uma conversa, mas dessa vez foi em sua residência, sentados na calçada, onde ficamos bem à vontade para falar sobre *mutawarí* (benzer na língua nheengatu). Mas houve outras situações que nos encontramos, como por exemplo em sessões de benzimento em doente o qual acompanhei e registrei algumas fotos.

Esmeralda Lizardo Baré

Esmeralda nasceu no sítio carapanã, sítio da família Lizardo, onde o pai dela morava, mas nos dias de hoje está abandonado. Referindo-se ao sítio ela disse assim: “é sítio antigo esse daí, eu tenho medo”, pois todos que moravam lá já morreram. Sua mãe era de Taracuaá, localizado na frente do *Yawawira*⁵. Depois que cresceu seu irmão Olavo, já falecido neste ano, fez o sítio chamado *nana* (abacaxi em nheengatu) onde a mesma e minha avó materna nas férias dos netos iam produzir farinha. Teve oito filhos, morreu três e ficou cinco ‘mas eu pari todos’ disse ela. Sua especialidade de benzimento é a cura do cubrelu.

⁵ Espécie de arraia

Como desde muitos anos atrás já sabia de seus conhecimentos em benzer para *cubrelu*, pois minha avó comentava sobre isso com as demais pessoas, me deslocuei até ela em certa noite para perguntar se ela ainda benzia para tal enfermidade e ela me respondeu com um sinal negativo, daí então fiquei entristecida e, não toquei mais no assunto. Porém, não conformada com a resposta, retornei novamente a sua residência, no horário do jantar me aproximei e retornei perguntando novamente se ela ainda continuava com seus trabalhos de curar o *cubrelu*, explicando que eu estava fazendo essa pergunta porque fazia parte do meu trabalho da faculdade e que gostaria que ela participasse e me dissesse algumas coisas. Ai ela então me deu um sinal positivo e em seguida me sentei à mesa da cozinha e começamos a conversar às 19h.

No dia 01 de maio na parte da noite me encontrei novamente com minha interlocutora aproximadamente 19h da noite. Encontrei-a queimando capim ao lado de sua residência, fiz novamente as perguntas da pesquisa referente ao sítio que nasceu e sobre o “*Cubrelu*”.

- **Virgínea Salgado**

Residiu no sítio até os seus 10 anos de idade, depois foi para a sede do município estudar no Colégio Dom Bosco, sendo que na época das férias retornou ao sítio e sua mãe sofreu um acidente. Nessa mesma época ficou menstruada pela primeira vez e começou a aprender a benzer com seu avô paterno com 14 anos. Nesse período começou a estudar na comunidade Taçira ponta, porém sua mãe não possuía nenhuma condição de trabalhar devido ao acidente sofrido. Então foi Virgínia que assumiu o papel de mãe de seus irmãos menores e também ajudava o pai nos trabalhos da roça, a produzir farinha, fazendo exatamente tudo, até a mãe se recuperar totalmente. Com 22 anos casou com um morador da região e adotou uma menina. Sua especialidade de benzimento é em *madri*, que segundo ela é o útero da mulher, doença que atinge grande maioria das mulheres tanto Baré como das demais etnias.

Desde há algum tempo sabia de seus conhecimentos especialmente em mulheres, pelo fato de minha mãe sempre procurá-la para tratar de sua mãe; do corpo, e,

consequentemente, foi aí que tudo começou. Na minha lembrança tenho a dor que veio na madrugada e a dor era tão profunda que parecia não ter fim. Então minha mãe exatamente às 04h da manhã, se dirigiu a residência da virgínea para chamá-la para me socorrer. Logo após alguns minutos ela chegou, e começou a mexer na minha barriga, ou seja, ficou “ajeitando a barriga”. Com a curiosidade que se aproximou, resolvi colocá-la na pesquisa para conhecer mais sobre seus conhecimentos. Já havia falado brevemente anteriormente sobre o assunto no início do ano e como a mesma já havia aceitado participar somente aprofundei neste período.

No dia 30 de abril a encontrei por acaso na rua passeando no início da noite com sua filha. Nesse momento retornei ao assunto referente à conversa que tivemos a respeito da pesquisa sobre a *Madri*. Sem nenhum receio disse que ia avisá-la quando fosse marcar para conversarmos profundamente sobre o assunto, e marcamos assim então para segunda-feira 4 de maio de 2015, acrescentando que estaria disponível na parte da tarde.

Chegando à data prevista para a conversa me direcionei até a sua residência no horário marcado e nos deslocamos para minha residência. Como achamos o local apropriado no momento, iniciamos a conversa que foi de ótimo proveito. Posteriormente nos vimos novamente em uma sessão de benzimento que acompanhei e registrei por foto.

- **Eugenio Paidano**

Após o falecimento de sua mãe em 1955, Eugenio estava com 13 para 14 anos, com essa idade decidiu viajar pelas cidades de Manaus, Porto Velho, Guajara Mirim, Alto Solimões, Boca do Acre. Retornando para São Gabriel da Cachoeira em 1960 com seus 20 anos de idade. Em seguida se casou com uma mulher da etnia Dessana do Rio Ualpés. Ele é Baré e filho de moradores da comunidade Baré Ilha do Açaí, morou no sítio Trovão durante nove anos. Não queria morar na sede do município, pois seus avôs moravam na ilha do *Cumati*. Relata que o benzimento é coisa séria, falando que não se pode “brincar” com tal situação, pois o objetivo é extrair as coisas ruins, ao se referir as doenças. Trabalha com isso há 20 anos, fala que vê o que a pessoa está pensando quando vai chegando a sua casa e

que, uns pensam “será que esse velho sabe?” fala que muitas pessoas o procuram com a dúvida, mas quando é assim, ao mandar benzer ai não funciona, porque não acreditam. Ele conta que se dirige a Deus que está observando tudo, e diz às pessoas que quando for a sua casa que venham com fé, pois aprendeu a benzer com fé e não com dúvida.

A história de São Gabriel ainda está viva em sua memória e se refere aos antigos prefeitos como Ambrósio; quando ele saiu veio Naval, depois foi Juarez, do Juarez foi Augusto e diz que viu tudo. “São Gabriel só era aquela rua da frente e correio, só mesmo, esse barracão da prefeitura era de caraná” diz Eugenio. Sua especialidade são várias, benze para diversas causas, tais como doenças causadas por seres encantados, dores etc. Ressaltamos aqui que o conceito de doença pode ser segundo Muller (1996):

“As doença causadas são: excessos cometidos pela mãe de um recém-nascido (teria tido muitas relações sexuais durante a gravidez), provocando feridas no couro cabeludo do filho; feitiço feito através da comida; introdução, pelos espíritos, de pequenas flechas no corpo da pessoa, próximo de órgãos como o coração, o fígado, o que aos poucos leva a morte”. (pg. 162)

Sendo assim o localizei a partir da indicação de minha tia no dia 05 de maio deste ano, em que me dirigi até a sua residência para explicar sobre o projeto de pesquisa e para marcar um dia para conversamos. Porém, quando cheguei até o local, imediatamente o benzedor chamou-me em particular para entrarmos em um quartinho bem na entrada de sua casa, cujo local era para justamente atender os doentes que o procuram, e ele também falou: *yãde taite ti ta escrevei* “nos coitado ninguém escrevi” então ele aceitou contar sobre *mutawarisá*, ficando marcado então para o dia seguinte às 17h no mesmo local. No dia previsto nos encontramos e ficamos em uma mesa na entrada de sua residência. Conversamos bastante sobre o assunto, falou também que no dia seguinte iria uma criança que estaria com doença causada por *majuba*, porém fui cedinho até a casa para conhecer a tal criança, mas infelizmente não apareceu ninguém até o momento aguardado.

- **Leonardo Henrique**

Desde os 12 anos trabalha na roça no mato com piaçava, cipó, em um igarapé cujo nome é *ukukirãna*, colhendo seringa. Após o falecimento da mãe, foi trabalhar em outro

local. No dia 23 de abril de 1977 saiu de Santa Isabel mudando-se para São Gabriel em 4 de maio de 1977, com 22 anos, e passou a trabalhar novamente com produto (piaçava, cipó), pois naquela época não havia outros tipos de emprego, só era coleta de produtos. Casou e foi morar na Venezuela, pois a maioria de seus parentes reside lá. Retornando da Venezuela, morou na ilha do açai e dessa comunidade ele não sai, pois já tinha se acostumado, não gostando de estar na cidade, pois no sítio tem sua roça e pesca para sobreviver. Atualmente tem 66 anos e seis filhos. Sua especialidade são doenças de *majuba*, dores, *cubrelu*, quebrante etc.

Ele se desloca de sua comunidade uma vez por mês para a sede do município para receber sua aposentadoria. Em uma dessas vindas à sede, sua filha me avisou que ele estaria em sua residência, então me direcionei ao local e expliquei sobre o projeto de pesquisa. Sendo assim, Leonardo aceitou em colaborar com as suas informações. No mesmo dia, na mesa da cozinha, acompanhado de um chibé de buriti começamos a conversar sobre benzimento. Esse dia foi de ótimo aproveitamento, pois no final da tarde chegou em sua residência uma senhora com uma criança no colo, falando que avisaram a ela que Leonardo sabia benzer. Ele disse com sinal positivo que sabia e mandou a mãe sentar e benzeu na criança que, segundo o benzedor, estava com cubrelu.

- **Felisberto da Cruz Henrique**

Nasceu na comunidade Baré de Ilha das Flores e depois foi morar com o pai na comunidade de Ilha do Açai, onde seu pai nasceu, e onde está vivendo com a sua família na atualidade. Desde muito cedo trabalhou na roça com produtos tipo cipó, sorva, (que em nheengatu é *kumã*), seringa, borracha e depois da extração vendia para o patrão Ronil Garrido de São Felipe. Hoje tem 63 anos e sete filhos. Sua especialidade é dor de dente, mãe do corpo e febre.

Soube de seu conhecimento sobre benzimento através de minha mãe. Resolvi incluí-lo na pesquisa de campo para saber sobre como foi tal aprendizado e outras coisas. Então no dia 05 de maio de 2015 fui até a casa onde ele se hospeda por temporada na sua

residência localizada na sede do município, para explicar sobre o trabalho e marcar um dia um horário permanente para conversarmos.

Entretanto, quando estávamos acertando os detalhes, as pessoas que estavam nas proximidades e ouvindo a conversa, tais como sua esposa e suas irmãs, todas Baré, ficaram entusiasmadas e perguntaram mais sobre o assunto da pesquisa com os Baré. Explicando mais profundamente, fizeram comentários na língua nheengatu: *'Baré tá, titaputai ta có, baniwa, tukano tá tiana'*, “os Baré, eles não querem saber, agora os Baniwa, Tukano tem muito”. Bastante animadas me indicaram outro parente que não haviam lembrado. Marcamos então para o dia seguinte às 15h em minha residência, mas como choveu bastante nesse dia o senhor Felisberto não apareceu. No dia seguinte retornei até sua casa e em baixo de algumas plantações de açaí nos sentamos na sombra e começamos a conversar referente ao benzimento.

Capítulo 1

“MIRAITÁ PURÃGA”⁶: OS BARÉ DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA – ALTO RIO NEGRO



Foto tirada do sítio Paraúa no ano de 2016.

⁶ Em português significa pessoas boas

Nós, os Baré da atualidade da região do Rio Negro não sabemos descrever o significado da designação Baré, nome usado por nossos antepassados. Atualmente os mais velhos não sabem nos dizer o que denota exatamente a palavra Baré. Hoje em dia se escuta frequentemente os mais velhos falarem “meu pai sabia muita coisa, mas ninguém se interessou de aprender com ele as orações”. Todavia, Silvia Vidal *apud* Maia Figueiredo (2009, p.32) supõe que *Báale* ou Baré, além de denotar a cor branca, a claridade e a luz do sol, foi o nome de um grande chefe (*wákali kumálege*) dos Baré.

Pode-se considerar que esses grandes chefes não mais comuns ou presentes junto aos Baré contemporâneos, podiam ser também poderosos pajés. Infelizmente hoje não há mais menção a eles em território brasileiro. Ouvei falar durante a minha pesquisa que na Venezuela ainda há esse tipo de pajé e pessoas falantes da língua Baré. Porém, atualmente nas comunidades é dado o nome de ‘capitão’ para os representantes de comunidades e benzedores para as pessoas que curam as doenças.

Em relação ao significado da palavra Baré, Silvia Vidal (*apud* Maia Figueiredo, 2009) informa que:

“Outras composições seriam possíveis para o etnônimo derivado do nome do antigo líder/pajé *Báale*: *Báale-jéntibe* (os filhos de *Báale*), *Báale-kinánu* (gente-Baré), *Balénu* (os Baré) ou *Báalenai* (como os Baré costumam ser chamados por outros povos, tais como os Baniwa, os Curripaco e os Werekena)”. (pg.32)

Percebe-se que os nossos antepassados Baré já adotavam os sistemas macro políticos, nos quais eram liderados por grandes e importantes pajés. Era comum no Alto Rio Negro usar o nome de seus grandes chefes para designarem a sua comunidade e seu povo, colocando a confiança destes perante o chefe.

1.1 Breviário histórico do município de São Gabriel da Cachoeira

Um dos primeiros nomes do município foi povoamento do Alto Rio Negro que aparece nos primeiros registros datados de 1967 correspondendo ao período em que os jesuítas, fundaram na foz do rio Tarumã, um aldeamento de indígenas (Orlando Baré, 2010). Com a

posterior expulsão dos Jesuítas da Amazônia, a aldeia ficou abandonada. A expulsão dos Jesuítas é assim explicada por Cabalzar (2006) que afirma:

“Durante a viagem numerosos remadores indígenas fugiram e Mendonça Furtado não conseguiu substituí-los devido ao despovoamento dos centros missionários. Estranhando as aldeias vazias, resultados dos inúmeros descimentos de índios e de uma recente epidemia de varíola, ele atribuiu o fato ao egoísmo dos missionários jesuítas que queriam ‘guardar os índios para eles’. Quando voltou de sua viagem, ele reportou esse fato ao seu meio-irmão, o Marquês de Pombal, então o funcionário mais poderoso da Coroa Portuguesa. Em consequência disto, Pombal tomou medidas drásticas em relação aos jesuítas”. (Cabalzar, 2006, pg.79)

Referente ao assunto, Hill (1996) (*apud* Melo, 2009) conta que em meados do século XVIII, aconteceu uma campanha de “descimentos” que arrastou cerca de 20 mil índios de seus territórios de origem. Este evento, acontecido entre os anos de 1740 e 1750, gerou novas identidades e redes sociais. Também foram configuradas novas formas sociolinguísticas, modelos de organização política e, inclusive, surgiram novos grupos etnolinguísticos que se inseriam nas fronteiras compartilhadas dos territórios Aruak.

A partir de 1665, com a repartição das aldeias, o Rio Negro ficou sob o domínio da Ordem Carmelita, que aproveitou os aldeamentos jesuítas e os expandiu ao longo dos primeiros anos no Rio Negro. Somente em 1759-1760 um destacamento militar se estabeleceu na região, construindo um forte. Para os povos indígenas, esse período significou a destruição quase completa de seu território pelos militares portugueses e também a diminuição da população nas aldeias em decorrência dos ‘descimentos’, uma forma de escravidão velada que levava os índios ao trabalho nas embarcações e agricultura. A presença militar explicitou a necessidade de uma representação indígena na luta pela terra (Barbosa, 2004).

Entretanto Cabalzar (2006) assegura que a estratégia militar naquela época era diminuir as terras indígenas que eram ocupadas pelos índios, diminuindo ao máximo essas áreas com a linha da fronteira internacional. Porém foi derrotado no congresso e o texto finalmente aprovado e concluído na Constituição Federal de outubro de 1988, consagrando aos índios o direito ao usufruto das terras que tradicionalmente já eram ocupadas por eles, cabendo ao Estado reconhecer e demarcá-la.

Após, formou-se em torno do forte uma povoação reconhecida em 1833 com o nome de São Gabriel, dando-se a evolução da região com consequências sentidas pela população gabrielense e relatadas pelos antigos como uma forma de vida que incluía trabalho para os homens, novas relações com a igreja e outro tipo de aprendizados para as mulheres da região.

Contudo o Instituto de Cooperação Técnica Intermunicipal - ICOT (1991) acrescenta que em 25 de junho de 1833, no local onde se construiu o forte de São Gabriel, surgiu pouco mais tarde, a povoação que tomou o mesmo nome de forte e que foi levada à sede de freguesia. E, em 03 de setembro de 1891 pela Lei Estadual nº.10, é criado o município de São Gabriel da Cachoeira, com território desmembrado de Barcelos e com a mesma denominação de São Gabriel.

Uma das marcas na região foi à chegada dos salesianos que consideravam que só seria atingida a consciência dos adultos e idosos, velhos na fala dos indígenas, através de seus próprios filhos, depois que estes tivessem sido formados numa educação cristã e rigorosa. A eficácia deste método se deu ao fato das crianças que iam para as missões e se afastavam de seu lugar de origem, de sua família e eram formados quase que exclusivamente a partir do ideário e das rotinas da missão. Cabalzar (2006) acrescenta que a vida das crianças na missão era caracterizada por uma rigidez e disciplina extremas, os horários de todas as atividades eram rigorosos e devia ser obedecida, a separação dos sexos era absoluta, e era expressamente proibido o uso dos idiomas indígenas, até mesmo por aqueles recém-chegados que não falavam uma só palavra do português. A atuação dos salesianos é descrita da seguinte maneira:

“A atuação dos salesianos desde o começo foi baseada na truculência e na perseverança. A truculência da chegada, do anseio em batiza-los e em destruir todos os sinais da diferença. A perseverança em erguer os centros missionários, no esforço de levar as crianças de suas casas para serem educadas nos internatos da Missão. Os salesianos se apoiavam na convicção de que só conseguiriam mudar os índios de maneira eficaz com a ênfase no sistema educacional, voltado para as crianças e jovens, que já era uma marca do trabalho desta congregação. (FOIRN-ISA, 2006, p.95)

O rigoroso controle era justificado a partir das regras morais e cívicas da sociedade brasileira e, principalmente, a partir dos ensinamentos da tradição judaico-cristã da bíblia, interpretada conforme sua vertente católica, aproveitando a grande ameaça do castigo do inferno para os pecadores que não cumprissem os mandamentos. A interpretação radical do princípio de pureza bíblico, por exemplo, levou os missionários a proibirem rigorosamente nos internatos qualquer contato social entre jovens de sexos opostos, em qualquer espaço, seja na igreja, seja na escola e nos espaços de trabalho. A obediência dos alunos indígenas era resultado, em parte da consciência da dívida infinita com Deus (impagável) e pelo medo, não dos missionários, mas do castigo do inferno, imposto por estes (Luciano, 2011, pg. 139).

Essa situação se compara com os relatos dos antigos (que hoje são de conhecimento público) a respeito das exigências impostas aos alunos dos salesianos. Alguns, contam, hoje em dia, episódios significativos da vida nestas casas. Por exemplo, um homem indígena contou que certo período um padre alemão ficou como diretor da casa de Pari-Cachoeira onde as crianças não podiam tomar banho ao acordar, prática indispensável na rotina dos índios. Parentes Baré me contavam que na igreja havia a divisão entre os sexos, cada um ficava de um lado, ao entrar não se podia sequer olhar para o lado e, durante toda a celebração, todos deveriam manter os olhos fixos no oficiante senão poderiam ser agredidos com tapas ou castigos. Enfim, tratava-se de um ambiente completamente estranho à realidade local, no qual ideias tais como as de pecado, indecência e violação eram projetadas sobre os atos mais simples.

Os salesianos causaram um impacto, chegaram com uma visão de dominar e pra dominar eles tinham que fazer com que os Baré se adaptassem ao modo deles, ao ensino deles, praticamente não tão autônomo de como os Baré viviam na região.

Afirma Marivelton Baré que por um lado inicial a atuação dos salesianos foi ruim, porque houve muitas perdas e os modos desses povos existirem atualmente não são as mesmas que existiam nessa época. Por conta disso bem pouco se fala a própria língua, mas por outro lado teve a consequência que adaptaram outra língua que não era a sua original. Por outro lado também nos prepararam depois de todos esses pontos ruins, como a gente lidar com a sociedade envolvente. Mais tarde, até os dias de hoje, houve uma grande perda

cultural, como a perda das línguas, das próprias danças, das mitologias que nem muitos hoje conhecem.

A vantagem foi uma comunicação mais social, isso fez com que muitos Baré falassem mais fluentemente o português, e isso facilitou a comunicação com os não indígenas, facilitando o acesso a outras tecnologias na contemporaneidade.

Luciano (2011, pg. 140) conta que a segunda característica é o rigor nas aplicações das regras disciplinares impositivas, envolvendo pesadas sanções, punições e castigos físicos, psicológicos e morais. A desobediência a qualquer regra era passível de punição e castigo, que ia desde ficar sem refeição ou ficar em pé junto a uma coluna por horas, até mesmo chibatadas deferidas pelos missionários e seus assistentes. Talvez os piores castigos não fossem os de modalidade física, mas os que tinham fim moral e psicológico, como os que ele viveu nos últimos anos em que ficou interno na Missão de Taracúá, em 1978.

A terceira característica é o combate sistemático as principais tradições indígenas, em nome dos princípios e ensinamentos bíblicos do cristianismo. As cerimônias, os rituais, as festas, as danças e os conhecimentos tradicionais dos pajés sobre medicina natural ou xamanismo foram condenados como demoníacos e, portanto, combatidos e eliminados em nome da nova fé. Os pajés, os chefes de cerimônia e os mais velhos, guardiões de toda sabedoria ancestral, foram os mais perseguidos por meio de injúrias e difamações. Eles eram comparados a demônios ou criminosos (Luciano, 2011, pg. 140).

Portanto, a partir dessa época houve uma perda muito grande da cultura indígena. Então, para haver a valorização e a manutenção da cultura indígena na contemporaneidade, é necessária uma série de iniciativas que envolvem acima de tudo o respeito e a dignidade, mobilizando não somente a sociedade não-indígena, mas a efetivação de um processo de conscientização pelo próprio índio. Ensejando que o mesmo precisa ser o executor e mantenedor de sua cultura e dos seus costumes. Com isso, poder-se-á preservar e conservar esta cultura através dos tempos. Esse anseio pode ser fundamentado na Constituição da República Federativa, no Art. 231 da Constituição Federal de 1988 que diz: “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo a União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”.

Contudo Ricardo (2006) diz que em meados dos anos 70 um acontecimento marcou definitivamente a vida dos indígenas das comunidades da região e o aspecto da cidade de São Gabriel. Refere-se ao fechamento dos internatos salesianos nos anos de 1984 a 1987, sendo encerrado o funcionamento dos internatos de Iauarete, Taracuá no rio Uaupés e de Assunção no rio Içana. Com isso, as famílias indígenas se sentiram obrigadas a mudar-se para a cidade, para permitir que seus filhos tivessem acesso às escolas. Houve, assim, um inchaço da população no centro urbano e nos centros missionários.

Esse processo continua nos dias atuais, pois as famílias que residem em comunidades indígenas vêm rumo à sede do município de São Gabriel da Cachoeira para introduzir seus filhos nas escolas salesianas. Sendo que essas famílias passam a morar na cidade para acompanhar os seus filhos nos estudos.

1.2 Alto Rio Negro - *Yawara Akãga*

A região do Alto Rio Negro é constituída como a última fronteira do noroeste da Amazônia, conhecida como *Yawara Akãga* traduzindo para o português é “cabeça do cachorro”, por ter a forma semelhante a este animal nos mapas. Limita-se ao norte com a República da Colômbia e República Bolivariana da Venezuela. Trata-se de uma região que fica a 852 km, em linha reta, de Manaus, capital do Amazonas. O trajeto mais comum é realizado por barcos que demoram de São Gabriel da Cachoeira até Manaus cerca de três dias, e no trajeto inverso uma média de cinco dias. Essa previsão de tempo é para quando o rio se encontra em cheia, pois quando o rio está em época de seca, fica complicada a locomoção, não havendo como os barcos realizarem seu trajeto devido às pedras, bancos de areias e cachoeiras. Neste caso, a locomoção é realizada por lanchas e por avião.

Atualmente a população Baré esta crescendo. Segundo Melo (2009) que reflete sobre o senso Venezuelano de 2001, conta que Perez (mimeo) notou aumento de 248% da população Baré e também daqueles que declararam falantes Baré. Pois no censo de 1982 havia 1.265 Baré, em 1992, 1.136, em 2001 foram contadas 2.815 pessoas que se identificavam como Baré, sendo que 239 se declararam falantes da língua Baré. O território dos Baré é, de acordo com Antonio Peres (*apud* Maia Figueiredo, 2009, p.33), uma extensa região compartilhada por outros povos, que ia desde a foz do rio Marié, no médio Rio

Negro (na margem direita), estendendo-se pelas beiradas das duas margens do Alto Rio Negro até o Cassiquiari e Alto Orinoco.

Segundo o informe do Instituto Socioambiental –ISA, publicado em seu site a região do Rio Negro tem mais de 109 mil quilômetros quadrados de área; habitado por 23 povos indígenas espalhados por mais de 550 comunidades, e que fazem de sua sede a cidade mais indígena do país; São Gabriel da Cachoeira está situado na tríplice fronteira entre o Brasil, Colômbia e Venezuela- uma importância geopolítica confirmada pela presença crescente de militares; cercado de floresta amazônica por todos os lados e incluído na maior bacia de águas pretas do mundo.



Figura 1 - Localização de São Gabriel da Cachoeira no Alto Rio Negro
 Fonte: Instituto Socioambiental – ISA, 23 de agosto de 2015.

O município de São Gabriel da Cachoeira, no noroeste amazônico, está em primeiro lugar, por exemplo, tanto em números absolutos, quanto percentualmente, entre os que concentram maior população indígena em área urbana e em segundo lugar entre aqueles

com maior população em área rural. Com uma população indígena de 29.017, São Gabriel tem 18.001 indígenas em área rural e 11.016 em área urbana. Os Baré estão no Amazonas, especificamente no rio Negro, sendo 10.623 (Siasi, Sesai, 2012) e na Venezuela são 2.815 (INE, 2001), pertencendo sua língua tradicional à família linguística Aruak.

Nessa região, existe o maior número ou a maior concentração de etnias indígenas, sendo 23 etnias reunidas e cerca de 20 línguas faladas pertencentes às famílias linguísticas Tukano Oriental, Japurá- Uaupés, Aruak do tupi-guarani e Yanomami. A região é chamada por algumas pessoas como “terra das línguas”, ou seja, a região com a maior diversidade cultural e linguística do Brasil, sendo que 95% da população é indígena.

No Alto Rio Negro, em caráter excepcional foram reconhecidas como línguas oficiais ao lado do português, três línguas indígenas aprovada pela lei municipal nº. 145 de 22 de novembro de 2002: o Nheengatu, o Tukano e o Baniwa. Essas línguas são tradicionalmente faladas pela maioria dos habitantes do município de São Gabriel da Cachoeira.

Contudo, Almeida (2007) relata que a iniciativa de co-oficialização das línguas traz o território indígena para dentro das repartições públicas, dos logradouros públicos, das agências bancárias, das escolas, dos hospitais e dos locais de entretenimento; relata ainda que:

“Quando o Brasil foi descoberto, viu que a terra já era habitada por pessoas, as quais os invasores passaram a chamar de selvagens. Com a chegada dos mesmos, trouxeram consigo suas ideologias e passaram a nos ensinar como se vestir, o que comer como viver bem como também nos ensinaram a sua língua”. (Almeida, 2007, p.51)

Razão pela qual ainda é muito comum, quando se fala sobre as línguas usadas no Brasil, vir à mente, primeiramente, o português e o inglês. De forma que quase não lembram o Nheengatu, o guarani, o Baniwa entre outras línguas indígenas. Logo percebe-se que o Brasil não está preparado para conviver com a diversidade cultural e linguística do país. Entretanto, falar de trajetória de indígenas e suas interações com o branco faz-nos lembrar de diversidade, pois Garnelo (2003) descreve o seguinte:

“O índio é normalmente visto como um indivíduo ligado a natureza, que vive num universo oposto ao das sociedades modernas e que, por isso mesmo, não é capaz de compreender o nosso mundo, as nossas regras e os nossos valores. Essa construção uniforme da figura de índio e, conseqüentemente, das suas necessidades e qualidades gerou um conjunto de práticas governamentais que visava, prioritariamente, garantir a expansão das fronteiras da sociedade nacional mediante a pacificação dos grupos indígenas e o estímulo a sua incorporação a sociedade brasileira”. (Garnelo, 2003, p.12)

Desse modo, muitos parentes Baré deixavam de se comunicar em nheengatu para estabelecer um discurso na língua introduzida pelos invasores, o português. Veja-se que nossos antepassados não usavam o português e sim a língua Baré e posteriormente o nheengatu, pois é sabido que a região foi habitada por diversos grupos Baré desde muitos séculos antes da chegada dos não-indígenas.

O arqueólogo Eduardo Góes Neves, realizou pesquisas em 1988 no atual povoamento de Marabitana, região de Uaupés, e relatou que índios viviam por lá pelo menos há 3.200 anos, ou seja, 1.200 anos antes de Cristo. Esses índios produziam cerâmica bastante fina e escura, segundo Neves. Na minha região foram realizadas poucas pesquisas arqueológicas, mas se sabe que os índios já viviam nessa região há muito tempo (Cabalar, 2006).

Essa afirmação pode ser reforçada por meio de grandes cacos de pote encontrados nessa região, quando se faz uma roça ou depois de uma chuva muito forte. Esses cacos indicam que as aldeias já eram habitadas no passado, em São Gabriel da Cachoeira mesmo. Na praça localizada em frente à Catedral ao lado do colégio salesiano, há muitos cacos de cerâmica que indicam que ali antigamente havia um povoamento indígena, e muito provavelmente pode ter sido o povo Baré.

1.3 Contextualização Histórica dos Baré, o povo do rio

No Brasil todo mundo é índio, exceto quem não é. E quem, não é? Aqueles que a feitiçaria capitalista e a máquina colonial conseguiram transformar em pobres (...). (Viveiros de Castro, 2015, pg. 13)

Segundo Braz França Baré (2015) o povo Baré surgiu no período colonial, quando uma grande embarcação subia o Rio Negro com casais humanos incluindo um único homem solteiro, que por ele não ter esposa teria sido expulso do grupo dos casais, motivo pelo qual então este homem se jogou do navio e logo foi raptado pelas mulheres guerreiras que viviam nas margens sem a presença de homens.

Devido a seu sexo masculino, deram-lhe o nome de gente-cobra, *Mira Buia* e adotado como semental (pessoa que iria multiplicar a geração). Segundo a história, deveria gerar filho com cada uma das Amazonas e depois de cumprir com o objetivo gente-cobra seria morto. Mas aconteceu que ele se apaixonou pela mais bela e mais jovem chamada Tipa, com quem fugiu se colocando no baixo Rio Negro, onde sua família prosperou. No final de três décadas, o Deus Tupã enviou o seu mensageiro, *Poronominaré*, que lhes ensinou as artes do bom viver e devolveu o casal fundacional novamente ao povoado das mulheres guerreiras e dessa união tiveram filhos e netos dando surgimento aos Baré, que contaram com a ajuda de *Poronominare* para aprender a fazer canoa, remos e outras coisas. Essa história ensinada pelos antigos Baré é de acordo com o autor acima, enquanto ao local ocupado naquela época:

“(...) a origem do povo Baré, que ao longo de milhares de anos conseguiu ocupar toda a calha do rio negro até a cachoeira de Tawa (aldeia), onde os primeiros ocupantes deste local, hoje denominado São Gabriel da Cachoeira, foram os irmãos curucui e burubui”. (Braz França Baré, 2015, pg.38)

Isso me faz lembrar a minha avó que chamava São Gabriel de *Tawa*. Na parte central da sede do município a grande maioria dos moradores são minha família Baré e em sítios próximos de São Gabriel desde esse local até a comunidade da Ilha do Açáí. Esta região está atualmente ocupada por meus pesquisados, alvos, desta dissertação. Mas depois do surgimento, muitos anos depois apareceram os missionários para afastar desse povo a cultura tradicional Baré, conforme nos conta Braz França Baré (2015):

“Apareceram os primeiros missionários. Eles tinham o propósito de aldear os índios, com a intenção de livrá-los da garra dos patrões e submetê-los a crer em Deus através da evangelização católica. Essa investida, no entanto, foi pior do que qualquer

sofrimento físico, pois obrigou os índios a abandonar várias de suas práticas culturais, como as curas, as festas de dabukuri, os rituais de preparação dos jovens e suas formas de homenagear e agradecer o grande criador do universo. Tudo isso levou ao diabólico na lei dos missionários. Nos grandes prédios das missões, foram criadas escolas onde os índios eram obrigados a falar a língua portuguesa e a rezar em latim. (Braz França Baré, 2015, pg.39)

A exploração dos padrões e a imposição dos primeiros missionários, obrigando o povo a aceitar um novo ensinamento, forçando-os a abandonar e esquecer suas práticas, festas e rituais sagrados, atualmente faz muita falta para nova geração, pois esse conhecimento perdido faz com que as práticas de cura sejam abandonadas e esquecidas. A história de violência relacionada à exploração dos índios atingiu também os Baré, tanto aqueles que moravam no Brasil, quanto os seus parentes que moravam na Venezuela, levando-os a longas migrações ainda lembradas pela tradição oral. Outra lembrança ainda viva se reflete nos dias atuais nas festas de santo dos Baré. A reza é feita às 20h durante todas as noites de festa em latim, como herança dos feitos das missões, e rezadas por todos (crianças, jovens e mais velhos). De acordo com Braz França (2015):

“Tanto a história de origem quanto os ensinamentos e rituais sagrados não possuem nenhuma comprovação registrada em livros ou cartórios, mas estão gravados na memória do povo e são repassados de pai para filho de geração em geração. Por viver no rio negro, esse povo foi o primeiro a manter contato com os colonizadores portugueses, holandeses, franceses e espanhóis. O modo de vida atual desse povo seria rejeitado pelos velhos, pois seu comportamento é totalmente diferente daquilo que foi ensinado pelos seus ancestrais”. (Braz França Baré, 2015, pg.31)

Entretanto, através do contato com o homem branco, os modos de vida mudaram basicamente. Foram introduzidas diversas coisas desde muitos anos atrás, sendo interessante acrescentar que em um documento transcrito por Wright o primeiro povo indígena a ser citado pelo padre Szentmartonyi foi o Baré. Então, comprova-se que o contato é desde antigamente, segundo a carta transcrita por Wright (*apud* Maia Figueiredo, 2009) mostra um pequeno trecho que diz o seguinte:

“Na subida do rio negro, o primeiro é o rio Anavingena [Anavilhena], a direita, e depois o Paravingena [Rio Branco]. Depois, a esquerda, é o Majuisshi, cinco dias distante do Arraial,

onde estão os Baré, que habitam ao longo do mesmo rio negro. Depois, a esquerda de Majuisshi, vem o Aisuara, onde os mesmos Baré estão”.(Szentmartonyi,1749 *apud* Wright,2005 *apud* Maia, 2009 p.42)

A partir do relato deixado pelo padre Szentmartonyi nota-se que os traficantes de escravos já haviam mapeado grande parte da região. Atualmente, o meu povo Baré é conhecido na região como o “Povo do Rio” por habitar comunidades próximas às margens do rio. Segundo Ricardo (2006)

“Os índios que ocupam as margens dos rios principais se organizam em ‘comunidades’, nome dado a décadas pelos missionários católicos e adotado também pelos protestantes aos povoados que vieram a substituir as antigas malocas comunais, que eram grandes casas que serviam de moradia para várias famílias”. (pg.33)

Aproximadamente há três gerações, os índios não moravam em malocas, estas estão presentes apenas na memória. As malocas atuais foram construídas na sede da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, no município de São Gabriel da Cachoeira. A grande maioria dos índios da região ocupam as margens dos rios principais e se organiza em “comunidades” para identificar suas aldeias, nome dado há décadas pelos missionários católicos.

Nós, os Baré, somos vistos pelos outros índios da região como não totalmente índios. Isto porque, o contato constante com a sociedade não indígena fez com que aprendêssemos outros costumes, mas isso não altera a nossa condição e reconhecimento como índios. Ainda trazemos nossos costumes ensinados pelos nossos avós, “se não somos índios, somos *cariua* (não índio) então” disse uma tia Baré durante a pesquisa. Por conseguinte Viveiro de Castro (2015) aponta a seguinte hipótese:

“Atenção, porém: eles são “o povo brasileiro, mas não são exatamente não índios. Eles não são mais índios sem serem por isso não índios, isto é branco. Não são nada. São o que mais convém ao outro dizer o que eles são. E quando eles procuram recuperar sua condição- jurídica, antropológica, coletiva, distintiva – de índio, quando invertem o estereótipo e reivindicam que são índios porque são Baré e não índios porque ‘Baré’ é o nome dos índios que não são mais índios, então se lhes acusa de serem índios falsos. Isto é, de serem índios que se deixaram falsear, fraudar, pela promessa dos brancos(...) de que

se deixassem de ser índios, virariam brancos. E jamais viraram. Ficaram no meio, nem índio nem não índio, nem cristão, nem pagão, ou, pior os dois ao mesmo tempo. (Viveiros de Castro, 2015, pg. 10)

Esse não é o caso dos Baré do Alto Rio Negro que estou trabalhando. Diante do fato de que o autor teve acesso apenas a trabalhos produzidos sobre os Baré, as suas afirmações podem ser mal interpretadas pelas pessoas que não conhecem de perto a situação do povo que se reconhece como descendentes dos Baré que historicamente habitaram a região do Alto Rio Negro. Desse modo generalizar o uso do termo Baré como fez o autor esconde uma realidade mais complexa que envolve aqueles que se assumiram como Baré e os descendentes direto desse povo.

Partindo disso, não concordamos com o autor ao falar que nós não somos índios, pois estamos aqui presentes justamente como outros povos do Alto Rio Negro defendendo o que é nosso, tais como, nossas terras, nossos costumes, nossa ideologia, nossa língua e nossa historia. Enfim, tudo que nos pertence por direito. Se na visão dos outros índios e *kariwas*⁷ nós não somos índios, digo então que somos índios sim. Pois não vemos diferença nenhuma! Não tomamos o *kaxiri*⁸ por não fazer parte da cultura Baré, pois as nossas bebidas são o aluá e a garapa que conhecemos. E, também, plantamos roça e temos nossos sítios nas margens do rio. De acordo com Marivelton Baré (2015):

“Nossas praticas culturais de danças, sim, ainda estão bem vivas hoje, que podemos vivenciar e mostrar na região do rio negro acima de São Gabriel da Cachoeira. Hoje somamos a décima população indígena do país, tempos atrás, ate 1990, éramos dados como uma população extinta da região, que não existiria mais o povo Baré no rio negro. Mas, com a luta pelos direitos territoriais e garantia do território, o povo Baré se posicionou e mostrou que não era o povo extinto, mas, sim, vivo e ali presente”. (Marivelton Bare, pg. 23, 2015)

⁷ Pessoas não indígenas.

⁸ Bebida feita por outros povos indígenas.

Então, não entendo porque os Baré não seriam índios. Seria apenas pelo fato de adquirirmos conhecimentos dos brancos? Mas isso não faz com que deixemos de ser índio! Isso nos faz lembrar a ideia de Miranda (2015) que fala o seguinte:

“Ao refletir sobre os Baré, mais que redimensionar o imaginário ocidental em torno de visões do mundo segundo as quais os índios são considerados seres inferiores, ignorantes em face de ausência de conhecimentos necessários a vida nas sociedades capitalistas, cabe pensar em formas efetivas de dar novos significados a sua cultura, bem como valorizar sua identidade” (Miranda, 2015, pg.07)

Por conta disto é que foi pensado e criado o livro Baré: povo do rio, lançado no ano de 2015, para demonstra que ainda estamos presentes, em conversa com o Marivelton Baré, um dos organizadores do livro, atual presidente da Federação das Organizações do povos Indígenas do Rio Negro – FOIRN, contou-me que eles já pensavam em organizar o livro, mas pensavam de que forma e como iriam organizar, sendo a pauta principal a questão da revitalização da língua original dos Baré. O antropólogo Gersem Baniwa deu a ideia para Marina da SESC de São Paulo de realizar um trabalho com os Baré do rio negro, pois havia pouca coisa publicada dos Baré. Então ela apoiou o trabalho oficial da organização do livro. Logo após esse contato Marina conversou com Marivelton em Santa Isabel, contactaram Marivelton e Luiz pontes sobre as histórias contadas de pai para filho que os avós transmitiam. Após essa ideia resolveram publicar essa trajetória mitológica e, claro escrever sobre a existência do povo Baré no rio Negro, pois os Baré habitam a calha principal desse rio, bem como os seus afluentes.

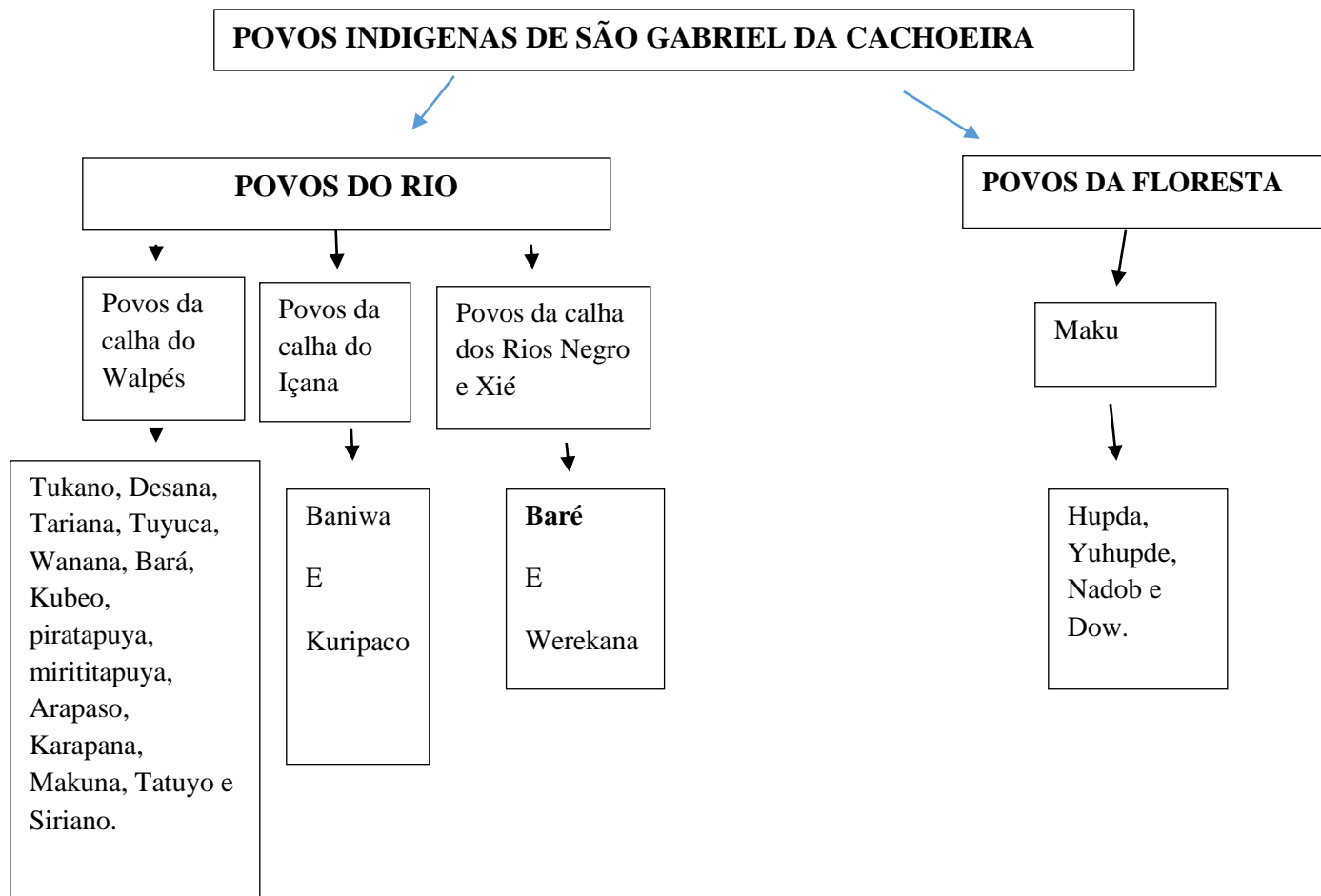
Reafirmando contra o posicionamento da Fundação Nacional do Índio - FUNAI nos anos 90 que dizia em uma nota oficial que os Baré do rio negro haviam sido extintos, organizaram a publicação do livro Baré povo do rio, para mostrar como eles se auto-afirmavam novamente. Mostrar que não só afirmamos ser Baré, mas mostrar também, concretamente, como um livro publicado. A ideia surgiu em 2007, tendo apenas o andamento do trabalho em 2012. Houve trabalho de campo, com ida nas comunidades, participando de todo um processo, explicando sobre o livro, a importância dele, pois não adiantava apenas falar verbalmente que os Baré existem, pois não havia livro publicado

mostrando a realidade. Desse modo, atualmente, temos livro e vídeo publicado, além de teses e dissertações sendo produzidas.

Outros autores foram selecionados, além de Marivelton Baré e Bráz Baré, selecionaram aqueles que fizeram trabalhos na região como Paulo Maia, Beto Ricardo. Resolveram chamar também o Viveiros de Castro para contribuir com o prefácio do livro, como alguém que não trabalhou diretamente com esse povo, mas que tem um trabalho social bem abrangente. Queriam saber qual era a percepção e a visão dele com relação a esse povo Baré que depois se reafirmou índio Baré, que era pra ele contar o que é a resistência de um povo até aqui. É por esse motivo que na entrevista do lançamento do livro da SESC, ele afirmou que nunca tinha visto e dialogado com um Baré.

Segundo Marivelton Baré falou, estão organizando outro livro que será sobre fibras e artesanato que os Baré utilizam, especificamente só do povo Baré, fazendo um levantamento para informar sobre esse aspecto de cultura. Esse povo falou tradicionalmente uma língua que faz parte da família linguística Aruak, representados pelos Baniwa, kuripaco, Baré, Werekena e Tariana que vivem principalmente nos rios Negro e Xié, desde a calha do rio Negro do canal de Casiquiari na Venezuela até o Médio Rio Negro. Esses povos estão presentes também no baixo Xié e baixo Içana.

Abaixo apresento uma figura em que os povos indígenas do Alto Rio Negro são divididos em dois grupos que são os povos do rio e os povos da floresta, sendo que os povos do rio habitam as margens do rio em sítios e comunidades, ao contrário dos povos da floresta que habitam o interior da floresta, longe de rios. Esse esquema é uma representação de um conhecimento sobre as fronteiras de identidade e os territórios onde os povos do Alto Rio Negro habitam, identificados pelas calhas de rio onde se encontram, excetuando os maku ou nadahup.



A nossa língua original pertenceu à família linguística Aruak que era falada pelos antigos. No Brasil encontra-se praticamente extinta, porém segundo relatos de alguns Baré a língua Baré verdadeira ainda é falada no território Venezuelano, especificamente em São Carlos, por exemplo. No Brasil foi substituída pelo nheengatu, língua introduzida nos primeiros séculos da colonização pelos Missionários Jesuítas como Cabalzar (2006) comenta:

“Os Baré não falam mais sua língua original, da família Aruak. Com o contato com missionários e a colonização, adotaram a Língua Geral ou Nheengatu. Atualmente, esta língua representa uma marca de sua identidade cultural. A Língua Geral ou Nheengatu é uma forma simplificada do Tupi Antigo, falado em grande parte do Brasil nos primeiros séculos da colonização

portuguesa, e que foi adaptado e amplamente difundido pelos Missionários Jesuítas”. (Cabalzar, 2006, pg.32)

Porém com o tempo e o predomínio do português como língua oficial, a língua geral foi perdendo seu espaço na região. Mas sendo muito viva e muito usada na calha do rio negro, em seu curso médio e alto, inclusive em São Gabriel da Cachoeira e em alguns de seus afluentes, como no Baixo Içana e no Rio Xié. Na década de 1990 a língua Baré já estava em processo de desaparecimento, embora admitisse que a sua sobrevivência estivesse assegurada “pelos representantes mais velhos deste grupo étnico, mesmo que as pessoas não tão idosas e os jovens apresentam-se nas condições de semifalantes e não falantes” (Cunha de Oliveira, 1993, pg.8, *apud* Maia Figueiredo, 2009).

Durante minha pesquisa pude notar que realmente as pessoas não falam mais a língua original dos Baré. Lembro-me do meu avô materno que falava uma língua diferente do nheengatu, mas como não falava com frequência com nós, por passar mais tempo na Venezuela e Colômbia e pouco tempo no Brasil, não tivemos a oportunidade de aprender tal língua. Em conversa com o presidente da Casa de Saúde do Índio - CASAI, Luiz Brasão Baré, perguntei sobre o pajé que vive na Venezuela. Ele me respondeu que em 2006 estavam com um projeto para fazer um dicionário da língua original dos Baré, um projeto de resgate, mas que infelizmente, como o financiamento do projeto parou, não teve possibilidade de dar sua continuidade, o que foi uma grande perda para nosso povo. Confirmou ainda que realmente havia falantes da língua Baré na Venezuela e que o mesmo já estava bem idoso na época.

A missionalização teve um papel importante no desaparecimento da nossa língua no Alto Rio Negro. Segundo Farage (*apud* Maia Figueiredo, 2009):

“Atualmente os Baré são bilíngües, pois falam o português e o Nheengatu (Língua Geral Amazônica), Língua que se sabe foi introduzida pelos missionários Jesuítas e Carmelitas quando foram fundar as missões nessa região no século XVIII e o português que se tornou obrigatório pelo ministério pombalino (Pós- 1755) em substituição ao Nheengatu” (Farage, 1991, p.43).

Entretanto foi somente com a chegada das missões que o português foi introduzido na região, com a obrigação dos Baré falar o português, proibindo de falar o Nheengatu, que

nos dias de hoje ainda é lembrado pelos meus parentes. Portanto, durante a minha pesquisa, a irmã de meu avô Eunice Salgado Baré em uma conversa disse em relação ao uso da língua: “Culpado foram os padres (daquela época) que proibiram agente falar nossa língua, agora para esses Tukano não, eles apoiavam. Os salesianos proibiam a gente fala Baré, quem falava pegava nota baixa, os Tukano, Baniwa eles deixavam!”. Perguntei por que e com risadas disse: “acho que viram nossa cara de ‘karíwa’⁹. Então a língua nheengatu é reconhecida no rio negro como a língua dos Baré que os missionários ensinaram com a intenção de catequizar os índios para depois ensiná-los o português. Conforme o relato de Luciano (2011):

“Sem dúvida, os maus-tratos sofridos, os castigos físicos, a repressão cultural e moral e as violências de todas as ordens são inesquecíveis. Relato como exemplo uma experiência que vivi nos meus anos de escola internato na década de 1980. Naquela época fomos rigidamente proibidos de falar nossas línguas maternas em todas as dependências internas e externas das escolas-internato dos missionários. Para mim, os maiores sofrimentos e dor foram gerados pelos castigos de efeitos morais e psicológicos, como uma das modalidades de que fui varias vezes vítima. Trata-se de um pedaço de madeira em forma retangular com uma corda que continha uma escrita: “eu não sei falar o português” quando algum aluno da escola era flagrado falando sua língua indígena o letreiro era posto pendurado em seu peito”. (p. 144)

Nas famílias que pesquisei, as pessoas se comunicam em Nheengatu quando estão entre parentes e amigos em casa, quando encontram com outros que tem mais intimidade na rua ou em suas comunidades e sítios. Geralmente são os mais velhos que falam com maior frequência, usando o português sempre quando necessário, por exemplo quando forem falar com as pessoas não índias e em espaço público do município. Um acontecimento importante para nossa região, é que foi introduzida nas escolas como disciplina as línguas indígenas mais usadas na região do Alto Rio Negro que são o Nheengatu, Baniwa e Tukano.

Uma das heranças deixada pelos missionários além da língua são as festas de santo, que hoje são a marca do nosso povo Baré, pois são muito religiosos e católicos que onde os

⁹ Branco em nheengatu ou não indígenas.

Baré vão através de cura para os males e nessas festas quem benze é o benzedor. Na região são festejadas as festas do São Joaquim, Santa Ana, Divino Espírito Santo. Nessas festas, famílias de outras comunidades se reúnem para festejar anualmente, sendo a cada final de festa feita uma relação para inserir nomes de futuros festeiros, Juízes de Mastro, Promesseiros, Mordomos, Bandeireiro, Tamborineiros, Faxineiros, Rezadores, Mestre – Sala. Assim Marivelton Baré (2015) relata que:

“Para essas festas, pagam suas promessas por doenças, entre outras coisas assim, conforme a sua necessidade de firmar o compromisso com o santo ou santa”. (Marivelton Baré, 2015, pg.22)

A festa do santo São Joaquim é festejada no mês de agosto, santa Ana no mês de julho, Divino Espírito Santo entre maio e junho. Sendo que os donos da festa possuem um ano para juntarem alimentos e bebidas para oferecerem para a população presente durante toda a festa e, assim pagarem suas promessas. A grande maioria dos alimentos oferecidos é de sua agricultura tradicional, que com as suas práticas de plantio e com grande quantidade de *maniwa* plantadas em roças, produzem o beiju, farinha, tapioca, maçoca, curada, beijuchica e com o líquido extraído o tucupi bastante usado em peixes durante as festas e diariamente na mesa, fazendo assim a *kiyãpira*¹⁰. É usado como alimentos demais derivados de peixe tal como o peixe salgado, o *moqueado*¹¹ e a *mujeca*¹². Como veremos detalhes no quarto capítulo.

¹⁰ Peixe com pimenta

¹¹ Peixe assado por muitos dias em um fogo a lenha

¹² Comida feita de peixe desfiado

Capítulo 2

Benzimento: A transmissão, agradecimento e sonhos Baré.



Foto tirada dos Baré da capela na comunidade São Joaquim.

Fonte de arquivo pessoal da pesquisadora 2015.

Neste capítulo, pretende-se descrever a transmissão das orações, assim como os agradecimentos, indicação, como são feitas as curas, enfim, um contexto referente às práticas de benzimento entre os Baré do Alto Rio Negro.

Mas para falar de benzimento, às vezes nos perguntamos, mas o que é o benzimento? Benzer uma pessoa é o ato de rezá-la, pedindo que dela se afastem todos os males ou doenças que esteja presente na pessoa que está sendo benzida. Fazendo sempre o “sinal da cruz” sobre a pessoa, rezando as orações de acordo com a doença ou o caso no momento, com o objetivo de consagrá-la pedindo ajuda dos céus, aos santos, a Deus.

A bênção é um veículo que possibilita ao seu executor estabelecer relações de solidariedade e de aliança com os santos, de um lado, com os homens de outro e entre ambos, simultaneamente (Oliveira, 1985).

O benzimento é uma prática muito antiga de muitas gerações, são um serviço assumido por geração de pai para filho ou de avô para neto, não são cobradas, mas as pessoas que procuram o benzedor dão algo em troca, não como pagamento e sim como agradecimento. A maioria dos benzedores e benzedoras Baré relatam que aprenderam com alguém da família ou que foram apadrinhadas por outra benzedeira. Para ser benzedor deve ter boa vontade de ajudar ao próximo. A pessoa pode benzer desde que tenha fé na força que vem de Deus. Eugenio Baré conta de onde surgiu o benzimento Baré:

“Na ilha Adana tinha um bocado de gente, agora que é bom vê aonde saíram gente, aquele índio Baré mesmo com ambauba, cantando o Marié canto dos Baré, aí no sonho eles dão esse dom esse benzimento, pra benzer pra doente, igual como o pessoal La de cima, a ilha é uma casa dos encantados, eu já dormir muitas vezes lá, entrei no meu sonho lá, entre o buburi é uma cidade, só encanto mesmo. Meu tio fazia sessão na ilha do São João pra curar doente, ele me chamava nesse rio é uma rua grande que vem pra cá, todo esse rio quando ele tá curando com os espíritos dele vem pra cá, passear, mas não demora aí volta de novo pra lá, por isso que eu digo que os primeiros Baré saíram da ilha Adana”.

Então assim surgiu o benzimento Baré. Porém, as pesquisas referentes ao benzimento Baré sempre foram a quantidade mínimas, quase não se encontra bibliografias específicas sobre os Baré, pois para algumas pessoas os Baré não são exatamente índio como foi mencionado no capítulo anterior, pelo motivo de haver o contato com os

civilizados, ou seja, os “brancos” como os chamamos. Paulo Maia (2009) relata que vale lembrar que desde a passagem do século XIX para o século XX os Baré têm sido tratados pela literatura de viagem e etnográfica como “índios aculturados ou civilizados”, sobretudo pelo fato de não mais exibirem os estereótipos categoriais de outros coletivos indígenas, entre os quais o mais significativo é a língua tradicional Aruak, no caso, a língua Baré.

Isso porque todos com quem tive a oportunidade de conversar durante a pesquisa de campo na região, disseram-me que nunca foram entrevistados ou souberam de algum conhecido que tenha sido. Segundo eles não houve interesse da parte de pesquisadores, o que lamento. Por este motivo usarei como base os meus parentes maternos, as lembranças da infância e também a contemporaneidade. O benzimento Baré prevalece vivo, mas não quanto antigamente devido a diversos fatores.

Conforme Barbosa (2004) ao longo do tempo houve a diminuição de práticas indígenas de saúde, dos xamãs e dos conhecimentos tradicionais nas comunidades. Assim, os conhecimentos medicinais secretos serviam como objeto de troca entre as famílias, numa mudança que seguia uma série de regras e restrições. Desse modo, a retransmissão desses conhecimentos e a sua preservação estavam seriamente ameaçadas. Nós Baré, acreditamos em capacidade sobre-humana, em que as doenças podem ser feitas por outras pessoas, o que é conhecido como feitiçaria, estrago ou praga, bem como doenças causadas por seres encantados da mata ou da água. Os encantos em especial que atingem a grande maioria das pessoas na região e segundo os benzedores a cura para essas doenças está nas orações dos santos, nas promessas feitas para serem pagas nas festas de santo e é claro em Deus. Por isso há a relação dos ritos de cura, benzedores e as festas de santo. Segundo Glick (1967) a causa da doença é:

“Para o pensamento tradicional, doenças são causadas por deuses, entidades cósmicas, plantas, animais ou seres humanos capazes de mobilizar poderes mágicos, cuja origem só pode ser rastreada no âmbito do sagrado”. (Glick, 1967, pg.49)

Em relação a isso, Vianna (2012) conta que entre os Baniwas “Esses adoecimentos são eventos do cotidiano de todos os Baniwa; qualquer um está vulnerável as doenças de *Yóopinai* ou as de sopra” (pg. 113).

Os benzimentos podem ser vistos como atos de xamanismo, onde os benzedores elaboram um conhecimento classificatório distinto, diferenciando as enfermidades a partir da relação estabelecida com outros mundos, as quais possuem um conhecimento próprio. O uso de diversas espécies da biodiversidade nas práticas de cura revela os mecanismos ritualísticos associados ao equilíbrio interno do doente com a natureza e com a purificação da alma.

Os benzedores elaboram um conhecimento classificatório e diferenciam as enfermidades a partir de todo seu universo e entendimento. Dessa forma os Baré criam suas próprias formas de identificar, classificar e curar as doenças, antes mesmo da chegada dos brancos à cidade para diagnosticarem o tipo de doença, sem mesmo ir ao hospital, o que ainda prevalece em alguns Baré que não aceitam a ideia de irem ao hospital, optando por benzedor e ficar em casa. Entretanto Vianna (2012) descreve o benzedor da seguinte forma: “Os benzedores e pajés são as pessoas que, no mundo Baniwa, tem conhecimento sobre esse domínio; eles são capazes de descrever o (ou os) mundos normalmente não visível (eis) aos olhos humanos comuns” (pg. 124)

Entretanto Frazer (1982) descreve que “Xamãs têm poderes extraordinários para ajudar e proteger os seres humanos porque podem entender-se com espíritos invisíveis de todos os tipos e enfrentá-los. Esses poderes se manifestam tanto em atos como em atributos. (pg. 47)

No contexto Baré que eu estou estudando, os Baré se autoidentificam benzedor que é aquele que benze e cura o doente, pois existem outras categorias no rio Negro. O rezador é aquele que reza somente nas festas de santo; pajé é aquele que joga água e chupa o que causa mal ao doente; feiticeiro é aquele que causa feitiçarias. Porém, para a cultura Baré, quando um benzedor acaba de benzer o doente, alguém da família diz: *maita resaã*¹³, dependendo do que for, às vezes eles dizem que é “doença passageira” se referindo a “doença de branco”, quando não é *majuba*, estrago, essas coisas. Sobre isto Garnelo (2003) descreve o seguinte:

“As doenças oriundas do contato: o termo ‘doenças de branco’ é usado pelos informantes para caracterizar doenças cujo potencial

¹³ Significa “o que o senhor sentiu”.

epidêmico seja evidente; eles as traduzem para o português como ‘doença passageira’, enfatizando a capacidade das doenças de passar de uma para outra, com rapidez, num curto período de tempo, configurando micro ou microepidemias”. (Garnelo, 2003, pg. 57)

O doente, a família e o benzedor atuam sobre poderes visíveis e invisíveis para controlar ou curar a doença; pois, cada doença tem sua reza, tem sua oração. Quando se está benzendo chama o nome da doença que está sendo curada no momento, sendo, portanto, a mesma reza, acrescentando apenas o nome da doença.

Os procedimentos preventivos e curativos se imbricam de tal forma que não podem ser consideradas práticas discretas; rezas, jejuns, procedimentos de higiene, uso de plantas medicinais e curas xamanísticas prestam-se simultaneamente as atividades. (Garnelo, 2003)

Essas relações, para o pensamento científico, são vistas como fruto do acaso, objetivas e não intencionais (uma bactéria penetra e se reproduz no pulmão), para o pensamento tradicional são resultantes de interações conflituosas entre elementos naturais humanizados (peixes, jaguares, sol, lua, montanha, etc.) dotados de vontade e sentimentos e o gênero humano, que mantém ou altera a ordem do mundo. Nessas condições o acaso não existe, toda doença é produto e atos de pessoas ou entidades mágicas que os provocam. (Godelier, 1977)

Então para alcançar a cura perante esses animais ou humanos, os Baré recorrem aos benzimentos através dos santos. Quando o Baré adocece ou alguém da família, logo se promete ao santo que se aquela pessoa doente ficar saudável novamente irá ser promesseiro, juiz de mastro ou festeiro em sua festa. Desse modo quando ele se cura logo ira à festa pagar sua promessa e junto aos benzedores rezar a ladainha para se curar de doenças de feitiçaria, estrago, majuba, entre outros. A relação com as festas de santo acontecem diariamente em diversas famílias, como veremos no quarto capítulo. O benzedor escolhido é aquele que a família conhece e sabe de sua eficácia. O benzimento Baré vem dos antigos, através de gerações, conforme veremos a seguir.

2.1 “Aprendi, daqui uns tempo vocês vão precisar!”. A transmissão das orações

A forma de transmissão das orações entre os Baré, geralmente são passadas de geração para geração, tais como de avô para neta, de pai para filho, de tio para sobrinho, o qual é estimulado a receber a oração informando que irão precisar no futuro, como afirma o termo do título em que um pai fala para o filho ‘aprendi, daqui a um tempo vocês vão precisar’, incentivando o filho a aprender a oração para então continuar a cura através dessas orações.

Não tem uma idade específica para aprender as orações e se tornar um benzedor. Como a maioria das transmissões são passadas de pais para filhos ou entre famílias, o futuro benzedor começa cedo ainda na infância. Nessa época ainda não há muito interesse pelas orações, mas como os pais passam assim mesmo, eles acabam aprendendo e exercendo depois de anos. Veja-se que Rufino aprendeu com o pai, ele dizia “aprendi, aprendi tu vai ter família, ai tu vai precisar essas coisas”.

Todavia entre os Azande não se diferenciam bastante. Como Evans – Pritchard diz “a bruxaria não é apenas um traço físico, mas também algo herdado. É transmitida por descendência unilinear, dos genitores a seus filhos” (2005, pg.34)

Porém para se tornar um benzedor depende da pessoa que aceita aprender as orações, pois há casos que não há interesse, a pessoa deve aceitar a transmissão. O benzedor escolhe uma pessoa e pergunta se ele aceita continuar com o benzimento, mas deve haver muito interesse, pois eles passam como aprenderam antigamente, pois os velhos não sabiam ler e nem escrever, era tudo passado verbalmente, então a pessoa que for aprender precisa ter boa memória para memorizar as orações, pois nem todos podem ser benzedor por não conseguir guardar essas informações. Então somente poderá benzer aquela pessoa que tiver a oração, ter fé para benzer o doente.

Os mais antigos sabiam mais coisas, que já se perderam com eles. Penso que na atualidade não se tem tanto conhecimento como antes. Uns morreram e levaram com eles seus conhecimentos e orações, como é o caso de meu avô que sabia muito benzer, mas que infelizmente não transmitiu para ninguém, levando com ele todo o seu conhecimento. E isso é lamentável! Em relação aos conhecimentos, me fez lembrar Marivelton Baré (2015)

“Os processos de rituais de iniciação, tanto para os homens como para as mulheres, sempre eram praticados como uma preparação para a nova fase da vida, passando assim, depois de todo o processo, a estar prontos para fazer o seu trabalho. Pois, para nós, é uma forma de passar os conhecimentos a ser aconselhados pelos mais velhos (sábio), que dará um conselho de como se preparar ou seguir a vida, seja individual ou familiar”. (Marivelton Baré, 2015 pg. 22)

Isso me faz lembrar o caso da benzedeira Virgínea que passou por esse processo que faz parte da cultura feminina Baré, que acontece quando a mulher fica menstruada pela primeira vez. Os mais velhos perguntam o que a *cuyãmuku* gostaria de ser, podendo então fazer um pedido. Seguindo a cultura de antigamente deveria ser alguma coisa que ajudasse o próximo que necessita sem pedir algo em troca.

Mauss (2003) levanta a questão que “As velhas são feiticeiras; as virgens são auxiliares preciosos; o sangue dos mênstruos e outros produtos são elementos específicos geralmente utilizados” (pg. 65).

O avô de Virgínea rezou, fez o ritual da *cuyãmuku*, oferecendo seu conhecimento a ela, que o mesmo estava querendo transmitir por já estar velho e tinha que ter alguém para seguir em frente. Como ele era sozinho e tinha dois filhos, incluindo o pai de virgínea, e isso deveria ser transmitido para uma mulher e na época só havia ela de *cuyãmuku* com apenas 14 anos. Ele a escolhe e avisou que era para ela curar sem pedir nada em troca. O motivo de ela ter aceitado essa transmissão foi pelo fato de desde muito nova ouvia queixas de dores de madre (mãe do corpo) de sua mãe e tias. Ela aprendeu, mas não praticava. Quando suas irmãs começaram a ter filhos foi que ela começou a colocar em prática seus conhecimentos com 16 anos. Acrescenta que não adianta pagar para ter a oração, porque nem sempre dar certo.

A transmissão foi feita como uma aula no período de férias, isso acontecia toda primeira sexta-feira do mês às 18 horas durante um ano, quando o tempo estivesse sem chuva, temporal, caso chovesse deixava para primeira segunda-feira de cada mês, porque dia de segunda-feira é dia das almas, sendo inválido outro dia da semana. Se for a uma quarta-feira, por exemplo, a pessoa pode até aprender, mas não terá eficácia. Além do mais se tivesse menstruada ou um pouco doente, ele não passava a Virgínea. Então iam somente

os dois, ela e seu avô no final da tarde em uma pedra que ficava no sítio dele São Felipe, sendo que o senhor pediu para ninguém os seguir, pois o mesmo teria uma conversa em particular com ela. Aí foi quando ele passou a oração a ela ensinando vários tipos de chá para serem dados depois que ajeitasse o útero da mulher conforme fosse o tipo da doença ou mãe do corpo. Para as causas naturais das doenças, Langdon (2010) relata que:

“Os sistemas etnomédicos contam com tratamentos baseados no conhecimento de ervas e técnicas de manipulação corporal, e sua eficácia evidencia o etnocentrismo biocientífico, muitas vezes presente diante dos demais sistemas culturais de atenção a saúde” (pg. 179)

A situação de Virgínea se compara quanto à demora com o da formação de *Kamanga* que é um Azande que conta Evans – Pritchard (2005). Ele conta que ele aprendia sobre uma droga hoje, e a outra somente após um mês ou dois meses, e como o que ensinava chamado *Badobo* conseguia pagamento por todo conhecimento transmitido. Ele fazia com que esse repasse demorasse mais, a transmissão pode demorar anos até que acabe todo o conhecimento referente a ervas e árvores.

Além de ensinar os conhecimentos referentes a plantas, orações, há também a importância dos conselhos adquiridos durante a transmissão, como o que o avô de Virgínea fala para ela:

“Ele sentava, me contava, dizia como era, aí ele perguntou se eu sentia alguma coisa, se eu sonhava, tu vai sonhar antes de alguém ficar muito doente, com essa doença tu vai sonhar ou tu vai sonhar antes dessa pessoa vim te chamar, tu vai sentir ele disse, por causa da oração, e depende se tu quer realmente ajudar, porque no adianta eu passar pra ti, eu posso até querer, mas eu posso usar pra outras pessoas, aí no pode porque ele some da gente sabe, ele no fica com a pessoa, porque tu num tá levando assim pra ajudar realmente, porque já vai cobrar, agora se alguém disser pra ti ‘ eu vou te dar isso’ tu nunca vai dizer sim, mesmo que tu queira ou se tu quiser tu aceita, mas também tu num vai dizer não, tu querendo, se não também nunca dá certo, porque ele diz que no princípio Deus no caso, Jesus veio pra ensinar o povo e em troca disso ele nunca pediu nada, então a mesma coisa esses ensinamentos que ele passou pra mim e disse que eu não podia né se alguém te dê aí tu vai aceitar de bom coração, mas se tu quiser aí tu vê que a pessoa num tem muita condição não é preciso tu aceitar”.

Segundo ela, muitos rezadores perdem a força porque deixam a ambição “subir a cabeça” e então passam a dizer que antes dava certo e que agora não tem efeito. Após todo o ensinamento teórico é a vez da prática, na qual o avô dela a acompanhou em três sessões de cura.

No caso do benzedor Eugenio, a Benzedeira perguntou a ele se ele não havia se interessado em aprender. Ele respondeu que não, pois estava com 20 anos e que mesmo assim se ofereceu a dar o dom a ele. Foi aí que benzeu em algo que o mesmo não especificou. A partir desse momento ele começou a sonhar com isso e deu o conselho “mas tu tem que saber consolar, porque essas coisas tu tem que saber como é que tu vai levar, daqui mais tarde tu vai cheirar também aquele *pariká*¹⁴ ela falou pra mim foi dito e feito, eu cheirei na ilha”, afirma que o *parika* é muito bom, faz com que veja o que se passa na cabeça das pessoas. No entanto e lamentou que o que ela via antigamente, atualmente perdeu bastante. Sobre o *parika* Eugênio diz:

“Parika é muito diferente dos espíritos, ele amostra muito, aí a gente vai embora no sonho, passear por aí vendo as coisa, aí desce né, é bom, que no sonho mesmo, às vezes eu tava disque jogando água no doente”.

Entre os benzedores há diversas formas de benzimento, inclusive para bebidas alcoólicas. Isso me faz lembrar o que o Eugênio conta em sua experiência na comunidade de São Joaquim, que um benzedor pegou umas sete garrafas, abria todas e rezava nelas, e que quando a pessoa for beber não fica bêbada, e isso fez com que Eugênio se admirasse. Outro exemplo que me fez lembrar de alguns anos atrás, onde muitos adolescentes indígenas morreram enforcados na região e Eugenio recebeu pessoas que pensavam em se enforcar, tanto meninos como meninas. Ele rezou e até hoje para quem ele rezou está bem, não pensou mais em se enforcar, pois colocou tudo pra fora, o ataque que a pessoa sente, ficando normal. Os benzimentos, Eugenio aprendeu com mais de um benzedor, o qual conta:

“Finado Roque que ele me deu já outro dom pra bendizer, ele é feiticeiro, ele é tudo pra bendizer, ele

¹⁴ Planta

passou pra mim, ele benzeu em cima da minha cabeça, ele benzeu *parika* zinho e passou pra mim tudo, aqui pra mim de noite eu no durmo não, só andando porai, eu via antigamente até aqui, de lá pra cá, olha esse *buyacuara* esse rio, eu vejo esse rio no é rio não, é uma rua grande pra bendizer agente vinha de lá até aqui com ele mesmo, por isso eu digo esse aqui é muito bom, mas pra quem sabe usar, quem no sabe é capaz de ficar doído”.

Em alguns casos, quando um benzedor não tem mais a força de cura, procura outro benzedor para pegar força. O Eugenio diz que “porque no acredita quem ta lá em cima, porque ele ta aqui no meio da gente, porque Deus é um só, no tem dois, no tem três, por isso que eu falei pra um crente que veio aqui, eu me eduquei com os padres, assim mesmo eu vou me acabar eu falei”.

O benzedor José Salgado aprendeu a oração com o seu tio, Cesário Salgado, que foi um único momento, afirmando ele que não foi muita coisa, pois o tio foi passear na casa dele e perguntou se ele sabia oração para mau olhado. Então o tio ensinou a oração para o José. Rezou três vezes e a partir dai foram espalhando que ele sabia oração pra mau-olhado, disse José. O senhor Cesário Salgado se sentia velho e afirmou que as pessoas o procuram bastante para saber tal oração, sendo que depois que o benzedor passa a oração para uma pessoa, ele não tem mais para quem ensinar. Referente à oração José Salgado diz:

“Ele não me cobrou não, passou assim só, acho que demorou ‘uns 20 minutos, rápido, aí ele repetiu de novo né, aí mandou eu ir falando, assim, assim, assim, eu repeti pra ele vê se tava certo duas vezes, aí fui sozinho só já, na terceira deu já”. “A reza é em português, é oração assim com Deus mesmo, Nossa Senhora, menino Jesus, essas coisas, Divino Espírito Santo”.

Em relação à cobrança entre os Baré, ela não é feita porque é transmitida entre os parentes próximos, como mencionei. Entretanto, entre os Azande não funciona assim, pois Evans – Pritchard conta que “A magia deve ser comprada como qualquer outro bem, e a parte realmente significativa na iniciação é a lenta transmissão de conhecimento sobre as plantas do professor ao aluno, em troca de uma longa série de pagamentos (Evans – Pritchard, 2005, pg. 117).

Contudo Rufino Henrique diz que seu pai passava a oração conversando, ele ia falando a oração e Rufino ia aprendendo, sendo que o Rufino deveria repetir a oração até não haver nenhum erro, se errasse voltava desde o início, quando aprendeu, ai não esquece mais não, porque fica na memória igual ave Maria e pai nosso. A transmissão demora dependendo da oração e das quantidades. Por esse motivo há benzedores que cobram para transmitirem.

Sendo um dom, Mauss (2003) diz que o feiticeiro é aquele que conhece a natureza, sua prática determinada por seus conhecimentos. Assim os Baré também quando aprende a oração esse conhecimento fica com a pessoa e não se esquece. A forma de transmissão descrita assim por José é igual aos demais benzedores Baré, o benzedor vai passando para o aprendiz e quando ele aprende, a oração já está com ele. Logo o transmissor de José Salgado Baré, disse a ele:

“Agora tu vai experimentar, se tiver alguma criança, mas não vai se mostrar que tu sabe, tem vez que eles perguntam ‘o senhor não sabe rezar pra criança assim, assim’, aí tu pode dizer ‘ eu vou dá uma tentada’, no vai dizer que sabe, vou experimentar, aí pode dizer pra mãe que tem que ser três vezes, já foi o primeiro, ainda falta dois, então 6 horas da manhã ou 6 horas da tarde, sempre 6 horas porque 6 horas anda mãe da água e até na religião nossa senhora anda 6 horas pra vê as casas, melhor horário que tem 6 horas da tarde, 6 horas da manhã agente reza esse aí três vezes.”

Quando foi espalhado entre as pessoas, José já foi conhecido na região por benzer nas crianças por quebrante e mau-olhado e assim as pessoas já o procuravam. Mauss (2003) informa que a transmissão: “Ele deve ser tradicional e eficaz. Não há técnica nem transmissão se não houver tradição. Eis que o homem se distingue antes de tudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral” (pg. 407).

Rufino aprendeu em *Temêdawi*, local onde se criou e que foi o local da transmissão, com 12 anos. Tudo começou dentro de sua residência, em uma pedra bonita no final da tarde, pois ai se concentrava e era feita a transmissão oral das orações, sendo que ninguém podia ouvir e nem ver. Depois que retornou de sua viagem começou a benzer, pois já havia aprendido muita coisa e começou rezando em ferida e dor de dente em um rapaz de 16

anos, sendo que ele tinha apenas 15 anos. Rufino não aprendeu todos os conhecimentos do pai por ter se ausentado algum tempo. Segundo ele, a transmissão é igual aula, o seu pai vai falando as palavras que serão usadas na cura e depois pede que a pessoa repita para ver se foi aprendido e assim vai indo, o senhor falando e o outro repetindo, isso umas três, quatro vezes sem errar. Deixa passar um mês, depois pergunta novamente se acerta a oração e aí está pronto, daí ele passa para a próxima oração, porque não é só uma, segundo Rufino, são várias que duraram aproximadamente uma semana. Para quebrante, por exemplo, tem que repetir duas vezes. A duração era em média duas horas diária, sendo que não podia deixar sumir, pois o pai não iria mais ensiná-lo, pois se passasse pra outra pessoa o que passou perderia a oração. Senhor Rufino diz que “os outros cobram pra bem dizer pra passar, tem uns que compram esse daí, mas eu não paguei, porque era meu pai”.

Como existem benzedeiros há também benzedoiras como no caso dos Azande que Evans – Pritchard (2005) conta que “homens e mulheres podem igualmente ser bruxos” (pg.40). Vale acrescentar que o benzimento cura doenças interna e externas como é o caso de Esmeralda Lizardo que afirma que para alcançar a cura do cubrelu é somente três palavras que aprendeu com sua cunhada, Bonequinha, que aprendeu com o pai senhor Nilo. O local da transmissão foi na casa da própria Bonequinha e não havia mais ninguém no local naquele momento, pois não demorou, nem um minuto por haver apenas três palavras.

Como foi mencionado anteriormente, na relação do incentivo do adulto com relação ao aprendiz, estes na maioria são novos, como é o caso de Leonardo Henrique que na época tinha 12 anos que foi convidado pelo pai a aprender a rezar e gostou. Leonardo conta que seu pai dizia: “*aprendi, que agente não vai vive o resto da vida não, um dia vocês vão precisar*”. Todavia, Leonardo lamenta não ter aprendido mais com o pai e afirma que o seu pai sabia muita coisa e que falava a ele para aprender a ladainha também. E hoje em dia é senhor Leonardo que reza a ladainha nas festas de santo como; Santa Ana, bem como quando é convidado reza também na comunidade de São Joaquim.

Potiguara (2004) diz que no caso indígena, numa família pode haver vários filhos, mas somente um ou dois terão qualificação para a espiritualidade. No entanto, todos os filhos terão a mesma educação, mas aquele se destacara por sua natureza iluminada, um grande reverenciador da cultura, da paz e da ética (Potiguara, Eliane 2004).

No final da tarde o pai de Leonardo o chamava dizendo “Bora comigo pra ti aprender de rezar, daqui uns tempo vocês vão precisar, eu to ficando velho”, pois era idêntica a aula, isso acontecia depois do jantar, sendo que há oração curta e outras que são compridas que demoram um mês para ser transmitida, sendo repassada diversas vezes. Senhor Leonardo não aprendeu muito, porque veio de seu sítio para São Gabriel, onde seu pai adoeceu e depois faleceu e lamenta não ter aprendido mais, afirma que se fosse mais interessado talvez aprendesse mais tipos de oração para doença.

A transmissão de Leonardo demorou anos, sendo que o que vai aprender as orações deve possuir memória boa para adquirir o conhecimento. Na transmissão, primeiro passa somente para um tipo de doença, somente após aprender para a doença que é passada para a próxima oração. Então tudo demorou um ano para ele aprender, geralmente era dia de domingo a transmissão, pois dia de semana ele pescava. Este hábito permanece até hoje, pois o mesmo não pesca no domingo. Afirma ainda que existam orações pra dor de dente, dor de cabeça, febre, praga, contra inimigo, quebrante, cubrelu, ferida inflamada, mordida de cachorro entre outras. Segundo Leonardo seu pai dizia:

“De *majuba* é oração, ele falava ‘esse daqui é de *majuba*, esse daqui é contra dor de cabeça, febre, quando a gente reza na oração já diz, a gente já chama o nome da doença pra que tu vai rezar, esse aqui é pra tirar *majuba* ai ele vai explicando as orações, foi ele que se interessou de passar, eu não paguei nada não, era meu pai, disque quando paga pra ter a oração, não vale não, a pessoa que tem que querer passar”.

Essa transmissão me lembra os Krahó, que um médico feiticeiro não se torna *Kái* pela sua própria vontade, como diz Harald Schultz (1976) “porém em consequência de uma série de atitudes, qualidades e coincidências influenciadas, sem dúvida, pelo grau de desajustamento social de que sofre e sofria, e que se acentua ao vir a ser considerado *Kái* pelos companheiros da aldeia” (pg. 213).

Porém Leonardo nunca perguntou com quem o pai havia aprendido e cita nomes de ótimos benzedores que eram velhos antigos da região como, Cesário Salgado que, segundo ele, sabia muita coisa e o senhor Irineu. Leonardo afirma que gostou de aprender porque ajuda muita gente que precisa dele e que já salvou a vida de muitas pessoas.

Potiguara (2004) conta que as práticas espirituais, as pajelanças dos avôs, pais ou tios na educação diária desde a infância, vai funcionando como um elemento motivador, iluminador de sua trajetória espiritual. E seu fortalecimento só será complementado quando ele expandir a sua energia vital e espiritual, a sua consciência e inconsciência, direcionadas para sua comunidade, exercendo a cura em todos os sentidos (Potiguara, Eliane 2004, pg.85).

O senhor Felisberto aprendeu através de um passeio realizado até seu tio Irineu na ilha do *Chicantá* com o primo Antonio Salgado. Ele afirma que senhor Irineu ensinou bastante, mas lamenta não ter aprendido quase nada porque ele falava muito rápido e que só pegou oração pra dor de dente. Porém, foi o senhor Irineu que se prontificou a passar a oração e que acha que ele estava sentindo que ia falecer. Afirmou que quem pegou mais orações foi meu avô Antonio Salgado.

Eunice Salgado aprendeu em 1982, nessa época ela tinha uns 25 anos, quando seu tio Cesário disse: “tu que vive sozinha, tu reza essa oração bem curtinho”, isso foi no seu quarto. Eunice não esqueceu mais, pois foi uma única vez e eram apenas quatro palavras, não sendo pago nada pra ter a oração pra mãe do corpo. Logo em um parto de seu sobrinho, sua irmã lhe chamou e lhe ensinou a prática. Note-se que, em alguns casos, há rituais.

Isso me lembra Lévi-Strauss (2003) que conta que o objeto do canto é ajudar um parto difícil e que “Ele é de um emprego relativamente excepcional visto que as mulheres indígenas da América central do sul dão a luz mais facilmente que aquelas das sociedades ocidentais” (pg. 216). O autor explica que o parto difícil é como um desvio da alma do útero de todas as almas de diferentes partes do corpo. A presença da parteira, como no caso de Eunice é essencial, pois ajuda várias mulheres no parto e após, quando aparece a mãe do corpo, ela pode ajudar varias mulheres, graças à transmissão de seu tio e de sua irmã.

Percebe-se que os benzedores Baré herdaram as orações de parentes próximos, como pais e tios avós o que apresenta ser transmitido de geração pra geração, mas infelizmente não aprenderam tudo para continuar pelo fato de serem muito jovens no tempo da transmissão, adquirindo uma porcentagem muito pequena para a geração dos Baré na contemporaneidade. Muito do conhecimento sumiu com a morte dos que sabiam realmente de muito mais coisas, como meu avô e bisavô que foram grandes benzedores e que não repassaram suas orações pra ninguém. No caso de meu avô foi porque faleceu na Colômbia

enquanto dormia. Essa situação me deixou ainda mais triste, pois era uma pessoa com grande conhecimento e que infelizmente quando partiu o levou com ele, sem passar para ninguém, o que é uma perda muito grande para os Baré. Sendo assim considero de suma importância essa transmissão que ainda ocorre entre as famílias Baré na região.

2.2 A forma de retribuição dos familiares do doente

A retribuição é a forma de agradecimento da família do enfermo ao se sentir satisfeito com o benzimento realizado, acreditando que o enfermo irá alcançar a cura, como explica Harald Schultz (1976) em relação aos benzedores diz que “dedicam-se ao tratamento preventivo e curativo de doenças e epidemias, recebendo honorários, que somente são pagos em caso de cura”. (pg. 199). Sendo assim a retribuição é o que a família pode retribuir para o benzedor. Gallois (1996) em relação a essa questão diz:

“Os serviços de um xamã são sempre remunerados, após o reestabelecimento do doente ou da situação de infortúnio. O pajé ‘pede o que ele quer’, na quantidade que ele deseja: redes, urucu, taquaras, adornos plumários, miçangas, cuias, etc.” (Gallois, 1996, pg. 59)

O que não se diferencia na região entre nós Baré, pois sempre é dado alguma coisa, embora não haja algo fixo como pagamento, nem valor em dinheiro estipulado. Como o senhor Rufino Baré diz que quando ele acaba de benzer o doente sempre dão alguma coisa para agradecer, ele costuma dizer que pode ser dado farinha, peixe, beiju, tapioca, fruta, mas quando o doente não tem nada a oferecer, basta dizer obrigado, na cidade e na comunidade é da mesma forma.

Com relação ao pagamento pelas curas, dependem da gravidade da doença e do que o paciente ou a família tenham para oferecer, Wagley (1976 [1943]) conta que: “Frequentemente um pajé estipula a gratificação por uma cura bem sucedida, solicitando determinados objetos, porque ele sabe muito bem o que cada família possui” (pg. 254).

Perante os Baré não é obrigado pagar ou dar algo em troca, mas penso eu que desde infância devemos valorizar o conhecimento de nossos benzedores, agradecendo a ele, como

na linguagem do branco, pelo menos um “obrigado”, ou doando algo que estiver disponível que faça com que ele se sinta valorizado, mesmo sem cobrar nada em troca, como diz José Salgado Baré.

“Às vezes eles agradecem, mas eu não cobro não, porque Jesus não cobra as coisas, em nome de Jesus que a gente reza, nossa senhora, santo não cobra não, tem uns que cobra caro, os pessoal sabe que eu sei rezar pra quebrante”. (José Salgado)

Diferente dos Asuriní em que Muller (1996) descreve que o xamã não recebe apenas em gêneros ou bens o pagamento de seus serviços (o pagamento neste sentido tem caráter mais simbólico que econômico). “O xamã goza de tal prestígio que se permita que ele e sua família sejam sustentados quanto à moradia, a alimentação” (pg. 155).

Penso que quando umas pessoas chegam a cobrar um valor alto, as pessoas podem acreditar, mas talvez não tenham esse valor para dar como pagamento. Porém as pessoas dão o que podem. Acho interessante quando o benzedor fala dessa maneira conforme ouvi de Eunice Salgado Baré:

“Eles dão alguma coisa, uma frutinha, farinha, como eles querem, porque eu não cobro não, como eles querer agradecer, eles agradece, eu já fiz minha obrigação, aí eu entrego a deus, a gente ajuda pedindo a Deus pra ficar melhor só isso. pelo menos a gente recebe uma luz, proteção pra mulher que vai ganhar bebe, pra pessoa que ta passando mal”. (Eunice Salgado)

Os benzedores ficam entre a cidade e o sítio, benzendo por onde passam. Percebe-se a diferença entre o local na relação do agradecimento. Penso que é pela necessidade do local, como diz Leonardo Baré conta que tem pessoas que agradecem em dinheiro, mas é da vontade da pessoa, acrescenta que no sítio o pagamento é com farinha, peixe, fruta, mas ele não cobra nada.

O dinheiro como pagamento é frequente e como falei anteriormente vai da vontade daquele que está agradecendo. Pelo menos entre os Baré é assim que funciona, para ilustrar essa situação presenciei um casal que era o senhor Eugenio, benzedor, e sua esposa falando de pagamento. Assim disse ele:

“Às vezes eles traz vela, eu trabalho com vela também, assim que eles traz pra mim, fruta pra mim, tudo, olha aqui hoje com criança, o pai disse ‘ho eu não tenho dinheiro’, que coisa eu falei, no tô pedindo dinheiro não, Deus antigamente, nosso pai do céu andou, todo mundo sabe, Jesus andou antigamente com o povo curando tudo os pessoal, mas ele nunca pediu nada eu falei, mas assim pra pessoa agradecer a gente pega”

Como Virgínea Baré diz: o agradecimento é da pessoa, mas a cobrança não é feita e quando alguém se oferece a dar algo em troca da cura, ela diz que não precisa, mas se o doente agradecer ela pega, pois as pessoas do sítio sempre levam frutas para ela. Por serem os benzedores e benzedoras bastante católicos, isso mostra ser eficaz, porque leva a oração a Deus, *Tupanã* como chamamos em nheengatu na região, junto a eles seus santos católicos e as promessas feitas nas festas de santo, como veremos no capítulo adiante. Veja o que Eugênio Baré diz:

“Eu costumo dizer pro pessoal, um doente que tá quase pra morrer, olha como Jesus chamou Lazaro, Lazaro levanta-te vai pra tua casa, só mesmo isso, ele no levantou do buraco? Isso que é, só Jesus mesmo pode fazer isso, mas assim mesmo, nós já tem muita fé, eu sempre lembro essas coisa, dói no meu coração nosso pai do céu sempre tô com isso na minha reza, por mais poderoso no mundo no tem não”. (Eugenio Paidano)

O agradecimento apresenta ser de cada pessoa, mas sempre presenciei a família do doente dando algo como troca pela cura, mesmo sem o benzedor pedir nada. A família oferece algo em troca pela satisfação e disponibilidade dos benzedores de ir até a residência do doente para atendê-lo com o intuito de ajudar. Desse modo a família sente vontade de retribuir com esse ato de bondade, até porque, como se diz, isso leva a Deus. Penso que se baseiam nessas escritas, até porque a relação de cura com Deus e seus santos católicos é muito forte entre os Baré da região.

2.2.1 - O benzedor e o doente

O doente tem várias fases do adoecer, tem aquele que sente sintomas que o possibilite a andar e ir ao benzedor, como há aquele que se encontra em estado avançado que não possui condições em ir até ele. Como afirma Gallois (1996): “em situações de

emergência, os doentes se deslocam até a habitação dos xamãs. A consulta consiste inicialmente num diagnóstico e na prescrição de uma dieta e de regras de comportamento adequadas à situação do doente.” (pg. 66) Mas no caso do senhor Eugênio, que é uma pessoa idosa e não possui condição de ir à casa de doentes por sentir muitas dores nas pernas, ele aconselha que aqueles que o procuram se desloquem até ele, para assim benzer no mingau para tomarem ou nos próprios corpos.

Porém essa disponibilidade de ir até a casa do doente ou o doente ir até a casa do benzedor varia muito de benzedor para benzedor, como é o caso da doença que ataca as mulheres na região do Alto Rio Negro que faz com que não haja condição da doente andar, dependendo da gravidade que a enferma se encontra. Dessa forma, algum familiar dessa mulher procura a benzedeira, como diz Virgínea Salgado:

“Eles vão e me chamam mesmo e eu vou, porque no princípio meu avô me passou que as pessoas sempre vão chamar, as pessoas no procura quando tão bom, sempre quando tá ruim mesmo, no pode mais nem andar, aí a gente vai, mas o certo mesmo é alguém me chamar e eu ir, a família ou conhecido assim”. (Virgínea Salgado)

São raras as situações em que os benzedores saem de suas casas, segundo Gallois (1996): “São os pacientes que deslocam, mesmo que isso represente uma longa viagem pela floresta. Em caso de urgência, manda-se um emissário que solicita a vinda do xamã, o que ele raramente recusa”. (pg. 60)

Mas sempre é a família do doente que chama e o benzedor vai até o doente. Agora tem casos como do quebrante, no qual a mãe tem como carregar a criança, pode ser que na maioria dos casos o benzedor vai até a casa, mas também a mãe leva a criança até o benzedor. Veja que há casos de feitiçaria que deixa o doente acamado, sem condições físicas de ir até a casa do benzedor e também as de *majuba* que causam dores como veremos no próximo capítulo.

Os laços e obrigações dos benzedores nas suas famílias são deixados um pouco de lado, pois eles se dedicam a estar indo nas casas dos doentes. Em relação a isso Gallois (1996) conta que: “Suas regras indicam a transformação e a translação do iniciando de um domínio para o outro. Ele deve abandonar suas atividades normais no mundo dos humanos para integrar-se na sociedade dos *i-paie*, da qual ele passa a fazer parte” (pg. 56).

A relação da família também tem a ver, porque maior parte dos benzedores e benzedoras tem marido e esposa, a família dele deve compreender essas saídas repentinas do mesmo como é o caso de Rufino Henrique que diz:

“À minha mulher já acostumou, quando vão atrás de mim, ela diz: ‘já foi, já vieram buscar ele, às vezes deixam recado, aí ela diz: ‘disque é pra ti ir na casa dele, tu sabe aonde é’, vão me buscar, assim eu vou, a gente ajuda muita gente, criança pra bem dizer”.

O doente que tem condição de andar vai até a casa do benzedor em três dias diferentes, pois na maioria das doenças deve-se rezar três vezes, pois para curar as doenças deve seguir essa regra de três vezes, por assim ser mais eficaz, porém uma ou duas vezes é possível segurar e na maioria funciona mesmo. Segundo Langdon (1966): “A antropologia simbólica propõe uma visão alternativa sobre a problemática da magia e a eficácia do rito, particularmente a eficácia do rito de cura. Curar é um papel bastante freqüente do xamã” (pg. 25).

Mas o benzedor também adoce e vira o doente, mas nesse caso ele não consegue se curar, pois afirma que o benzedor não pode se curar e nem curar alguém da família por ter o mesmo sangue. Sendo assim o benzedor procura outro benzedor para lhe curar, escolhendo aquele benzedor que sabe benzer, que já ouvir falar a seu respeito e de sua eficácia. Ele pode também ir a mais de um benzedor, por que não são todos que rezam para diversas doenças, havendo especialidade em cada benzedor. Como alguns sabem oração para quebrante, mas não sabem para feitiçaria ou *majuba*, já outros sabem para feitiçaria e não sabem para praga. Um sabe benzer pra doença de *cubrelu*, mas não sabe para doença da mãe do corpo. Sendo assim o doente recorre ao benzedor que sabe curar para a determinada doença que está presente naquele doente. A diferença entre um benzedor e um não benzedor é que o benzedor sempre sabe quando está para acontecer algo ruim.

2.3. “Asuré akiri, Wirandé akūtai neirū” A importância do sonho no benzimento Baré

O sonho é de suma importância, pois através dos sonhos podemos descobrir diversas coisas que puderam estar para acontece, há sonhos ruins e sonhos bons, o sonho

serve para dá sinais, pois quando o benzedor o benze, dorme e sonha, então ele diz “*Asuré akiri, wirãdé akũtai neirũ*”, dizendo que ele irá dormir e que irá conversar no dia seguinte com o doente para revelar então o que o sonho o disse. Em relação a isso Langdon (1996) diz que: “também sonhos, dança, canto e outras técnicas podem ser empregados em conjunto ou em separação para atingir a mediação xamânica”. (pg. 28). Na região, a pessoa tem sonhos ruins e procura o benzedor para afastar o mal que está por vim, servem também como avisos, descobertas principalmente para os benzedores. Como diz Leonardo Henrique:

“A oração, quando a gente reza, ajuda descobri a doença da pessoa, porque esse negócio de coisa feita, se tu for rezar tu já sonha que tipo de doença que ele tem, se é coisa feita, aí essa reza ajuda já pra rezar contra a doença também então a gente senti”. (Leonardo)

Em relação aos sonhos, Montardo (2002) fala de uma índia guarani que sonhou; trouxeram adornos para colocar na cabeça e sementes que segunda ela “para vencer as doenças, tem que botar um pouquinho de determinadas sementes, para que o *mbaraka overá* (resplandeça), e que é no sonho que o *Pa’i Kuara* ensina o que é para colocar”. (pg. 43). Ela portanto usou o *mbaraka* para sobreviver às doenças e os sonhos a ajudaram no processo de aprendizagem.

Os sonhos para os Baré e para os benzedores nos alertam do que podemos esperar principalmente se acharmos que o sonho não foi bom, que seria uma forma de “*aguero*”. Quando sonhamos ruim, indica que iremos adoecer ou alguém próximo da nossa família. Através do sonho, o benzedor já vê antes do pessoal ir procurá-lo que tipo de doença que está presente nele. Quando chega para contar para o benzedor o motivo da procura, ele já sabe qual tipo de doença é, se é doença de majuba, feitiçaria, encantos, praga mãe do corpo, quebrante entre outros.

Porém entre os Tapirapé, Wagley (1976) relata que: “o conhecimento do mundo sobrenatural é obtido principalmente por experiências de sonhos dos xamãs ou pancé, porque entre os Tapirapé o poder xamânico deriva dos sonhos e das forças neles reveladas. Acreditam que o sonho é uma viagem” (p.241).

Antes dos benzedores dormirem, eles pedem proteção, conforme o santo ou a oração que é feita, no sonho é mostrado. Assim o benzedor interpreta o sonho, ou seja, o que o sonho mostra. Quando o doente está muito ruim, o sonho já mostra, mostra o que a pessoa está passando, o benzedor vê a pessoa agoniada. Em alguns casos o benzedor sonha com o doente, antes mesmo de ele ter ficado doente. O benzedor vê a pessoa no sonho dois, três dias antes, ou vê dançando. No caso da mãe do corpo, a benzedora presta atenção onde a mão do doente está no sonho, em que parte do corpo, se for à barriga em que parte da barriga. Isso é muito importante porque faz com que o benzedor saiba onde está a causa, que pode ser onde a dor esteja maior. Assim, facilita na hora de cura, porque o benzedor já sabe o que vai acontecer.

No caso da benzedora Virgínea quando ela benze pedi para Deus amostrar se for coisa ruim ou boa através de seu sonho. O que ocorre inversamente, se ela vê a pessoa dançando em uma festa, alegre, isso significa que algo de ruim irá acontecer com a pessoa que apareceu no seu sonho. Mas se aparecer a pessoa chorando, passando mal, significa que a pessoa terá prosperidade muito grande. Sendo assim um auxílio de suma importância até mesmo no caso de mulheres que estejam grávidas, como diz Virginia Salgado que quando a mulher vai ficar doente do útero, a benzedora já vê a pessoa em seu sonho sangrando ou vê a mulher segurando uma criança que quer dizer que ela está grávida; então quando a benzedora for mexer no útero ira ver que a mulher realmente está grávida. Através do sonho se sabe se a pessoa está grávida, se perdeu ou irá perder a criança, então a benzedora chega no local e com a oração ajuda a mulher doente, ou se a mulher perdeu a criança ajuda a colocar o útero no lugar.

O sonho não avisa somente antes de chegar a doença e sim depois de o doente ser benzido, avisando para o benzedor o que se passa com o doente após o benzimento. Serve como um auxiliar indispensável que serve antes, durante e após o benzimento, como Virgínea complementa:

“O sonho avisa antes, aí quando ajeita vai vê se a pessoa melhorou ou no melhorou porque o sonho ele avisa, porque vamos supor, eu ajeitei hoje, aí eu fiz a oração, aí à noite quando eu dormir eu vou vê se o doente melhorou mesmo ou não, se no melhorou aí vai me mostrar, se ainda continuar do mesmo jeito, por isso que são três vezes que ajeita às vezes, aí quando tá

muito forte, é uns três dias porque durante esses três dias tu vai sonhar como é que tá, se tá piorando”.(Virgínia Salgado)

O sonho ajuda o benzedor, a saber, que o doente vai chegar, sonhando pegando temporal, sonhando mal, isso significa que o doente irá chegar. Quando está muito pior, ele aparece no sonho bonito e se está melhor é visto no sonho muito mal, percebe-se que são inversas as aparências do doente no sonho. Então antes do doente chega à casa do benzedor ele já está ciente disso, porém além de que através do sonho também faz com que o benzedor saiba qual é a doença, se é estrago ou doenças de encantados. Como diz o relato de Leonardo Henrique:

“O sonho ajuda porque descobri a doença, aí reza contra aquela doença, principalmente ‘feitiçaria’ né, aí tu já sonha o pessoal acendendo vela, apareci a pessoa que tá fazendo, pra qual santo, aí é mais fácil de tirar, porque esse aí tem que desmanchar, feitiçaria tem que desmanchar, tem que rezar contrario, porque diz finado meu pai que quando a pessoa vai fazer ‘amarra’ né, por isso a pessoa diz ‘dói aqui, pareci que tá amarrado’, aí reza vai apertando, aí pra ti curar aquela pessoa tem que desmancha ele, tirar tudinho aquela dor, reza três, quatro vezes aí o cara senti aliviado, porque já desmanchou já, aí passa”.(Leonardo Henrique)

Portanto o índio kratchet explica que ‘ninguém vê quando o índio bota o feitiço’, mas, quando alguém adoece ou piora ao ser tratado por médico-feitiçeiro, um ‘outro descobre o feitiço mau, enterrado em alguma parte’ e conta aos parentes sua qualidade e o autor do mesmo. Determinados “feiticeiros têm sua fama pela sua capacidade de descobrir o ‘feitiço’ enterrado por outros” (Harald Schultz, 1976, pg. 214).

O sonho amostra a pessoa que está fazendo a feitiçaria e mostra qual o motivo, então o benzedor já benze para o que o doente está sentindo. Mesmo assim, quando o doente chega na casa do benzedor, ele pergunta o que o doente está sentindo, a partir do relato do doente que vai apontando onde está a dor, é quando o benzedor reza com vela. Nesta noite o benzedor irá sonhar novamente se foi doença feita, inveja, qualquer outra coisa a partir do que benzedor já irá sentir. Como afirma Leonardo Baré:

“Eu descobro quem fez, tipo se eu rezo em ti e for coisa feita, a noite acendo vela, no meu sonho aparece quem tá fazendo, eu não digo foi ‘fulano’, de repente a pessoa perde a cabeça, briga aí diz que fui eu que contei, lá vai eu me complicar ne, o pessoal vem aqui, eu digo que é feito, mas quem foi que fez eles falam, não sei não eu falo”.

Não somente pelo sonho do benzedor se pode solucionar a doença, mas também através do sonho do doente que também é de suma importância para ajuda no combate a doença e obtenção da cura. Pelo sonho do doente dá para descobrir que tipo de doença o doente tem ou o que vai acontecer. O sonho serve para amostrar a pessoa através dos sinais, como se a pessoa sonhasse tendo relação sexual com homem ou mulher, isso não é bom na visão Baré, porque está encontrando doença nesse sonho. Como também vê santo cheio de fita, isso significa que alguém está querendo fazer alguma feitiçaria, estrago em cima da pessoa que sonhou ou alguém da família, quando sonha vendo caixão, arrancando dente lateral significa que o pai ou a mãe ira falecer. Como diz Leonardo Baré:

“Porque a pessoa começa a sonhar com imagens Nossa Senhora Santa Ana, São Joaquim, o que a gente usa muito né, se a pessoa chegar toda noite eu sonho com bandeira, pode dizer que é doença feita, aí tu já sabe e já reza certo contra aquela doença, se tu no cuidar tu morri, isso é estrago que a gente chama, tem aquele estrago que dá ferida que não tem cura, esse eu tenho remédio já do mato”.

A depender do sonho da pessoa, como um sonho ruim, se machucando, sentindo choque, se ferindo, deve ser benzido para evitar um adoecimento, evitando assim um problema maior que em alguns casos avança, chegando a um estado que exige mais cuidado e ajuda de plantas. Isso é comum na região algumas pessoas ir contar seu sonho e o benzedor cortar a futura doença ou o que pode vim a acontecer de ruim, sendo assim uma forma de proteção.

Montardo (2002, pg. 45) diz que na cultura guarani “no sonho se vai ‘lá’, onde estão presentes os elementos considerados como sendo da cultura guarani, comidas, objetos, adornos. Isto tudo se abri para a pessoa durante o sonho”. Os sonhos podem também estar indicando algo bom que possa beneficiar a nosso povo, assim como indica doenças, alertas, indicam também remédios, como senhor Eugênio diz:

“Sonho sempre com remédio, remédio bom, tem remédio que no é muito bom não, porque hoje em dia sempre eu vejo assim, remédio de antigamente era bom mesmo, agora não tem, remédio misturado, é misturado agora esse negócio de remédio” (Eugenio Paidano)

A importância do sonho serve para avisar ao doente, ao benzedor tudo que está para acontecer, dando uma chance de evitar um adoecimento ou outra coisa. Assim entre os Baré o sonho revela o que está para acontecer na vida real, isso faz com que o indivíduo procure o benzedor para benzer e afastar o acontecimento ruim que irá acontecer que pode ser doença. No caso de alguns benzedores, a sequência de chegada dos doentes é de acordo com a sequência dos sonhos, o primeiro sonho da noite se refere ao que for chegar primeiro a procura do benzedor e assim por diante. O sonho avisa ao benzedor antes da pessoa chegar a sua procura e qual doença da pessoa.

2.4. “*Maita Reyūbue*? Quem pode benzer, como benze e para quem

O benzimento que havia mencionado é passada entre gerações, porém quando o benzedor sentir que não tem como seguir em frente em suas curas, ele deve passar adiante, e aí vem a questão como escolher o sucessor? Segundo os benzedores Baré para escolher o outro benzedor que irá substituí-lo, primeiro essa pessoa deve ter muita responsabilidade, não ter medo, ter força de vontade, ter espírito forte para poder ajudar a curar o outro e também ter boa memória, pois se não praticar o benzimento a oração vai embora, some, mesmo se a pessoa lembrar, algumas partes não vale, porque a oração deve estar completa para ser eficaz, submetendo esses requisitos à pessoa poderá se tornar um benzedor ou benzedeira. Mas muitos perguntam “*Maita Reyūbue*, perguntando do benzedor “ como tu benze” e dessa que demonstrarei como é o benzimento.

Segundo os benzedores Baré, se benze pedindo ajuda do santo pedindo em nome de Jesus, de Nossa Senhora e Deus, mas na língua nheengatu para curar aquela pessoa doente, primeiro o benzedor benze o doente, depois reza em algo para ele beber, essa segunda fase

é mais demorado. No caso de crianças benze cercando dos ataques da majuba, evitando um contato com esse ser durante as idas ao rio quando forem tomar banho. Assim como as crianças, a mulher quando entra na menopausa deve ser benzida para se proteger da majuba, muitas pessoas andam em certos lugares sem benzimento, isso faz com que outras pessoas também peguem doenças por estar próximo dessa pessoa, como no caso da mulher que não respeita o resguardo, pegando doença e também passando para as colegas.

No caso do benzedor Leonardo Baré, ele reza cortando todo o mal, rezando a oração e fazendo todo o tempo o sinal da cruz na cabeça ou na testa da pessoa. Eugenio diz que só pode benzer quem sabe a oração, ele vê as crianças que não são benzidas chorando, com a doença quebrante e mau-olhado, a criança não aguenta, segundo o benzedor quando chega a criança em sua casa, ele cerca todo o corpo dela para não lhe acontecer nada.

As palavras das orações são mantidas em segredo, atravessaram séculos e passaram de pai para filho, em forma de oração, com frases repetidas mentalmente. No alto rio negro, homens e mulheres de diversas faixas etárias procuram o benzedor para que com o benzimento possam benzer contra mau-olhado, quebranto, madre (mãe do corpo), doenças de estragos causados por feitiçaria ou doenças de encantados e outros males do corpo e da alma.

Wawzyniak (2008) conta que “Durante o trabalho de cura do mau-olhado de bicho, os curadores não rezam em voz alta e não podem ensinar, porque, se ensinarem, perde-se a eficácia do tratamento e a veracidade da coisa” (pg. 41).

Os benzedores na região rezam baixo, não dá para escutar o que é dito naquele momento de cura e concentração, alguns além de silêncio pedem para outros familiares que estejam por perto façam silêncio para não atrapalhar a concentração do benzedor. Como afirma Gallois (1996): “Observa-se nessas sessões ausência total de teatralidade e, aliás, de qualquer barulho: tudo se passa à meia-voz, lentamente e o mais discretamente possível” (pg. 66).

Lembro-me de quando era criança e um benzedor ia até nossa casa, eu queria muito ver o que estava acontecendo naquele momento que não podia rir e nem fazer barulho, era quando minha avó fazia sinal, piscando que significava que não estavam brincando ali, então prevalece o respeito ao que estava acontecendo, sendo assim um momento sério.

Também na região há pessoas que também fazem feitiçaria contra benzedores, só que uma coisa importante é que o benzedor cura qualquer tipo de pessoa, mas ele não consegue curar a si mesmo e nem seus familiares, porque estes têm o mesmo sangue do benzedor. Um exemplo disso conta Eugenio Baré:

“Fizeram pra mim, aí mesmo na ilha, eu rezei por mim nada, vi que era feitiço em cima de mim mesmo, foi lá com esse velho, finado Irineu, lá da ilha do chicantá, a velhinha falou pra mim ‘tu sabe rezar porque tu veio aqui atrás do velho’ ela falou pra mim, quando a gente precisa tem que vim mesmo achando graça, aí eu falei com ele ‘*saci retân se akanga*’ falei com ele em língua geral, aqui também eu falei, ele achou graça, ele falou pra mim em língua geral, é feitiço ele falou, tá bom, depois eu vou fala pra ti, aí ele rezou, rezou, rezou aquele velho, reza baixinho, ninguém escuta mesmo e ele num quer ninguém perto dele, rezou tudo, já essa hora eu já senti melhor, aí ele falou ‘foi o velho que fez assim pra ti’ diz ele, aí quando eu fui lá falei ‘pra que tu fez assim meu tio’ pro velho, ‘nos era muito bom na ilha, no dia fazer pra mim assim’, aí passou”.

Se rezar alto alguém pode escutar e gravar para si, então essa pessoa já pegou a oração e para o benzedor que estava com ela não vale mais, como mencionei na transmissão. Por isso a oração é um segredo que o benzedor tem e até a criança não pode fazer barulho, porque a oração não pode ser falada errada, então o benzedor se concentra e benze com o tom de voz baixo.

Quando passa a oração para a outra pessoa o benzedor perde a força. O benzedor pode até benzer, mas a oração não funciona mais porque a força foi passada para aquela pessoa que pegou a oração. Como informa Evans – Pritchard (2005): “há o perigo de perderem seu poder no processo de transmissão, pois o proprietário fica de má vontade com o comprador” (pg.117)

A oração de Virgínea Salgado tem algumas partes que são em nheengatu, pois seu avô paterno deixou dessa forma para ela, metade é em nheengatu e metade e em português. A transmissão antigamente era mais frequente. Porém, na atualidade, os benzedores estão à procura de alguém que aceite a transmissão de oração, mas que esteja disposto ajudar o outro e não guarda para si. Pois os benzedores procuram a pessoa certa para passar, porque

também o que for receber oração deve ter força para guardar a oração se não passa mal, como no caso da mulher que ajeita a mãe do corpo que ela reza, ajeita, puxa pra pessoa. Ela deve estar com muita energia e força para curar o doente, e que quando o benzedor já está fraco deve passar em diante para outro, pois não tem força espiritualmente.

Por isso que as orações foram transmitidas quando os benzedores já estavam bem idosos, tanto que os benzedores que entrevistei ainda não pensam em transmitir as orações e sim no futuro. Só que há casos que infelizmente não dá tempo e assim um dom tão bonito vai junto com o benzedor, como Eunice salgado diz:

“Meu pai tinha a mente dele, ele não aprendeu com ninguém, ele dizia que foi deus que deixou essa mente pra ele. teu avô também era bom, eu lembro dessa minha mão, eu não podia nem tirar minha roupa, aí ele benzeu, rezou na minha mão, aí ele disse pra mim que era inveja né, da onde que a senhora veio agora, eu disse do rio Uaupés, há esse aqui foi no vasilhame que a senhora pegou, deixa eu vê ele disse, ele assoprou, agora a senhora vai fica boa ele disse e foi dito e feito, hoje em dia eu to pegando, só que ele não passou pra ninguém”.

A transmissão é de suma importância para a população, pois todos nós necessitamos de nossos benzedores, se não houver a transmissão, o benzimento irá acabar, e isso não queremos, pois há doenças que somente os benzedores podem curar.

Dependendo da doença, o doente sempre volta, até porque tem doença que tem que ser rezada umas três vezes para parar com a dor ou o que estiver acontecendo. Esses males sempre voltam principalmente a mãe do corpo que sempre atinge as mulheres. A outra é a doença feita, pois o doente se cura, e a pessoa que manda fazer a feitiçaria vê que o inimigo melhorou e manda fazer novamente a feitiçaria, então o doente procura aquele benzedor que o curou anteriormente para curá-lo novamente.

Outra doença que sempre volta é o cubrelu, se deixar roupa novamente no varal após as seis horas da tarde a doença pode reaparecer. Também a doença da mãe do corpo que não é uma cura definitiva. Também há pessoas que são curadas e não voltam como é o caso de mulher que após ter filho é mais comum sentir o ataque, que segundo os benzedores, depois que a mulher tem filho deve-se mandar “ajeitar a barriga”, e depois que ajeita pára de doer.

O benzedor analisa o estado do doente, se ele acha que o doente já esta melhor, ele não vai mais até a casa do doente, tipo se ele não pode caminhar. O benzedor volta para continuar com o benzimento até ver que o doente já está melhor. Há benzedores que vão na manhã e na parte da tarde retornam para ver em que condições o doente se encontra, também pelo desconforto de ter ido uma vez e “sumir”, e assim se precisar novamente o benzedor vai novamente a casa. Sobre o retorno ao doente Eunice Baré diz que ela sempre vai fazer o serviço no doente, mas quando ele vê que o doente esta melhor, ela apenas indica um remédio caseiro a base de ervas medicinais. Às vezes o doente vai a sua casa, quando o doente estiver impossibilitado de andar e ir à casa da benzedeira, ela vai até ao doente.

A procura pelo benzedor na região é frequente, onde é encontrado, tanto no sítio, comunidade, sede do município se houver necessidade, os doentes irão procurá-los. Há benzedores que vão até o sítio que o doente está, o benze e retorna a sua casa, levando um remédio caseiro. Isso depende da doença, se a pessoa melhorou e nunca mais voltar tal doença, não se procura mais o benzedor porque a doença se foi.

A indicação para procurar o benzedor é através das pessoas que foram curadas por aquele benzedor e também por parentes e amigos. Há situações em que a família do doente procura informações sobre o benzedor que saiba benzer para uma doença específica. Ao indicar um benzedor as pessoas falam onde é o sítio ou comunidade dele. Assim o doente procura Eugenio que conta que as pessoas de várias regiões e municípios, até de outros países como Colômbia e Venezuela vêm atrás da cura do benzedor Eugenio Baré.

Há casos que nem mesmo os benzedores sabem quem os indicou, mas mesmo assim se prontificam a ajudar. Como conta Rufino Henrique sobre uma situação que aconteceu com ele:

“Uma vez o pessoal lá da estrada, 10 horas da noite chegaram lá na minha casa, me levaram à noite, era uma dor no peito, eu rezei o primeiro, o segundo e 1 hora nos fomos já, eu dormi pra lá mesmo, aí de manhã eu acordei, eu levantei, eu escutei gente lá pela cozinha, aí marido dela veio aí eu disse: ‘como se vê tua esposa’ aí ele disse: ‘ela tá lá na beira do fogo, eu disse: ‘ela se sentiu melhor’, aí eu disse ‘poxa graças a deus’, eu fui lá vê ela tava tomando mingau, aí ela disse: ‘poxa me sentir melhor’ aí eu benzi mais, pronto, aí 9 horas eu vim embora, peguei carona.”

A indicação do benzedor não tem local específico, onde as pessoas se encontram é o momento de indicar o benzedor, que é passado o nome de um a um, como Esmeralda Lizardo comenta um dos exemplos que aconteceu com ela em um local público na sede do município :

“Vão passando assim parece..é..olha esse que eu falei pra ti, foi lá na feira, foi encontrar Guiomar, irmã da Neide, aí ela falou que genro dela já foi pra Manaus, no teve cura, foi no médico e nada, forte, forte, aí disque Guiomar disse é cubrelo esse daí, esse daí só oração, sabe quem sabe rezar dona Esmeralda, nessa ora parece que eu apareci, olha aí ela, vai já fala com ela, aí ela veio me buscar aqui pra benzer, aí vieram meio dia aí a tarde no vieram mais, aí eu perguntei da velha: ‘ melhorou será?’ eu falei nem acabei minha oração, ele já melhorou já ela disse , ‘*anha* eu fiquei preocupada porque eu não acabei minha oração”.

O pessoal comenta, uma pessoa indica para outra como mencionei anteriormente, sempre falam: “Ele ou ela me curou, vai lá com ele”, geralmente são pessoas que já foram curadas, então procuram o benzedor e assim espalha na região, às vezes são pessoas que eles não conhecem, mas não deixam de ajudar. Também há aqueles benzedores que acompanham algumas famílias, crianças ou adultos por muito tempo que sempre o procuram, pois já tem aquela confiança no benzedor.

Apreendendo a eficácia ritual enquanto eficácia simbólica, nota-se que a eficácia da magia implica necessariamente na crença da mesma. Esta crença, por sua vez, se apresentaria a partir de três aspectos complementares: a crença do feiticeiro nas suas técnicas, do doente no poder do feiticeiro e o *consensus* coletivo (Lévi- Strauss, 1996).

Contudo, analisando os processos de cura xamanística, Lévi-Strauss observa que a explicação da cura enquanto fenômeno psicológico permaneceria vazia de sentido enquanto não se definisse as maneiras pelas quais tais representações são invocadas no combate das perturbações fisiológicas (Lévi-Strauss, 1996).

No caso da “mãe do corpo” que sempre volta, as benzedoras possuem mulheres que sempre acompanham e ai já tem aquela pessoa de confiança para chamar. Às vezes o útero sai do lugar que deve ajeitar até fica no lugar. Outra questão interessante entre os benzedores é a questão do benzimento dentro do ambiente familiar deles, porque pelo que

eu pude observar na pesquisa de campo, quando o benzedor benze para sua família, como filhos, netos, enfim parentes próximos, a oração não pega, porque é como se ele estivesse benzendo para ele mesmo, porque tem o mesmo sangue. Como pode-se ver na explicação de Leonardo Henrique:

“Quando não tem ninguém eu rezo nos meus filhos, mas só que pra família custa pegar a oração, olha esses menino chorão aqui, já tentei de todo jeito, parava um pouquinho, mas no passou não, o jeito procurar os outros pra poder tirar esses choro dele, mas eu rezar pra família não, sabila quantas vezes ‘tere’ no me ralhou por causa dessas coisa, pros outros pega bem, rapidinho, mas na minha família não, porque diz o pessoal é o mesmo sangue né, e o mesmo que tivesse rezando pra ti mesmo aí no pega”.

Ele conta também de uma vez que ele foi subir no pé de açaí, escorregou e se feriu, resolveu benzer nele mesmo, pois doía muito e ele quase morreu. Segundo ele, a oração aliviou a dor, mas não foi tão eficaz como se estivesse rezado para outra pessoa. Pois segundo os benzedores Baré o benzimento não tem eficácia se for feito para parentes próximos, do mesmo sangue, seria como se o benzedor estivesse benzendo a ele próprio. Sendo assim feito o benzimento apenas para pessoas que não são parentes. Porém um ponto em comum que me chamou muita atenção é como todos os benzedores Baré no momento da cura buscam ajuda na sua fé em Deus e santos.

2.5. O tabaco

Há alguns benzedores que benzem a oração no cigarro, sendo que alguns pedem na ausência do doente alguém da família assoprar, já outros benzedores assopram no doente, caso ele esteja presente. Se o doente chega no dia e não der para rezar no seu corpo no mesmo dia ou o doente não está presente, faz-se um cigarro e benze no cigarro como se o cigarro fosse o corpo da pessoa. Como afirma Wright (1996): “soprar a fumaça de tabaco sobre o paciente para concentrar a sua alma em seu lugar central, o coração” (pg. 81)

Entre os Tapirapé Wagley (1976[1943]) descreve que o tabaco é uma planta sagrada, necessária as curas e a todas as atividades xamanísticas “porém, embora exista em

quantidade próximo das aldeias e roças Tapirapé, não é propriamente uma planta de cultivo” (pg. 247).

O tabaco tem um papel central nas curas quanto nas agressões praticadas pelos xamãs: a fumaça do cigarro é utilizada para chamar auxiliares, para mandar ou para retirar as “armas” que provocam as doenças, pois a fumaça relaciona-se ao vento (Gallois, 1996, pg.43-44). O uso do cigarro é frequente em alguns benzedores Baré, mas nem todos rezam no cigarro, sendo mais usada a reza no próprio corpo do doente. Rezam também em alimentos como, por exemplo, em mingau de farinha, tapioca ou maçoça. Diferenciando os tipos de benzimento, Felisberto da Cruz Baré diz:

“Deus mesmo, esse pra dor de dente pros velhos a gente faz no cigarro, agora pras crianças é na água, coloca no copo um pouquinho de água, agora pra febre a gente reza nele mesmo e pra útero (mãe do corpo- *Madri*) a gente reza no chá, o que é bom mesmo é de folha de abacate, pra dor de dente vão fumar, só pra puxar pelo nariz”.

O tabaco é usado mais quando o enfermo não está presente no momento, pois se ele estiver não há necessidade, pois o benzimento é feito diretamente nele mesmo. Agora, se o doente solicitar do benzedor o cigarro, então o benzedor benze e dá o cigarro pra ele, mas é mais em situações que quando a pessoa sonha ruim e é feito o cigarro para afastar o mal.



O tabaco sendo feito

Neste caso, a oração está no tabaco, então quando ele é aceso a oração está saindo do cigarro pela fumaça e penetrando no doente. Tem pessoas que pedem para fazer o cigarro e assoprar após dias. Segundo Leonardo, antigamente fazia cigarro com ‘*tauari*’ do mato, é tipo papel, tirava a casca dele, tirando tudo, limpando bem o “*tauari*”, depois tirava um pedaço de pau para servir de cacete para ir batendo na ponta, isso fazia o *tauari* virar papel, ficava muito bonito, depois deixava secar bem e ia cortando dependendo do tamanho que fosse precisar no momento; esse era próprio para utilizar no benzimento.

Assim como o tabaco, o sonho e os santos, todos são usados pelos benzedores como instrumento do benzimento, utilizando-os com o mesmo objetivo que é a eficácia da cura ou obtenção de outros benefícios, como proteção, fartura, entre outros.

Capítulo 3

Práticas de benzimento Baré: Os tipos de doenças, causadores e cura



Foto tirada do sítio Paraúá

3.1 “Corpo e doença”

Neste capítulo, abordo a temática do corpo, enfatizando como os Baré do Alto Rio Negro são afetados por algumas doenças que provocam alterações corporais e transformações da pessoa. Abordo as doenças mais recorrentemente citadas pelos Baré, faço referência a uma perturbação corporal, causada pela ação de outro humano e animais encantados. Sendo que o que é curado no doente é o corpo e o espírito, porque o espírito está dentro do corpo, se o corpo se cura, logo o espírito também, porque se a pessoa melhorou é porque o espírito está forte.

O benzimento para os Baré serve como preparação de ritual antes, durante e depois, é proteção de defesa. Como o exemplo do rito de passagem da menina moça, que nessa fase é muito importante para prevenir doenças que possam aparecer no futuro, que é claro que só se cura com o benzimento, mas com o benzimento também pode se prevenir. Porém se não seguir esse resguardo e não tiver benzimento, mais na frente quando a mulher começa a ficar doente, começa a dar dor de cabeça, porque ela não resguardou bem. Não pode comer certos alimentos porque a menstruação sai mais forte, pode até dar hemorragia, por isso elas se resguardam, não pode está pegando sol e chuva.

Se a moça teve a passagem hoje, não pode mais sair de casa, as mães falam assim *indé kuyãmuku, resu repita ne canto upé* “você já é moçinha você vai ficar no seu cantinho”, vai ficar fazendo jejum, só tomando *caribé* durante cinco dias, sem ver ninguém, só a velha que leva o caribe. Com seis dias vão dar banho na moça, antes só fazem trocar a roupa, não toma banho, somente após seis dias. Assim defuma-se com *carayã*¹⁵ para os bichos encantados não se aproximar da moça, tudo com benzimento, se benze o *caribé*, a pimenta, tudo benzido. Não pode tomar e comer nada sem benzimento, porque quem não tem benzimento passar alho, dizem que os encantos têm medo de alho, passando-se nos pés, nas mãos. Como diz a Benzedeira Virgínea Baré:

¹⁵ Pedra que serve para defumação.

“Se a mulher não seguir resguardo que são 7 dias pega qualquer tipo de doença, não fica boa de saúde, fica doentia, hoje até no e mais tanto, mas antigamente era tudo benzido, não podia comer porque a mulher tem que aprender a sentir fome, aí depois ela vai superar tudo, porque quando o corpo dela se transformou já com aquele impacto, com fome com os conselhos que ela recebe. Sete dias tomando coisa leve, sopa, mingau, só não pode comer carne, comida pesado, peixe e tudo que ia comer era tudo com benzimento”.

Quando a mulher fica menstruada primeira vez, se não tiver benzimento e não seguir o resguardo, às vezes não acontece nada na hora, mas tarde vem complicação, fica doente, emagrece, chamamos de *kariamã*, porque para nossos avôs antigos é se isolar durante quase uma semana sem comer nada, só água e *caribé*, enquanto não for benzer não pode comer nada e nem sair para fora. Depois que a mulher tem marido, tem filho, começa a complicar, então começa a falar ‘dói aqui’, aparece mioma, isso é *majuba*, tudo isso vem lá da primeira menstruação, então por isso a importância do benzimento. Na primeira menstruação não pode comer peixe grande como o tucunaré e piraíba por ser reimoso, dá muita complicação para mulher ou que ganhou criança, podendo se alimentar somente do peixe cará e jacundá.

Porque o benzimento, como diz os ‘branco’, é só para nós indígena, porque desde que nascemos devemos ser benzidos, inclusive os alimentos para podermos comer como o peixe, para não dar diarreia. A mulher, depois do parto, também deve ser benzida com o benzimento específico.

Tudo se pode evitar antes da doença ou o mal chegar com o benzimento, os pássaros também avisam o que está para acontecer, como a rolinha, que se ele ficar chorando em cima da casa de certa pessoa, esse é o sinal certo que haverá morte na família como conta Eugenio “A rolinha, se começou a cantar, pode procurar de mandar rezar ou espantar ele, que esse daí é certo uma morte”. O litiru, massarico que chamamos da praia, quando sobe em cima da casa é mau sinal que dá para a família, ou alguém vai ficar muito doente, irá morrer ou algo ruim está por vir. Então a pessoa procura um benzedor para informar o que aconteceu, logo o benzedor irá benzer contra esse mau, a fim de evitar o pior.

Segundo o benzedor Leonardo Baré “A coruja quando canta no quintal de uma casa, estando dentro de um terreno de uma pessoa, vai acontecer algo com aquela família,

alguém vai ficar doente ou vai perder alguém da família”. Contudo Eugenio Baré conta que:

“Todos os pássaros dão sinais, principalmente gavião, urubu é perigoso faz sinal ruim, eles são espírito, tudo nesse mundo é espírito, mas não é como cobra, dá muito aguiro¹⁶ quando sonha mal também ele dá doença, se alguém no benzer é capaz de morrer”.

Como diz Langdon (2003, pg.100) “A relação corpo cultura vai bem além da questão de sofrimento físico”. Além disso, há uma dimensão particularmente importante, apontada por Viveiros de Castro (2002, pg. 390) relacionando essas dimensões à possibilidade, sempre iminente, do corpo ser atacado por uma doença capaz de afetá-lo de um modo que pode mudá-lo.

Wawzyniak (2008) diz que um corpo humano não se autorregula, não se desenvolve independente das múltiplas intervenções realizadas sobre ele, ao longo da vida das pessoas. De forma análoga aos espaços e seres, o corpo humano também é regulado por uma mãe: a “mãe do corpo”.

Para saber sobre o corpo, deve-se saber sobre a “mãe do corpo”. Disse-me Virgínea que: mãe do corpo é o útero da mulher. Embora o corpo de homens e mulheres tenha uma mãe, ela aparece mais em mulheres, por ter relação com a saúde reprodutiva. A mãe do corpo vive no útero da mulher, aparece causando dor principalmente quando a mulher não se alimenta direito, então as veias se espalham e somente a benzedeira deve “puxar, ajeitar e colocar no lugar”, somente assim haverá a cura. Quando está muito avançado causa febre, como veremos adiante.

Durante a menstruação a mulher oferece perigo e encontram-se expostas a perigos, por causa de sua condição. Na região do alto rio Negro, a menina quando passa a menstruar pela primeira vez, deve permanecer na sua casa, sem sair para lugar algum, e sem ninguém a vendo, somente a sua avó, ou na ausência dela sua mãe leva mingau benzido durante sete dias e somente após esses dias, ela toma banho, porque não pode descer ao rio por causa do boto que pode engravidá-la ou causar doença, após esses dias ela lambe pimenta e toma

¹⁶ Indica que vai acontecer algo ruim.

mingau de farinha ou de beiju. Se não seguir esse resguardo, mas na frente virão complicações seguidos de doenças.

E a partir da segunda menstruação ela não tem todo esse ritual. Porém, não pode ir ao rio buscar água, lavar roupa, tomar banho, pois está sujeita ao ataque do boto ate a pessoa que estiver com ela, ou vier atrás pode pegar a “surra” do boto que causa dor, dentro do corpo, na cabeça, pés ou mãos. Se precisar viajar no período menstrual deve esfregar alho nas mãos ou nos pés para afastá-los.

Quando estiver no ciclo menstrual considera que ela está “doente da barriga”, fazendo com que nesse período ela siga umas restrições, tais como: pegar instrumentos de caça e pesca, se pegar vai deixar o homem *panema* (com azar, sem sorte), não pode comer peixe reimoso; não tomar açaí; não carregar peso; jogar bola e ficar andando em lugares onde os encantados possam estar, pois eles sentem o cheiro do sangue menstrual.

Lasmar (2005) conta que a mulher menstruada é alvo fácil para os *wa'i masã*, ou gente-peixe que, por inveja da fertilidade dos humanos, costuma fazer-lhes mal, enviando doenças. Por isso, no período menstrual, a moça é submetida a um conjunto de ritos protetores. Sendo mantida reclusa no interior de um cercado feito de pari e deve obedecer a uma série de restrições alimentares, que serão gradativamente suspensas à medida que os alimentos forem sendo benzidos para o consumo. A reclusão pode durar até duas semanas, nesse período a moça aprende sobre uma variedade de assuntos concernentes a sua futura vida de mulher adulta e casada. Os ensinamentos são passados, preferencialmente, por sua avó ou por outra parenta mais velha, na falta destas, por seus próprios pais (pg. 116).

Por estar numa situação liminar, acentuando a condição ambígua enquanto natureza e cultura (Da Mata, 1973), a mulher que ganhou bebê também deve seguir um resguardo e dietas alimentares como a mulher menstruada. Os cuidados corporais têm início durante a gestação, com massagens que a parteira faz para saber como a criança está. A criança se cria de cabeça para cima e pé para baixo, a parteira então certifica a posição que deve estar quando está para nascer como me explicou Eunice Salgado Baré que é benzedeira e parteira:

“O médico falou pra minha nora que ela ia ganhar criança 16 de fevereiro, mas eu disse que ela ia ganhar esses dias em janeiro porque já tava na posição, já tava reto, porque a criança fica

esticadinho, ai eu ajeitei a barriga dela e no dia 31 ela ganhou a criança”.

Na formação da nova pessoa interfere o consumo dos alimentos prescritos ou restritos, “O esforço físico realizado pela mulher durante a gravidez e os cuidados que ela tem com o seu corpo, tudo isso influencia o bebê que está no ventre da mãe”. (Wawzyniak, 2008, pg. 112) Depois do nascimento é preciso submetê-lo a um processo de humanização, o que é feito através de um conjunto de técnicas corporais. Assim “o corpo precisa ser submetido a processos intencionais, periódicos de fabricação (Viveiros de castro, 1987, pg. 31 *apud* Wawzyniak, 2008, pg.112).

A abstenção de determinados alimentos e um período de reclusão possibilitam o fortalecimento do corpo, e evita-se o risco de contaminação por substâncias potencialmente causadores de doenças (Viveiros de castro, 2002). Quando o bebê ainda é de colo requer precauções devido a sua fragilidade, a fim de evitar o quebrante e mau-olhado.

Os pais dessa criança também devem seguir restrições com a criança, tais como: exposição a olhares alheios; serenos; sustos. A mãe deve seguir restrições alimentares, como, não comer comida reimosa como peixe liso, pois pode causar infecção através do leite materno, se descumprir essas regras, pode causar doenças, especialmente na criança. São aconselhados a não comer a comida reimosa em qualquer situação no qual o corpo da pessoa fique exposto, aberto, por doenças feridas, cirurgia, parto ou menstruação. Ingerindo o alimento reimoso faz com que a doença que está dentro do corpo escondida apareça.

Dependendo da doença há casos que são rezados em chá para o doente ir tomando. Há também o *chicantá* que é benzido para defumação inclusive muito eficaz para curar doenças. Todos esses meios dependem de cada doença, pois são várias, conforme Galvão (1955): “acredita-se que um objeto maligno introduzido no corpo da vitima é a causa da doença. Defumação, massagens e sucção constituem os métodos de curas pelos pajés” (pg. 162).

Adoecer para nós é quando surge algo dentro ou por fora do corpo, ou quando sente alguma coisa incomodando dentro barriga, o doente vai ao médico e nos exames não aparece nada, mais quando vai ao benzedor, ele benze e diz o diagnóstico da doença, se é doença dos ‘branco’ ou uma doença que só pode ser curada por benzedor ou remédio

caseiro. Quando o Baré adocece deve se cuidar, descansando, não podendo deixar a doença dominar o corpo e o espírito, porque se o doente não se alimentar, não ficará saudável novamente. E voltar a ser saudável é quando o Baré não sente nenhuma dor, pode comer tudo que quando o Baré está doente faz mal e trabalha normal. Segundo o benzedor Leonardo Baré:

“Tá curando o espírito, porque o corpo ele depende do espírito, então se tu tiver com espírito mal, é lógico que teu corpo ele nunca vai suportar, então eles preparam o corpo e prepara o espírito pra poder o corpo receber ele bem, se o espírito tá ruim vai aparecer no corpo”.

Dependendo da doença no corpo, os Baré procuram o especialista para determinada doença que está sendo apresentado em seu corpo, seja de praga, feitiço, mãe do corpo, quebrante ou encanto, para cada uma dessas enfermidades há um especialista. O poder de cura de tais especialistas reside em três aspectos complementares, apontados por Levi – Strauss (1975): a crença do próprio especialista na eficácia de suas práticas, a crença do doente na eficácia de tais práticas e, a crenças e a expectativa coletiva. Sendo assim Vianna (2012) diz:

“A doença indígena é produto de um desequilíbrio amplo, social e cósmico, envolvendo várias ordens, que encontra sentido justamente na existência da alteridade, ou seja, no conflito com os ‘outros’ – humanos e não-humanos – que fazem surgir às doenças” (pg. 217)

Segundo Pissolato (2007), entre os Mbya-Guarani as causas das doenças são feitas através de feitiçarias, animais da mata, das águas e dos espíritos de pessoas que já faleceram. Nota-se que todos têm em comum a causa de doenças, pois as feitiçarias são feitas através de humanos que provocam essas doenças para se vingar ou por maldade mesmo, os da mata e águas causam doenças por desrespeito a mata e por não seguir regras de conduta, e os espíritos se manifestam através do sono e atacam.

Galvão acrescenta que: “todos os animais são potencialmente malignos. Cada espécie possui a sua mãe, a mãe do bicho, entidade protetora que castiga aqueles que

matam muitos animais”. (Galvão, 2010, pg. 105) na região os seres atacam provocando doenças nos Baré, o que causa muito adoecimento na região. São de animais como também de humanos, entre esses dois, são temidos na região. Então para detalhar melhor e facilitar o entendimento do leitor, será dividido em itens por cada doença, causador e cura tanto de animais e humanos, que mais atormentam os Baré na região do Alto Rio Negro.

As enfermidades curadas pelas benzedadeiras se configuram como perturbações que atingem não apenas o corpo, a esfera física, mas estão relacionadas a questões sociais, psicológicas e/ou espirituais que afetam o cotidiano. Enquanto a Medicina científica se concentra nos aspectos biológicos do processo saúde-doença, o benzimento ocupa-se de perturbações que desequilibram a vida das pessoas e que podem ser causadas por diversas coisas, aproximando-se mais da forma subjetiva como as pessoas vivenciam o processo saúde-doença. Além disso, a eficácia do benzimento está estreitamente relacionada ao modo como as pessoas percebem a saúde e a doença. Os elementos utilizados são diversos, tais como: Vela, tesoura, ervas, água, ramos, fitas, santos e tabaco.

Entretanto, nós acreditamos nas curas espirituais, cujas doenças são lançadas e/ou causadas por pessoas conhecidas na região como “estrago” ou por seres “encantados” (animais que acreditam se transformar em humanos, seres da água, e da mata). As doenças causadas por seres encantados ou pessoas estragadas, é fruto de métodos conjugados que envolvem diversas plantas naturais, tais como o *piranha caá* que é utilizada contra veneno, *munhatinbó*, utilizada contra encantos e *piripiriaca*. Essas espécies são de suma importância para o nosso contexto e cultura, porém, na concepção ocidental, as doenças são consequência das debilidades que ocorrem no organismo humano, ou elas são adquiridas em razão de uma deficiência contraída ou são geneticamente adquiridas.

Na cultura Baré, corpo e espírito não se separam muito menos se desligam o homem do cosmos, ou a vida da religião. Para todas as doenças que atingem o corpo e a alma do Baré, sempre há uma reza para curar. É por isso que, apesar do tempo e dos avanços da medicina, a tradição dos benzedores ainda prevalece na cultura Baré. Acreditando ou não no poder da reza, tem sempre aqueles que procuram, nas rezas e nos benzimentos, uma cura para a sua doença ou um alívio para a sua dor. Como veremos a seguir.

3.2 Doenças causadas por majuba ou encanto

“boto também é gente”

Neste item apresentarei as doenças que atingem os Baré do alto rio negro, que para nós toda doença tem uma causa e uma cura que somente o benzedor pode curar. Glick (1967) relata que para o pensamento tradicional as doenças são causadas por divindades, plantas, animais ou pessoas com capacidade para causar uma doença em outras pessoas e que só podem ser curadas no âmbito do sagrado. O termo majuba é mais usado quando se refere ao boto, que também é chamado de encantando, além do boto, os encantados são a cobra, sucuri, peixe, sapo, mapinguari, matinta-perera e cabeçudo (bicho de casco). Contou-me uma vizinha que certa vez uma conhecida comeu quando estava menstruada o cabeçudo, sua barriga cresceu como se estivesse gestante, mas os parentes perceberam que não era, então chamaram o benzedor e ele passou um remédio para ajudá-la a se livrar do encanto, logo foi no rio e saiu de dentro da mulher diversas irapucas, ou seja, filhos do cabeçudo.

A cosmologia dos Baré postula o reconhecimento do meio como possuindo poder de encantamento e como pessoas as quais se estabelecem relações recíprocas. Os encantados segundo os Baré são causadores da maior parte das doenças afetadas na região, principalmente as mulheres quando estão menstruadas ou as pessoas que as acompanham quando estão nesse período menstrual. Quando a mulher está nesse período ela não pode descer até ao rio para tomar banho, lavar roupa ou algo do tipo porque o contato com o encantado é maior por causa do *masisá* ou sangue menstrual, então quando algum parente chama a mulher menstruada para ir ao rio, ela responde *ti açu garapé quiti se masisá aicu!*¹⁷

Segundo Eugenio Baré “Antigamente era tudo benzido, água, comida; se tiver menstruada e descer no rio a majuba da surra nele ou nela e pode passar doença para aquela pessoa que foi tomar banho atrás dela”. Para a majuba não causar nenhum mal, deve-se cercar todo o corpo e local com benzimento, benzer a comida para ele comer.

¹⁷ Em português significa não vou ao rio, pois estou com sangue menstrual ou menstruada.

Quando não segue o resguardo da primeira menstruação com o passar do tempo aparece doença na pessoa ou a majuba pode entrar na pessoa como diz Eugenio “Majuba é igual gente, entra no corpo para curar o doente, antes eu trabalhava assim, agora eu só benzo, porque quando sai um espírito, entra outro, depende como a gente quer, tem que ser forte pra poder aparar”. A doença de majuba aparece em qualquer parte do corpo.

O encanto da água mais comum é o boto, quando ele ataca a pessoa fica igual um bêbado. Segundo Galvão (2010): “Quando o boto aparece sob a forma de homem, veste-se em geral, de braço, a cor preferida para as festas’ (pg. 96-97) Galvão também relata sobre as situações de mulheres que enlouquecem por causa dos botos, tentam entrar nos rios à noite e outras situações perigosas.

Somente um rezador pode tirar isso da pessoa e caso não seja retirado, a pessoa pode morrer. Há o encanto que ataca a mulher no sonho, tipo quando começa a sonhar com homem toda noite, tendo relação sexual, disso já causa doença, dores. Às vezes demora até um mês para a doença se manifestar, mas ela vem, e aí só o benzedor para curar e depois fechar o corpo para não voltar a sonhar com isso, pois na oração chama o nome da doença e retira a majuba do doente, sendo assim a oração afasta esses seres encantados. Em relação aos sonhos ruins, Vianna (2012) conta que esse sonho pode ser traduzido como sonhos eróticos, pois nesses sonhos as pessoas podem se relacionar com mulheres no caso de homens e com homens no caso das mulheres.

Os botos podem assumir formas de humanos para alcançar suas vítimas. Eles são considerados bonitos, bem arrumados, e também dizem que dançam muito bem em salões de festa. Eu ainda era criança, mas lembro que na festa de São Joaquim uma moça conheceu um rapaz muito bonito, então ela começou a dançar com ele. O rapaz depois chamou a moça para irem para as pedras na beira do rio, então ela apaixonada por ele, fez o que ele mandou e dizem que quando ela chegou na pedra, ele se jogou no rio e chamou ela, sendo que estava de noite e de lá ela viu um boto boiando no rio e não viu mais o homem. Ela saiu correndo para onde as pessoas estavam, no salão de festa, então depois ela ficou muito doente, e dizem que o boto queria levá-la, não conseguiu, então ele estava querendo levá-la de outra forma adoecendo-a.

Segundo Melo (2009) no contexto em que se inserem os Baré, especialmente quando estão nas comunidades ou se movimentando pelos rios, “quando alguém desaparece, acredita-se que essa pessoa foi levada para o encanto e, nesse caso, é necessário recorrer aos xamãs para resgatar essa pessoa” (pg. 125).

Também pode afastar os encantos com alhos e segundo os antigos eles não suportam o cheiro do alho e se afastam de suas vítimas, pois se não afastá-los eles podem até engravidar a mulher através do sonho, e a criança que nascer perseguirá a mulher encantada para então adoecer e falecer, sendo assim devem procurar um benzedor para afastar isso, como conta o exemplo de Leonardo:

“Minha mãe morreu assim, quando ela tava morrendo já, ela já tava nas últimas, ela começava agradar e dizer ‘vem pega essa criança aqui, tô cansada já’, depois já ela disse que tava no segundo filho já no sonho, e aí levaram ela assim, morreu assim com os encanto lá no *Temêdauí*, onde a gente morava”.
(Leonardo Henrique)

Os botos são possuidores de uma dimensão sexual muito grande. Eles indicam infortúneo, pois encantam a pessoa e a deixa doente, sendo assim todos evitam manter contato, evitando até mesmo olhar para eles, porque qualquer aproximação é perigosa. Como o benzedor Eugenio Baré conta: “Bem aqui tem um garapé, era antigamente muito “brabu” ali as majuba, por isso que quando mulher anda lá é perigoso da surra nela aí já pega doença”. Outro meio de adquirir doença é comendo peixe sem benzimento após o parto, pode-se citar o exemplo do mioma.

Há história que os velhos contavam é que o objetivo dos encantados é levar a alma da pessoa para o mundo deles, transformado em *kariwa* (pessoas brancas, não índias), sedutores de almas que atormentam o sonho de mulheres, e quando a mulher desce no rio menstruada facilita a perseguição desse príncipe das águas.

A categoria em gerar está diretamente ligada à perturbação denominada de mau-olhado de bicho, pois os ribeirinhos acreditam que os bichos, seres capazes de mudar de aparência tanto física quanto comportamentalmente, sejam os agentes causadores de algumas modalidades de doenças. São seres com poder virtual de transformação e de provocar alterações físicas e psicológicas na pessoa vitimada pelo seu olhar (Wawzyniak, 2008, pg. 49).

Isso me faz lembrar a infância quando íamos para o sítio, pois quando o boto surgia no rio eu e meus primos adorávamos ficar olhando ele, e minha avó gritava “não fica olhando pra eles, cuidado ele vai mostrar caixão ou alguma coisa, aí vocês vão ficar doente”. Isso nos apavorava e saíamos correndo, porque boto é gente na nossa concepção.

Conforme Melo (2009): “Os amazônicos mantêm um vínculo simbolicamente especial com os botos, pois os percebem como seres poderosos e dotados do que Lasmar chamou de *wái massa*” (pg.119). Segundo a autora é uma potência que pode afetar o bem-estar das pessoas, especialmente de moças jovens, especialmente na menstruação. Isso faz com que as moças do Alto Rio Negro sigam diversas regras de como se comportar nesse período menstrual para não ser atingida por um encantado. Se a mulher sonhar todas as noites tendo relação sexual com homem, se a mulher não contar para ninguém e não mandar benzer, isso já vai se transformar em doença, adoecer e até morrer dependendo do avanço.

Portanto Vianna (2012) relata que: “a definição desta condição invisível é decorrente das condutas de higiene e de comportamentos que são ligadas as ações das pessoas, de modo que essas doenças têm sua causa atribuída à responsabilidade do próprio doente” (pg.173). Existem vários tipos de majuba. Há o encantado, sendo este o nome mais comum, o *saruãnsá*, sendo este de três tipos e cada doença causada dessa espécie tem uma reza própria, não é só uma reza que pode curar todas, a majuba que é o boto.

No ponto de vista Baniwa, Vianna (2012) conta que essas situações acontecem com frequência e assim causa o processo de adoecimento causado pelos *yóopinais*/boto. O contato com o mundo dos botos causa uma doença. Entre nós Baré, assim como mulheres, adultos, as crianças também são afetadas pelos botos, como diz senhor Eugênio:

“Aqui chegou hoje, menino deste tamainho, ele não foi benzido nada acho que a mãe pegou sem benzer, sem cigarro sem nada, aí entrou a majuba na criança, chorou, chorou, tava chorando mesmo, aí eu falei esse aqui não foi benzido, mandaram benzer pra esse negócio de majuba, aí eu rezei aí parou, amanhã mandei vim de novo pra trazer cigarro pra benzer, pra defumar aonde a criança deita tem que ser assim”. (Eugênio Paidano)

Os botos se transformam em humanos e na maioria das vezes até adquirem formas de alguém próximo de sua vítima. Leonardo Baré conta uma história que ocorreu em *Pimedaui*:

“Um homem se casou novo com uma menina, ela começou a ir pra roça, ele foi pescar, aí um dia ela viu o marido que saiu atrás dela, aí ela viu ele na roça fazendo todo tipo de serviço, aí um dia ela perguntou do marido ‘mas tu saiu atrás de mim’, não ele respondeu, por que? aí ela contou ‘todo dia tu tá saindo atrás de mim’, ele disse não, então amanhã eu vou pra bera da roça, ela mandou lugar pra levar o cara lá, aí oito horas o rapaz saiu atrás da mulher, aí ela levou pro rumo do marido verdadeiro, rapaz quando ele chegou ele viu o cara pulou em cima dele e furou embaixo do Suvaco, aí o encanto caiu pra água, pronto, aí depois de dois dias boiou um botozão lá, furado bem embaixo da aza dele, já virando gente foi bem embaixo do braço que ele furou, aí morreu, era boto”

Segundo Leonardo, se a moça não tivesse contado para o marido, o boto ia engravidar ela, então ela ia adoecer e a cura é só benzendo. Ele afirma que já salvou muitas pessoas com essas doenças de encanto.

Wawzyniak (2008) conta um exemplo idêntico a esse, em que o boto toma a forma humana, uma mulher manteve relação sexual com o boto pensando ser seu marido, pois o boto tomou a forma do seu marido. Meses depois, a mulher deu a luz a uma menina branca que sente mal ao ser exposta a luz do sol, mas à noite ela se anima, vive revirando o olho rapidamente.

Todos os contatos com esses seres provocam doenças. As doenças de majuba provocam dores na perna, no braço ou em toda parte do corpo e inchaço em alguma parte do corpo e se não haver benzimento pode haver morte. A cura para doenças de majuba também podem ser feitas com a ajuda do *pariká* ou jogando água na pessoa e ao redor dela. Essas formas ajudam o benzedor a enxergar o que está presente na pessoa, para então retirar essa enfermidade com a ajuda da fé e assim afastar a majuba nas pessoas, especialmente nas mulheres que tem filho e não mandam benzer, sendo necessário o benzimento nessa situação.

3.2.1 O Curupira

O curupira é um encantado que também atinge os Baré, não com frequência como o boto, mas também, o boto vive na água, o curupira vive que no mato, mas também causa

doença. Sendo que o curupira é diferente do boto, pois ele vive sozinho na floresta e não se intromete no domínio dos humanos, a menos que eles invadam seu espaço, que é a mata e desrespeitem as regras da natureza, como matar ou maltratar os animais. E ele pode punir severamente a pessoa, pois se encontrar com ele na mata pode causar na pessoa febre e deixá-la “louca”. Pois Melo (2009):

“O curupira vive na floresta isolada, não humanizada, compartilhada com outros seres mágicos, mas não necessariamente humanos. Está inserido no domínio da natureza por oposição a condição de humanidade. Tem poderes até para fazer com que as pessoas percam a razão”. (pg. 129)

Esses encantados provocam medo entre os Baré. Citamos sempre o curupira, mãe da mata, que protege a natureza contra caçadores. Aqueles que não agradam a natureza, como por exemplo, deixar queimar um peixe sendo assado, provocam trovoadas, ventanias, temporal, que nós chamamos de *saruã*. Ir para mata sem esquentar bem a comida, descer para o rio menstruada, todas essas situações atraem esses seres.

O sonho, como conta Leonardo Baré, relaciona-se com o que conta Montando (2002) que entre os guarani “indicam possibilidades, que no decorrer do dia são interpretados. Os relatos dos xamas antigos referem-se sempre a propriedade que tinham os seus sonhos de indicar que não deveriam ir à caça em determinados dias” (pg. 50), então diz Leonardo Baré:

“Esse dá mais doença se tu sonhar mal sabe, sonha ruim, dorme e sonha ruim, toda vez que tu sonhar caba te ferrando, gente balando, tão te flechando no sonho, aí tu vai pro mato, aí da aquela dor né, é por isso que e majuba, dá sinal no sonho, aí quando tu sonha ruim, melhor tu não sai de casa, fica lá, igual se tu sonhar pescando, anzol engata em ti em algum lugar, se tu for perigoso cobra, que dente de cobra é igual anzol né, é perigoso quando sonha assim”.

O curupira é coberto de pelos e os pés são voltados para trás para distrair os caçadores. É considerado um espírito da mata, que governa, administra os recursos florestais. Em defesa do que lhe pertence, é capaz de malinar, deixando desarrumada a pessoa que descumprir com os seus regulamentos (Wawzyniak, 2008). Os mais velhos

contam que às vezes o curupira se transforma em um animal inalcançável, fazendo com que o caçador seja levado para longe de sua trilha fazendo com que ele se perca na selva.

Segundo David (2015) o conde Ermanno Stradelli, que vincula a tradição guranítica o relato do curupira, descreve-o como um ser com corpo de menino e faz derivar seu nome dessa circunstância; curu, abreviatura de curumim, menino, e pira, corpo. É descrito como um menino de cabelo carmesim, com o corpo coberto de pelos e a particularidade de ter os pés virados para trás, de modo que suas pegadas possam dar aos caçadores a impressão de que ele se distancia, quando na verdade se aproxima. Leonardo Baré conta que:

“Se tu for derrubar roça e deixar o machado lá mesmo, de manhã tu vai quebrar um galho e varrer o machado, porque se não fazer isso, de repente tu pega o cabo do machado aí da choque, pronto esse já vai ficar doente, esse aí é sopro do curupira, ou tu sonha ruim ou com mulher, aí tu vai pra roça sem contar pra ninguém que tá tudo em ti esse sonho, daí tu já pega doença, da dor no corpo”.

O curupira pega o enfermo e o transforma em fera, despojando-o de qualquer característica humana. A crença que fundamenta o atual perspectivismo antropológico, de que todo animal foi humano, sem dúvida encontra aqui sua justificativa reversível. Por outro lado, numa sobreposição com jurupari-deus genético que coloniza os outros, tomando emprestados seus atributos, costuma invadir os sonhos sob a forma de pesadelos. (David, 2015)

O curupira castiga a pessoa através de seu corpo, pode ser uma grande dor de cabeça ou em outra parte do corpo. Wawzyniak (2008) diz que o mau-olhado de bicho afeta quem não cumpriu o contrato estabelecido com o bixo, especialmente com o curupira, ou agiu de forma desrespeitosa as normas orientadoras das práticas de convivência com a natureza e do uso dos recursos existentes em cada um dos lugares pertencentes a eles. Descumprir o regulamento, que é dado pelos donos do lugar ou através do curador (pajé), durante os trabalhos, resulta em castigo na forma de adoecimento.

Os encantados e os seres da floresta são considerados seres dotados de poderes e causadores de doenças, nos Baré, sendo recorrido ao benzedor, logo ele irá saber qual é a doença através da oração feita, para poder curá-los, não tendo chances de cura se recorrer a curas ocidentais, como hospital e médico, mas que dificilmente curam se forem essas

causas, pois é difícil o médico descobrir o que é a doença. Como diz o benzedor Baré Rufino: “Esses daí procuram primeiro rezador (*uyũbuesá*), primeiro, tem outros já vão pro hospital, ai se não der jeito ai eles procuram já rezador, eles procuram, mas rezador, aqui é”. Se por acaso o benzedor não alcançar a cura, então pensa que é doença de branco, grande maioria aceita o tratamento do médico, mas sem excluir sua medicina tradicional. Segundo Langdon (1988):

“O pensamento indígena situa os dois sistemas como complementares, pois sendo a doença resultante da conjugação de forças mágicas e naturais, as últimas seria o ponto de incidência dos cuidados médicos na supressão dos sintomas”. (Langdon, 1988, pg. 19)

Segundo Melo (2009, p.116) neste âmbito, os encantados e o Boto, em particular, são especialmente significativos, pois são eminentemente liminares. Tem a capacidade ilimitada para transformar sua corporalidade e transitar por diferentes domínios cósmicos. Podem transpor as fronteiras da natureza e da humanidade e romper as fronteiras entre o “nós” e os “outros”, pois são identidade e alteridade ao mesmo tempo. Ademais, embora recaia sobre eles uma concepção negativa (pois podem afetar o bem-estar das pessoas), são também conhecidos como guardiões das águas, compondo – com outras entidades da floresta um coletivo de “donos da mata” e dos recursos nela existentes. Sendo assim o boto e o curupira causadores de doenças, como descreve em uma tabela para melhor analisar.

Doença	Causa	Sintomas	Cura
Boto	Período menstrual;	Dor na perna, braço ou no corpo	Benzimento; Defumação com cigarro e chicantá; Jogando água
Curupira	Descumprir as leis da natureza	Dor na perna, braço ou no corpo	Benzimento; Defumação com cigarro e chicantá; Jogando água

3.3 - Doença causada por Feitiçaria – Estrago/Praga

A doença de feitiçaria é quando uma pessoa manda fazer para a outra pessoa, isso é o que todos acham que é quando adoecem como também o de majuba que falei anteriormente. Vianna (2012) conta que “Entre os Baniwa a doença por sopro, ou seja, doença feita é decorrente da convivência com os afins humanos em um contexto interfrático. As relações sociais com a alteridade são, portanto a principal fonte de doenças” (pg. 115-116) A existência disso acontece realmente na região, para combater esse mal é necessário desmanchar, se não fizer isso a pessoa pode morrer.

Assim como os animais, os humanos também são causadores de doenças na região do alto rio negro. As pessoas fazem muitas doenças, tais como: praga e feitiço. Agora estrago é feito por alguns através de remédio, outros por oração, outros fazem usando os seres encantados que é mais difícil de ser curado e de se descobrir. Como Virgínea Baré conta que:

“Fulano fizeram pra uma pessoa, mais não era pra pessoa que pegou, mas como ele chegou primeiro no lugar aí ele pegou a doença, fizeram através dos encantado, olha ele foi no médico no descobriram nada, aí ele foi no rezador no descobriu também, aí quando outro benzedor veio e rezou pelos encantados aí sim descobriu, aí ele fez mostrar pra poder tirar”

Com relação a isso, o benzedor Eugenio Baré conta que se for doença causada por feitiçaria, antes de o doente chegar, ele já sabe. Conta o exemplo da filha de um pajé que foi a sua procura, o pajé não conseguiu curá-la, o problema era na garganta, foi feito com fita, o que o pajé não sabe curar, somente o benzedor Baré, após o benzimento a moça melhorou.

Explica Muller (1996) que os feitiços (*oforomogaroaip*) são preparados com fezes e órgãos genitais de animais, cabelo humano, espinha de peixe, aranha, barro, urucu, ovos de animais, plantas não comestíveis, os quais são misturados ao alimento, ao charutu e ao óleo cosmético, usados pela pessoa que se deseja atingir. Na região entre os Baré uma das plantas usadas para causar o mal diz Leonardo é o tajá que consideram estrago pra criar

ferida na pessoa atingida e que na maioria das vezes não tem cura, também usam para provocar dor de cabeça na vítima. Conta exemplo: “Ontem veio pessoal de nova vida, com estrago, onde ele arranha sai tipo pús, coçava, ai ele veio bater La em casa, ai eu rezei de manha eu fui tirar remédio pra ele do mato, raspou, lavou, depois de dois dias tava tudo sarado”.

Mauss (2003) conta que “Quando se colhe certas plantas medicinais, deve-se dizer a que e a quem se destinam. Assim o encantamento oral completo, especifica o rito manual, que ele pode suplantar” (pg. 93).

Segundo Leonardo Baré há vários tipos de estrago, tem o tajá e *uacara mirá*¹⁸, conta o exemplo de homem que estragaram de são Felipe, pois o corpo do homem ficou ‘piririca’, idêntico a um cará assado. Diz que quando o homem passava a mão no corpo, a pele seca voa em forma de pó, o sintoma dessa doença era a extrema coceira. Afirma que conhece o remédio específico para essa causa. Diz que “O taja apodrece a pele vai dando pus, têm vários estragos do mato, os sintomas são coçar. Tem estrago que da dor de cabeça, que tem gente que toma remédio dos ‘branco’, ai passou efeito volta de novo, pode contar que é esse ai, mas rezando passa a dor”.

Para a doença feita o melhor horário para o benzimento é às seis horas e principalmente nas sextas-feiras. Vianna chama a atenção que o termo doença, na literatura etnológica vem insistentemente acompanhado por outros termos como, por exemplo, infortúnios, aflições, dores, maléficos e males (2012, pg. 210). O autor aponta ainda que estas noções não esgotam o entendimento sobre o que é a doença indígena, pois o que foi apontado não é suficiente, no entanto oferecem pistas, sendo assim um ponto de partida para entenderem a noção ameríndia de adoecimento, especialmente nesse caso dos Baré.

Wagley diz que “nas doenças e outros infortúnios, os Tapirapé sempre suspeitam de feitiçaria, e algum pajé é forçosamente tido como responsável. Creem, contudo, que a feitiçaria é ação de pajés em sonhos, parecendo não ser jamais praticada conscientemente, se bem que é obvio tal asserção negativa nunca se possa comprovar” (1976, pg. 245).

Assim como o benzedor pode provocar a doença na pessoa, ele também pode descobrir quem foi o causador dessa doença, principalmente quando é doença feita.

¹⁸ Pedaco de madeira que serve como remédio.

Geralmente quando o Baré vai ao benzedor e ele diz que a causa da doença é de feitiçaria, logo o doente quer saber que mandou fazer para ela, só que o benzedor opta por não falar quem fez, porque pode causar brigas entre o causador e a vítima e nessas discussões a vítima acaba revelando quem a avisou sobre o causador, depois o causador vai querer tirar satisfação com o benzedor.

Evans-Pritchard (2005) relata que “A morte não é somente um fato natural- é também um fato social. não se trata simplesmente de um coração ter parado de bater, e dos pulmões não mais bombearem ar para o interior de um organismo; trata-se também da destruição de um membro de uma família e grupo de parentesco, de uma comunidade de uma tribo” (pg. 55). Essa morte entre os Azande e entre os Baré leva a ritos mágicos e em alguns casos a vingança. O autor comenta ainda que para os Azande entre todas as causas da morte, a bruxaria é a única que possui alguma relevância para o comportamento social.

A praga que é causada também por outra pessoa, é quando uma pessoa deseja mal a outra, isso acaba pegando na vítima, então o benzedor irá tirar esse mau que atormenta a vítima com apenas um benzimento, mas se for doença feita tem que desmanchar. Na região não são todos os benzedores que podem benzer contra isso. Existe um jeito de curar através de espíritos como diz Eugênio Baré:

“Já pra chamar aquele que reza mesmo, ele entra na pessoa, no é que ele vem assim, vem espírito, aí entra no velho pra bendizer, dói, aí vai curando o que tem, aí vai curando, se demorar aí entra outro de novo, ele aguenta só três no velho já, depois no pega mais não, assim eu fazia aqui antigamente, aí eu deixei, aí eu fiquei rezando só, sem chamar espírito da água, é bom, muito bom, a gente cura qualquer, paralítico, a gente vai curando, mas no é nós é o pessoal que vai de lá, eles que cura”.

Há várias maneiras de desfazer esses males, como há o *parika* que é muito diferente dos espíritos, pois ele amostra muito, porque leva o benzedor a outros lugares. Contudo Vianna (2012) conta que entre os Baniwa um pajé foi ao mundo dos *yóopinai* por um processo que ele mesmo induziu, através do uso do *pariká*, ademais, suas habilidades xamânicas lhe conferiam o controle das situações vividas.

Os velhos Baré de antigamente sabiam mais formas de curar, mas infelizmente desaparecem com eles. Na contemporaneidade alguns benzedores Baré utilizam o uso da fita para desmanchar a praga presente na pessoa. Contudo Leonardo Henrique usa a

ladainha usada nas festas de santo, como Santa Ana e São Joaquim, que será descrito no terceiro capítulo.

Então se percebe que a literatura etnológica usa várias denominações que não e exatamente doença, na tentativa de aprender o termo, seguindo a lógica indígena. Assim faz com que surjam vários sentidos que o pensamento indígena usa para a noção de adoecimento. O termo infortúnio acompanha doença na literatura etnológica, pois infortúnio e doença têm uma mesma causa. Os sintomas dessas doenças variam se for dor na barriga e a dor for como se estivessem amarrando a pessoa, essa doença foi provocada com fita. Quando o sintoma é como algo furando alguma parte do corpo, essa doença é feita com alfinete, ela é feita quando o benzedor faz metendo o alfinete chamando o nome da vítima, para desmanchar isso é somente com benzimento. Para curar praga que é coisa feita é somente com benzimento, ou seja, ambos a cura é o benzimento.

Doença	Motivo	causa	sintoma	cura
Feitiçaria-praga	Inveja, raiva ou vingança	Fita, alfinete. Ladainha	dor	Benzimento com fita ;Desmancha a oração; reza três vezes na sexta feira.
Estrago	Inveja, raiva ou vingança	tajá	ferida	Benzimento e uso de ervas medicinais do mato.

3.4 “Yamukaturu Madri” - Curando Mãe do corpo

“Ele mexe tipo bicho, tipo abrir e fechar nossa mão”.

(Virginia salgado)

A mãe do corpo é o terror das mulheres, pois muitas sofrem com essa doença que ataca principalmente mulheres que já tiveram filhos, então a mulher com dor chama a

benzedeira para *Yamukaturu Madri*, ou seja, para curar a mãe do corpo na mulher. As benzedeadas de mãe do corpo são parteiras na região como Eunice, assim afirma Galvão (1975): “parteiras, especialmente dotadas, são mais conhecidas como rezadeiras ou benzedeadas, e utilizam desse conhecimento nos partos como na cura de muitos tipos de doença” (pg. 122).

A mãe do corpo é o útero da mulher, então quando ele se espalha causa dor, pois ele deve ficar junto. Então quando a mulher tem filho e não se cuida não se alimenta direito o útero se espalha e entra gases. Como afirma a benzedeira Virgínia Baré que para os “brancos” mãe do corpo é inflamação no útero, “surge quando a mulher não se alimenta direito, possibilitando a entrada de gases no útero, e não tem como sair ai se torna “mãe do corpo”, ocorre também quando a mulher que teve bebê não se resguardou direito, então é como se o útero estivesse o tempo todo aberto, então fica inflamado, pode inchar, madre é o útero da mulher”. A palavra em nhengatu “*madri*” é porque é *Tainá riru*, mãe de filho, *Tainá mayã*, só que misturou tudo ai virou madre.

São três os tipos de mãe do corpo. Tem a mãe do corpo que sobe para o estômago que é quando a doente diz ‘minha madre subiu’, tem a outra que desce que é quando a doente diz que a madre desceu e que em alguns casos faz com que o útero da mulher chegue a sair, e o terceiro tipo é o pior de todos que é aquele que encosta na coluna, que segundo as benzedeadas é a mais perigosa. Porém para a benzedeira atender em um desses três casos há regras que Virgínia Salgado Baré explica:

“Ele me ensinou os chá pra depois de ajeitar, como ajeitar, ele disse que quando a pessoa fosse ajeitar o útero da mulher, no pode tá suja, eu né, no pode ir com raiva, no pode ajeitar depois que teve uma relação sexual, ou no pode tá menstruada, porque tudo isso tem um ritual né, porque invés de ajeita isso piora mais né, depende de como a pessoa tá sentindo e quando tá muito avançado aí usa aquela oração que ele deu pra mim e nunca pode ajeitar uma vez, porque nunca dá certo, pelo menos três vezes né, que nem um chá, quando a pessoa vai dá pra mulher que tá sofrendo mãe do corpo né nunca deve fazer um chá que tem quatro folhas daquilo, uma folha disso, não, ou tu faz um, ou tu faz três, ou tu faz sete, porque são conforme o mandamento da lei de deus, tem sete, tem cinco, tem dez, já nesses dez tenque sempre acrescentar pra ser onze, tipo número um, entendeu.” (Virgínia salgado)

No caso da oração feita no chá a base de ervas medicinais tem relação importante com *Tupanã entre os Baré*, isso faz lembrar Montardo (2002) ao fazer uma análise histórica antropológica com relação aos guarani que “os guarani fazem a tradução de tupã por Jesus Cristo” (pg. 29). Mesmo com a ajuda de Tupanã, do benzimento, o doente também deve passar por um processo de resguardo após cura, como diz Virgínea Salgado:

“Tem gente que passa remédio pra tomar por uma semana, esse morta parida a mulher tenque tomar durante uma semana, toda de manhã toma um chá zinho é o certo da pessoa quando vai ajeita o útero da mulher né, ela também tenque se resguardar, tu que tá ajeitando né por exemplo eu tô ajeitando tua barriga né, de lá eu vou embora pegar água quente ou então vou pegar fogo, aí estraga sabe, tenque sempre lavar tua mão e fica um tempo assim até passar um pouco, aí tu vai fazer outras coisa, se não ela estraga”.

Se o feiticeiro concorda em exercer seus poderes profissionais, começa por se comportar segundo certas regras, tão logo seu cliente se afasta. Deve observar jejum, ficar sem beber ou tomar banho; o pouco que come deve ser seco, e, em hipótese alguma, pode entrar em contato com a água (Frazer, 1982, pg. 120).

Seguidas as regras, a benzedeira pergunta a doente o que ela fez antes de aparecer à dor, onde andou, se estava menstruada, onde tomou banho, todas essas informações ajudam a benzedeira no momento que está “ajeitando” a madre. Com base nos fatos relatados e no que sentiu, a benzedeira diz o motivo, a causa daquela dor, se foi por causa de um susto.

As benzedeiras de mãe do corpo sabem quando se trata dessa doença apenas tocando a área afetada, quando está massageando o útero da doente. Como diz Virgínia Salgado “Eu sei que é madre porque a gente sente tocando na pessoa aonde tá a dor, quando a gente mexe na barriga aí já sente se o útero tá no lugar ou não, é uma prática que a gente tem pra saber”. Há casos que não é mãe do corpo, como diz Eunice Salgado: “A gente puxa, puxa, começa a puxar do estômago aí começa a zoar, aí eu já sei quié, se não fazer o barulho, pode ser outra doença, uma vez eu fui atender uma mulher e não era mãe do corpo, era pedra na vesícula, tava inchado, eu falei pra ela ‘esse daqui no é mãe do corpo, deve ser outra coisa”.

A benzedeira ao pegar por cima de onde se localiza o útero ela sente o estado em que ele se encontra. Se o útero da doente estiver pulando, pulsando, então é susto. Quando é raiva ou quando foi tomar banho menstruada, através da pulsação a benzedeira sabe o que aconteceu de fato o que foi que mexeu com o útero da mulher, se foi mesmo susto, raiva ou teimosia, tudo isso é analisado conforma a pulsação: “Ele mexe tipo bicho, tipo abrir e fechar nossa mão sabe, tava assim” (Virginia salgado).

Conforme for ajeitando é dado um chá, dando uma pausa, ajeita novamente até retornar ao seu lugar, porque o útero da mulher cresce e fica parecendo como se estivesse grávida e a benzedeira sente o útero da mulher, sente umas bolas presentes no local. Galvão (1975) diz que: “o tratamento desses pequenos males é feito pelas benzedeiros que de pé, recitam largo tempo a reza apropriada, acompanhando a oração com repetidos sinais da cruz sobre a parte afetada do corpo do paciente para que sejam realmente eficientes” (pg. 122). O que ajuda mesmo é a oração, segundo Virgínia salgado:

“Com a mão que eu tô mexendo, no e minha mão e sim a mão de deus ajudando o ventre. tipo o ventre de nossa mãe né de onde Jesus nasceu...então com a mesma mão que nossa senhora pegou Jesus nos braços, eu também vou ajeitar..com essa mesma mão, estou ajeitando o útero que um dia ele pertenceu..aí no caso é assim:’ do ventre dela, nasceu o senhor, com a mesma mão aparou o senhor, diante da morte, com essa mesma mão eu ajeito esse ventre pra que no futuro traga bons frutos, traga boas vida...aí vai dizendo, entendeu o que as pessoas quer, só essa parte que eu posso falar”.(Virginia salgado)

Esse ritual de cura demora, a oração demora em média uma hora. Conforme a benzedeira vai ajeitando, ela vai fazendo a oração, ela ajeita, para um pouco, dá o chá e depois continua, até terminar a oração. Depois que termina de ajeitar, deixa a mulher deitar uns 20 minutos, ela não pode estar se mexendo, não pode estar sentando, exatamente um resguardo. Segundo Galvão (1955): “Seguem-se as beberagens, banhos ou defumações. O tratamento obriga a um período de resguardo” (pg. 119).

A idade também influencia tipo a faixa etária das mulheres atacadas pela mãe do corpo é acima de 30 anos, mas quando a mulher é jovem e não sente nada, quando chega à idade começa a sentir, porque o útero não é mais como o de quando era mais jovem, pois quando somos jovens podemos passar fome e com uma idade mais avançada, não. A

benzedeira sente que é mãe do corpo porque dá choque nos dedos da benzedeira quando está ajeitando. A barriga da mulher fica vazia e isso causa dor e pode se ajeitar com óleo, se não tiver pode ser com Vick Vaporub que é usado para massagear o local afetado, como explica Eunice salgado:

“Vai ajeitando até ficar no lugar e a barriga da pessoa também começa assim ficar normal, fica assim junto, alta né, porque quando tá espalhado a barriga da gente fica lá parece que no tem nem bucho, aí a gente ajeita, fica normal porque esse aí e tipo uma teia de aranha né, fica em cima do útero que é o sangue da gente, aí quando se espalha assim, aí começa a doer, sobe pro estomago, esse aí, aí quando a gente começa a puxar, puxa deita, tomando remédio, alguma coisa, recupera né, é assim”.

Nessas situações não adianta ir ao hospital, pois recebem apenas um tratamento para amenizar suas mazelas, mas não são curados, devendo procurar uma benzedeira. Um exemplo disso é o caso da “*madri*” (Mãe do corpo) cujo nome é porque anda pelo corpo, pela parte da barriga e especialmente no útero da mulher, um vento que se espalha e que na maioria das vezes faz o útero afastar-se para fora; em outros casos encostam na coluna ou sobre o estômago, podendo levar a morte. Aparece em mulheres com ou sem filhos e com certa idade. Somente os *umutawarísa* (benzedor) podem curar, e no ato da cura eles acessam outras divindades, tais como: Deus, Nossa Senhora Auxiliadora, Nossa Senhora do Bom Parto e então raramente a dor ou enfermidade retorna após a sessão de benzimento.

Quando espalha, o pulso da mulher não fica normal, começa a acelerar e quer parar, pode até matar, a doença da mãe do corpo é perigosa, deve-se tomar muito cuidado porque também pode ir parar no coração, já houve casos de mulheres que faleceram disso no rio negro. Isso faz com que as mães passem a informação do perigo para suas filhas, a fim de prevenir tal enfermidade, como conta Eunice Salgado que sua mãe falava que quem tivesse filhos não era para deixarem de se alimentarem, pelo menos um pouco, pois a mulher não é mais como jovem, a veia se arrebenta. Porém Langdon (2010) diz que “Não só o que comer é determinado de maneira particular pela cultura, mas também quando comer também é” (pg.176) A mulher que sofre de mãe do corpo não pode comer enlatado, porque a dor aumenta, fazendo mal. Se as mulheres souberem que é mãe do corpo ai elas

dizem ‘aí eu no vou pro hospital não, no adianta, eles aplicam calmante, depois volta tudo de novo’.

Os sintomas são mal estar, dor no estômago, prisão de ventre quando está avançada à doente sente dor de cabeça, febre, vômito e muita dor, se não tomar remédio caseiro a dor não passa. Quando não está tão inflamada a cura pode ser sem benzimento, apenas a benzedeira ajeitando, puxando, fazendo massagens, tomando chá. Se estiver muito avançado a cura é somente com benzimento.

Doença	Causa	Sintomas	Cura
Madri ou Mãe do corpo	Não se alimenta adequadamente; não respeitar o resguardo	Dores, febre, vomito, mal estar, prisão de ventre.	Benzimento, chá e massagens

3.5 “Yamupusãga Tainã” - Curando Criança - Quebrante e Mau olhado

Assim como os adultos são atingidos por doenças de majuba, feitiçaria, pragas e as mulheres são atingidas pela “mãe do corpo”. As crianças também são atingidas por doenças, tais como: quebrante e mau-olhado, então o benzedor vai *yamupusãga Taina*, ou seja, o benzedor vai benzer a criança. As crianças no Alto Rio Negro, não somente em nós Baré, mas em outros povos indígenas e também nos *Kariwa* (não - indígenas) são atingidas por essas doenças. Galvão (1955) diz que as crianças, mais que os adultos, são suscetíveis ao quebranto. Esta é uma forma de mal-estar atribuída na maioria das vezes por motivos não físicos.

Essa regra segundo o autor deve ser feita a partir do nascimento da criança, entre quatro a oito dias, tendo todo um cuidado, como manter sempre fechadas as janelas e portas da casa para que se possa evitar o quebranto. Concordo quando Galvão fala que os pais não gostam quando acariciam ou agrade muito as crianças, mesmo sendo amigo e compadres, sendo assim a causa do quebranto é que as pessoas inconscientemente possuem mau-olhado e quebranto.

A reza ou oração de benzeção além de diagnosticar também é considerada indispensável como procedimento terapêutico para a cura do quebrante, procedimento que é complementado com banho de ervas e remédios, que são ensinados a mães, geralmente chá de plantas como mangarataia, mucuracaá, pinhão-roxo (Wawzyniak, 2008, pg.200).

Na região entre os Baré, não gostamos quando pessoas vejam a criança em seu recém-nascimento, porque mesmo sem maldades passam a energia negativa para as crianças, como dizem, através do olhar a pessoa transmite o quebrante, e quando a pessoa que olha a criança está com fome, com raiva, suada, cansada, tudo isso passa para a criança, fazendo com que a criança chore desesperadamente, sem dormir e não querer se alimentar, causando um desconforto nos pais.

Concordo com Galvão (1975) em que: “acredita-se que o uso de colares feitos de dentes e ossos de animais possa evitar o quebrante nas crianças. Contudo, o único meio de cura é mandar benzer a criança por meio de rezadeira ou benzedeira” (pg. 121).

Na região as pessoas também usam determinados objetos a fim de evitar o quebrante, como fitas de santo, dentes de animais, imagens de santos no pescoço ou mão. Porém para curá-la realmente só mesmo o benzedor, como é o caso do senhor José Salgado, benzedor na região que busca ajuda em curas espirituais diz que: “A gente sente algo, porque é com Nossa Senhora, anjo da guarda, Divino Espírito Santo”.

De acordo com Langdon (2010) “O mundo é controlado por seres (espíritos), e *witsioga* atrai os espíritos maus que atacam as pessoas classificadas como enfraquecidas ou vulneráveis” (pg. 177) Quando a criança está com mau-olhado à moleira dela cai, fica fundo, deve ser rezado três vezes. Na terceira vez se completa a cura, e na quarta vez o benzedor vai verificar se a criança melhorou realmente, não precisa mais rezar, a não ser quando a moleira cai novamente. Se não for benzido a criança pode morrer porque vai defecando verde, quando vai para o hospital não alcança a cura se estiver avançado.

Os sintomas são diarreia, fraqueza. A causa é que dizem na região, as crianças são atingidas por olhares de pessoas que olham a criança quando está com fome, suada, com raiva, tudo isso acaba passando para a criança. Até mesmo olhares fortes que sem mesmo ter má intenção acabam passando o mau olhado à criança. A cura é somente com benzimento na criança e no seu mingau ou água.

Doença	Causa	Sintoma	Cura
Quebrante e mau-olhado	Olhares de pessoas com fome, suada, cansada e olhares fortes	Vômito, fraqueza e choro em crianças	Benzimento durante três vezes nas 6:00 da manhã, 12:00 e 18:00 horas.

3.6 “Ikatuã buya” - Curando cubrelu-cobra “doença na pele”

“Cubrelu no tem jeito não, se no for benzedor no some não”.
(Leonardo Henrique)

Assim como há três tipos de mãe do corpo, diversos tipos de encanto, assim também é o cubrelu. Cubrelu é doença causada por vários tipos de bicho tais como: cobra; sapo; aranha; formiga; ambuá. Segundo o benzedor Leonardo Baré: “Agora de cobra dói, eu peguei de cobra quase me matou, é o mais perigoso que tem, tem de aranha, de abelha, de tudo, o cubrelu não tem remédio dos ‘branco’ que dá jeito não, no sara não”.

A diferença de todos esses tipos de cubrelu é que, o causado por cobra é largo como se fosse o rastro no chão, sendo que aparece no corpo do doente aparecendo bolha de pus, e é o mais dolorido de todos os outros. De sapo é redondo, igual onde o sapo senta se forma no corpo, o de formiga é espalhado pelo corpo como se fosse várias formigas no corpo, ambuá é um canal, como do tamanho de um ambuá. Leonardo Baré diz que o cubrelu é ferida, “como diz os ‘branco’, tipo câncer na pele, porque esse aí vai comendo. A menina

que veio aqui de um lado já tava tudo inflamado, pra todo tipo de cubrelu eu corto, eu rezo só, porque tem gente que corta com tesoura, papel, eu só faço rezar”.

O motivo dessas doenças cubrelu aparecer no doente é através da roupa usada que foi deixada na corda após às 18 horas. Assim confirma Leonardo Henrique: “Deixou roupa anoitecer, se tirar depois das seis, aí, mas no e toda vez que dá cubrelu, é uma doença do mundo mesmo”. Para os Baré deixar roupa ficar exposta após às 18 horas faz com que o cubrelu apareça na roupa, aparecendo essa doença em quem for usar a roupa, mas não e todas às vezes e sim quando tal animal passar pela roupa após esse horário estipulado.

Conforme Langdon (2010) “Cada e todas as culturas possuem conceitos sobre o que é ser doente ou saudável. Possuem também classificações acerca das doenças, e essas são organizadas segundo critérios de sintomas, gravidade” (pg. 179).

Há aquele cubrelu grande, há o de formiga que é idêntico a brotoeja, sendo semelhante a bolhas grandes, que vão surgindo e andando pelo corpo do doente. Tem o cubrelu de sapo que é igual a impinge, sendo redondo e surge especialmente nas nádegas pela lateral e vai dando pús e vai crescendo. Se rezar, o cubrelu de sapo seca, mas para isso deve-se procurar imediatamente um benzedor, não adianta procurar médico, por que essa doença mata se não benzer, pois dá febre. Assim diz a benzedeira Esmeralda Lizardo:

“Aí pra fora, eles no sabe coitado, aí enche, enche, aí acaba morrendo né, aí inventa já o doutor é alergia, aquele câncer de pele, doutor inventa já, no entanto nem é *Kuera*. no tem remédio, né médico, nem remédio cura esse daí, tem que oração mesmo”.
(Esmeralda Lizardo)

Há pessoas que pegam essa doença do cubrelu e vão para o hospital na região e levam injeção, tomam remédio e nada dá efeito. Esmeralda conta que as pessoas falam a ela que os próprios médicos na região falaram para seus pacientes que “isso daqui é cubrelu não tem cura não, só oração mesmo”. Gallois (1996) fala que “Os *waiãpi* consideram que os brancos não são realmente capazes de curar os doentes” (pg. 65) Em relação a isso concorda Langdon (2010) que:

“As suas classificações, tanto quanto os conceitos de saúde e doença, não são universais e raramente refletem as definições

biomédicas. Por exemplo, cobreiro, quebranto e mau-olhado não são tratados por médicos. As classificações dessas doenças são organizadas segundo critérios próprios, os quais guiam os diagnósticos e terapias, cujos especialistas detém elementos e materiais para tratá-las e as reconhecer como curadas ou não” (pg. 179)

O cubrelu não escolhe idade, surge em criança, jovem, velho, qualquer pessoa pode pegar, segundo as pessoas que já pegaram o cubrelu coça, arde, dói, surge feridas, depois que reza some. Quando o doente procura o benzedor ele pergunta onde começou, porque lá é a “cabeça”, pergunta por onde que passou do doente, ela vai medindo, medi e corta o papel com uma tesoura, reza de novo, mede de novo até terminar a tira. Quando a doença está muito forte, há um sinal sentido pelo benzedor que é “dar um branco na cabeça”, ou seja, a oração some. Após esse primeiro dia ainda terá mais uns dias para concluir a sessão de cura, já sabe que está mais fraca a doença. Como confirma esmeralda:

“Aqui, por exemplo, começa né, ai começou aqui, ai vai andando ne a ferida, e pra lá que é a cabeça, vai indo né, por isso que eu pergunto aonde começou, pra onde que foi, pra cá ou pra cá, ai eu já sei onde é a cabeça dele, ai eu rezo, vou cortando, medindo, até terminar a tira”.

Se for a doença cubrelu, a oração faz efeito, se não for ela e for outra doença, como majuba, estrago, feitiçaria, não fará efeito, por não ser a oração própria pra cubrelu. O cubrelu tem entre outros povos da região só que eles rezam no copo, rezam diferente, os benzedores Baré reza em cima, fazendo cruz no cubrelu e vai benzendo e a doença vai morrendo.

A oração para cubrelu é em português, no caso da esmeralda são apenas três palavras milagrosas. Após a reza, são feitas as orações católicas Pai Nosso e Ave Maria para encerrar. Os horários para rezar são de manhã, meio-dia e seis horas da tarde, um dia apenas se a doença estiver no início se não der para vim em seguida, o doente deve ir ao outro dia até completar a oração, porém se o cubrelu estiver muito avançado são necessários mais dias de oração, porque a oração demora a fazer efeito na doença. Poucas pessoas sabem essa oração.

Por conta disso Langdon (2010) relata que a população quando adoecer, recorre a vários outros sistemas. Muitos grupos não procuram médicos, mas utilizam a medicina tradicional, e que “outros utilizam sistemas médico-religiosos, outros ainda, recorrem a vários sistemas ao longo do processo de doenças e cura” (pg. 179). Porém sempre há uma esperança, como é o caso de dona Maria que a dona Esmeralda Baré a curou:

“Da Maria das graças já tava se encontrando (mostrando com as mãos na região do abdômen), ela tava mal, se encontrasse ia mata ela, ela já tava com febre, toda nua, só com calcinha só já ela tava, arde disque, olha só caminho zao, parece coro de sucuri zao. ela já estava desenganada, que era uma doença que não tinha cura, ela já tava quase doida, coitada, largada já, ela já veio de Manaus já, remédio bom *tacué epe* ela usou, isso faz tempo, a mãe dela tava viva ainda”. (Esmeralda Lizardo)

No caso dessa senhora, ela já havia recorrido a médicos e outros benzedores, mas não tinha se curado, a doença estava muito avançada, isso entre diversos casos acontecem na região que até mesmo os não índios estão recorrendo a esse meio de benzimento, por ser eficaz.

Pois segundo os benzedores, os médicos não são capazes de abordar as causas da doença causada, como por exemplo o “cubrelu”, que não existe medicação ocidental que a cure, pois segundo Esmeralda Lizardo os médicos mandam procurar um benzedor para curar o paciente: “até disque os médicos fala, assim me falaram, daqui é cubrelu no tem cura não, só oração, disque levava injeção, remédio, tudo e nada, porque no é pra isso né”. Langdon (1988) diz que cada elemento da sociedade indígena agrega em si mesmo um conjunto de conceitos heterogêneos de saúde e doença originados de tradições.

A diferença do cubrelu de todas as outras doenças é que ela surge através de um descuido do próprio doente ou alguém da família, pois se seguir as regras de não deixar roupa exposta após as 18 h, com certeza nunca irá pegar cubrelu, diferente das outras que são causadas por seres encantados e humanos. Os sintomas do cubrelu é coceira, se estiver avançado da febre. A cura é só benzimento. Como pode observar na tabela da página seguinte:

Doença	Causa	Sintoma	Cura
Cubreleu	Surge através de diversos animais como sapo, cobra, formiga, aranha entre outros que andam nas roupas após às 18 horas.	Coceira, ferida, se tiver avançado dá febre.	Benzimento e alguns papeis picados ou somente benzimento durante três dias.

3.7 “Todo remédio tem doença pra curar”

Penso eu que se existe uma doença, então existe um remédio. O poder das plantas é cura, ela ajuda a fortalecer o organismo da pessoa doente no local onde ele está sentindo dor, por exemplo, mãe do corpo. Porém deve ser a erva medicinal apropriada para a doença que se pretende tratar, porque se a pessoa fizer um chá errado a tendência é piorar a doença, porque deve ajeitar a mãe do corpo e tomar o remédio certo. Para cada doença corresponde uma qualidade de remédio, na mata existem muitos remédios, mas é preciso identificar quais são as plantas de uso terapêutico, há vários conhecedores na região desses remédios. Conforme Santos (2000, pg. 926), na Amazônia as plantas de uso medicinal “representam um importante ponto de encontro entre permanências e rupturas culturais, permitindo a observação de diferentes tradições de uso”.

Na região do rio Negro existem vários tipos de plantas, tem para curar veneno, remédio para fazer bem e mal, para curar doenças, para estragar, porém somente irá identificá-las aqueles que são conhecedores, pois não são todos que conhecem. Cito o cabari do mato que serve curar cubreleu, ele é raspado, colocado em uma panela com um pouco de sal, após ferver e esfriar, ficando morna o doente lava aonde o cubreleu surgiu no corpo.

Para dor que sentimos às vezes, alguma “pontada”, pra isso é aconselhável o “pajé”, não a pessoa e sim o remédio com esse nome. A pessoa rala o pajé e usa, mas tem que fala:

“vovô me cura, tira essa dor de mim”, então a pessoa doente fica falando com a planta, somente isso e alcança a cura. Como no caso se a pessoa for envenenada, toma um remédio do mato bom para veneno, faz efeito eficaz na mesma hora. Na região as pessoas usam muito veneno, há muitos que não acreditam, mas infelizmente isso é verdade. Há a *sabatata*, um remédio muito bom, uma pessoa deve ralar e dar para o envenenado tomar que corta o envenenamento na mesma hora. Segundo Leonardo Baré:

“Semana passada 7 horas da noite trouxeram um rapaz morto de dor, mas era veneno, aí ele chegou lá, aguentou meia hora gritando, aí eu fui tirar um remédio pra ele, só que era pouco, era de noite, consegui umas folhinhas que eu tenho, aí ele caiu no chão, aí falaram ‘ ele tá morrendo’ aí eu fui rezar, eu disse ‘ ele no vai morrer não, ele desmaiou só com a dor, aí o pessoal embarcou, levaram ele, aí duas horas da madrugada ele voltou ao normal, passou um dia ele tava bom já”.

Galvão (1955) “A farmacopia local faz, praticamente, uso de todas as ervas e plantas que se conhecem nas redondezas, combinadas sob as mais diferentes formulas: os métodos de aplicação constituem-se de “chás”, banhos e defumações” (pg.119). Os benzedores Baré indicam chá para tomarem durante e após o tratamento da doença para assim ajudar na cura, as plantas geralmente são encontradas no mato e a pessoa que é conhecedora vai ao local buscar a planta medicinal.

Outra erva medicinal ótima e eficaz é a folha piranha *caá*, é folhinha também, é planta, essa é bom para pessoa que está vomitando sangue, então dá para pessoa tomar chá que corta na mesma hora. As doenças que são curadas com medicamentos industrializados dependem das doenças, como diz Leonardo Henrique:

“Esse tal de mioma que os branco chama, já pra nos esse aí é majuba que cria na barriga, mulher que come peixe principalmente depois do parto que no é benzido, no nosso caso no é como os branco, nasceu e já pode comer tudo, já veio desde o início, agora nós não, é tudo com benzimento, desde nossos antepassados tenque ser tudo benzido, água, chibé tudo é benzido, se no for benzido já depois de anos aparece doença né, miomas, outros tipo de doença que pros brancos já é esse negócio de mioma, pra nós é majuba e tem remédio pra isso, esse tal *munhatimbó* é bom pra isso, é igual timbó, tem raiz”.

É necessário examinar em detalhe as noções em que o culto das árvores e das plantas se baseia. Para o selvagem, o mundo em geral é dotado de alma, e árvores e plantas não constituem exceção à regra. “O selvagem acha que possuem uma alma como a sua, e trata-as como se assim fosse” (Frazer, 1982, pg. 144).

A benzedeira Virgínea Baré que atua frequente em doenças que atacam mulheres como a madre, diz que faz chá de *Panquile*, algodão roxo, o que tiver presente no momento. Diz também que tem *Araru* que é uma folha, porém muito eficaz, Morta Paridá e Algodão roxo são plantas eficazes, porque depois que a mulher ganha bebê toma o chá de uma dessas plantas para limpar o útero.

Entre os *krahó* diz Harald Schultz (1976) “contra doenças e dores dos intestinos e estômago, entregaram-se uma cabacinha muito bem fechada com resina de abelhas silvestres, contendo uma erva aromática que, como mencionaram teria muito eficácia” (pg. 202).

Os índios cheroquis são peritos na botânica prática do tipo homeopático. Antes que seus guerreiros partissem para a guerra, os curandeiros da tribo davam a cada um deles uma raiz mágica que os tornava absolutamente invulneráveis. Na véspera da batalha, o guerreiro banhava-se numa água corrente, mascava um pouco da raiz e cuspiu o suco no próprio corpo, para que as balas deslizassem pela sua pele como gotas de água (Frazer, 1982, pg. 102).

Várias mulheres Baré na região ainda recorrem a essas plantas, mesmo com a facilidade de medicamentos industrializados que estão nas Unidades Básicas de Saúde e nas Drogarias. Esse acesso aos conhecimentos dos medicamentos industrializado vem também do impacto dos distritos como fala Marivelton Baré:

“Tudo que é novo, ele causa algum impacto de toda forma, o distrito foi bom no início quando começou a ter médico enfermeiros entre outros e veio de uma forma que funcionou perfeitamente, a desvantagem foi que houve um certo incômodo, porque se usava benzimento, a medicina tradicional, remédio caseiro, as plantas”.

Mas nunca o benzimento e as plantas medicinais foi deixado de lado. Pois faz parte da cultura Baré. Levi-strauss (1972) introduziu a seguinte discussão:

“Hoje clássica, de eficácia simbólica, que precisa ser também considerada na questão da validade –eficácia da medicina nativa. A eficácia dos saberes tradicionais é estritamente dependente da congruência obtida entre suas práticas e o acervo sócio-cultural que a justifica e que lhe permite ser instrumento eficiente de atribuições de sentido a realidade objetiva”. (Levi-Strauss, 1972, pg. 35)

Assim como os remédios do mato e os sonhos, os sinais também ajudam os benzedores a distinguirem a doença com a diversidade de sinais que se apresentam antes dos doentes chegarem até a residência do benzedor. Quando o doente procura o benzedor, este sente o sinal na mão, ele já sabe que a pessoa foi envenenada e então indica o remédio caseiro citado acima, porque não existe oração para veneno. Leonardo Henrique Baré diz que: “Se for veneno, dor de barriga que no passa aí é aqui onde a pessoa esfrega o veneno (mão) dá sinal na mão, aí tu sabe que esse aí tá envenenando, esse aí não tem oração só remédio contra veneno mesmo”.

Há caso em que o benzedor sente antes da pessoa chegar e com o que ela vem diagnosticada, pois já deu sinal ao benzedor, assim confirma Galvão (1955): “O poder de adivinhar é uma capacidade atribuída a todos os pajés. Manifesta-se especialmente pela habilidade do pajé em prever a vinda de doentes que o procuram, darem seus nomes e anunciar os seus males” (pg. 132). No caso da doença feita que o sinal seja no joelho, porque a pessoa se ajoelha para pedir a enfermidade. Tudo dá sinal, como diz Leonardo Henrique:

“Quando é no pé, pode cortar qui é majuba, se for pra doente morrer, dá sinal na (cocha) corri pra baixo e quando a pessoa se segura pra chorar né, pra tudo tem sinal quando tu reza, por isso perguntam o que que eu tenho? Eu to mal? E aqui na costa da sinal pode contar que tu não vai ficar tão cedo bom, porque vai passar muito tempo deitado, tu no vai morrer, mas tô doente, muito tempo doente, pra tudo tem sinal”.

Quando é em criança o sinal é no ombro, pois é antes de carregar ela, significando que a criança irá ficar deitada no ombro da mãe. Assim acontece diariamente na vida desses benzedores, tanto para pessoas próximas ou distantes, como ele cita um exemplo de sua nora:

“Uma vez aquele lá do assunção do içana, a gente tava conversando, uma hora dessas deu sinal, aí eu falei ‘égua, vai chega doente aqui, mas é coisa feito’, demorou cinco minutos chegou minha nora chorando, o que foi?, eu disse ‘mamãe tá passando mal’, vim te buscar pra rezar lá, eu já senti eu falei, isso é coisa feita, mas esse aí eu tiro na hora, na minha mão ninguém morri coisa feita não, aí eu fui reza, até hoje tá viva”.(Leonardo Henrique)

Na região do Alto Rio Negro, os sinais são diversos, porém entre nós os Baré, sempre acontecem de o olho tremer, pois é certo que a pessoa irá chorar, ficar triste, algo do tipo e quando a costa começa a tremer significa que a pessoa irá adoecer. Pois o benzimento ainda prevalece presente nas famílias Baré, mesmo com o avanço da medicina ocidental ainda acreditamos em nossos benzedores e as plantas medicinais, os mais velhos sentem a preocupação em relação à transmissão, pois devemos incentivar as nossas crianças a não deixarem de procurar e acreditar em nossos conhecimentos tradicionais.

Capítulo 4

O pagamento das promessas na festa do Glorioso São Joaquim: doença e cura



Foto tirada durante a pesquisa de campo no dia 15 de agosto de 2015.
Arquivo pessoal da pesquisadora 2015.

4.1 A relação do benzimento com as festas de santo

O doente manda rezar a ladainha na festa de santo, a gente faz só benzer, quem cura é Deus.

Leonardo Baré

Os benzedores Baré são muito católicos, possuem um respeito imenso com os santos católicos na região em especial, São Joaquim, Santa Ana, Divino Espírito Santo e em Jesus e Deus. Através dos benzimentos são feitas as rezas aos santos tanto no dia a dia como nas festas de santo. Quando uma pessoa fica doente pede ao santo para se curar, alcançando a cura irá pagar sua dívida com o santo durante as festas.

Como Marivelton Baré (2015) conta que hoje temos uma crença que segue em todo o rio negro, sobre as ditas festas de santo nas comunidades, que acontecem em meses diferentes dependendo da data que seja para o santo, em que os empregados da festa, mordomos, juízes de mastro, festeiro, cada um com um papel fundamental para essas festas, pagam suas promessas por doenças, entre outras coisas assim, conforme a sua necessidade de firmar o compromisso com o santo ou santa.

Maia (2009) fala que existem diversas festas de santo nas comunidades e na cidade de São Gabriel da Cachoeira. “Essas festas são tidas pelos índios, sobretudo pelos Baré, como parte de sua tradição, e nelas eles expressam, entre outros aspectos, um modo coletivo de relação com os santos católicos, independentemente da aprovação ou da participação da Igreja e dos padres” (pg. 217).

Para alcançar a cura entre os santos, os benzedores possuem a força que o guia durante as suas orações, que segundo eles vem do céu, como se fossem guiados por uma força superior mais forte que segundo eles, é essa força que ajuda os benzedores a alcançar a cura. Como diz senhor Eugênio Baré:

“A força que tá me ajudando é lá do céu mesmo, nosso pai pra bendizer, sempre, porque aqui tem são Jorge, tem santa Ana, nossa senhora de Fátima, nossa senhora

de Nazaré, São Joaquim, eu rezo mais com esses, São Gregório ele é lá da Venezuela ele e pra tudo, ele também é curador, até pessoal da Venezuela vem aqui comigo também, então trouxeram pra mim de presente, já rezei muito com esse santo deu muito bem, esse santo que bota na cabeça dos pessoal eu rezo, ele é cheio de fita zinho amarrado assim, já quando eu acabo de rezar eu passo por aqui rezando né tirando dor de cabeça, conforme eu vejo né, passou duas, três vezes aí eu tiro tudinho com as fita, aí disque eles senti bem, sempre pergunto do pessoal”. (Eugênio Paidano)

Galvão (1955) confirma que “os curadores são muitos devotos como católicos. Participam das festas de santo, acompanham as novenas, e não raro ocupam posição proeminente nas irmandades religiosas”. Confirmando essa situação Virgínea também diz que primeiramente a benzedeira deve ter vontade de ajudar, então pede ajuda de Deus, pedindo proteção na hora que está ajeitando a barriga da mulher que está com dor. Afirma o seguinte “Não sou eu que tô ajeitando, mas é força de Deus que tá aqui auxiliando pra quem tá precisando, passando por aquela agonia”. Eugenio conta que: “Ela pegava um santo botava na cabeça da pessoa rezando, vai curando pelo nome dos santos, eu tenho tudo na cabeça”.

As festas de santo se relacionam com o benzimento, porque quando o benzedor benze, o nome do santo entra na oração. Tem oração que o benzedor chama o nome do santo, dependendo da doença, por isso sempre o benzedor pergunta o que o doente está sentindo, o que aconteceu com ele, por geralmente após uma briga entre as pessoas causarem raiva em um dos dois, então logo outro pega vela e acende para algum santo na esquina pensando na pessoa então isso já vira praga. E se for isso, só desmanchando com ladainha que sempre ocorre nas festas de santo, como afirma o benzedor Leonardo Henrique:

“Festa de santo tem haver com benzimento. Porque na hora que vai tirar a ladainha na festa de santo, as pessoas já pedem pelo doente, as vezes tem mais de dois, aí rezando já pensa na pessoa que mandou no nome da pessoa.

Melo (2009) diz que a região do rio Negro é caracterizada pelo xamanismo e do religioso católico. “Para os Baré essas são dimensões complementares e constituintes do

próprio cosmos, dividido entre humanos, seres da floresta e santos católicos. Não há uma relação de oposição entre esses sistemas de crença” (pg. 61).

Para curar doença de feitiçaria o benzedor Leonardo chama quatro nomes de santo. Nas festas de santo reza a ladainha e pensa no doente, através dessa reza o benzedor saberá qual tipo de doença que o doente tem naquele momento, através do sinal que o benzedor sente durante reza da ladainha. Galvão (2010) conta que:

“Os santos, ou melhor, as imagens que os representam, são consideradas divindades benevolentes que tem a cargo o bem estar da comunidade. Sua proteção é obtida através das orações das ladainhas e novenas, sua boa vontade é propiciada, ou mesmo compelida, pelas promessas” (pg. 88)

Os sinais são diversos, quando é doença de feitiçaria ou praga o sinal aparece no joelho, pelo motivo de que a pessoa que está fazendo a doença se ajoelha para pedir. Se for assopro o sinal que o benzedor recebe é na boca porque a pessoa que fez rezou mexendo os lábios, porém se for veneno o sinal aparece na mão porque é onde a pessoa esfrega o remédio para envenenar a pessoa. Tudo que é doença feita, benzendo o benzedor sabe o que é, se é veneno, assopro, praga, majuba etc.

Então para se curar dessas doenças, os doentes chegam a fazer promessa para o santo buscando a cura. Porém se o doente fizer a promessa duvidando, não acreditando na eficácia que possa ter o santo não ajuda o doente. Duvidando do benzedor, a eficácia na cura não funciona, mas quando acredita no santo, no benzedor que pode ser a cura deles, ela é imediata.

A pessoa que está presente também ajuda no que for preciso para ajudar o doente no momento da cura seguindo as orientações do benzedor. Muitas enfermidades são curadas com as plantas medicinais, tais como chá que é dado geralmente para mulheres que sofrem da “madre”. Neste caso, contam com a ajuda de Nossa Senhora a quem as benzedoras pedem proteção. É necessário, porém, ter fé primeiramente em *tupã* junto com a oração, pois os chás são somente para relaxar, poder descansar ou talvez até dormir, sendo assim uma medicação para finalizar a cura. Segundo Gallois (1996): “Terminado a cura, o xamã

deverá, tanto quanto o doente, “descansar’, recolhendo-se em sua rede, observando o resguardo para evitar a volta intempestiva das entidades sobrenaturais que participam da cura” (pg. 69).

A fé está presente em todos os benzedores, como a fé em Deus, Santa Ana, São Joaquim entre outros santos. Isso faz com que muitos Baré recorram à benzedores que buscam a cura no santo, fazendo com que o doente recorra aos santos pedindo proteção, saúde e depois pagando suas promessas nas suas festas de santo como o de São Joaquim que tratarei no próximo capítulo. Porém Mauss (2003) relata que “A fé na magia precede necessariamente a experiência: só se vai procurar o mágico porque se acredita nele; só se executa uma receita porque se tem confiança nele” (pg.127). Como o benzedor José salgado diz que: “É do santo que a gente pede, cada oração tem, por que tem que fazer sinal da cruz né, tem que ser três pessoas, pai, filho e espírito santo e nossa senhora, reza pedindo pro Deus que daí a força, tudo”.

Os benzedores Baré benzem em líquido para o doente ingerir, no caso de crianças com quebrante é benzido no mingau ou no chá por três vezes, pois quando a criança está com mau-olhado pode morrer se não for benzido, porque a moleira cai, vai defecando e a doença mata se já estiver avançado. Em todos os tipos de doenças na região do alto rio negro os Baré recorrem a benzedores que recorrem aos santos e por fim nas festas de santo é onde tudo acontece, o pagamento das promessas, o pedido de cura, a ladainha em conjunto, isso tudo tem a ver com cura, benzer e benzimento.

Os benzedores buscam ajuda de Deus, Divino Espírito Santo, Jesus, além de outros santos para auxiliá-los na cura. Os santos são muito importantes na nossa vida, e mostramos através das festas, pois não há presença de padres, pois quem faz a reza são os benzedores através das ladainhas, seguindo uma lógica própria. Desse modo, possuem uma intermediação entre Deus e humanos na terra. As pessoas procuram ajuda deles através de promessas nas festas, o que compromete a pessoa a cumprir tal promessa na data estipulada na relação que é feita no final de cada festa anual. Segundo Melo (2009) uma aparência importante na relação entre os homens e os santos é a promessa, ou seja, “um pacto proposto por um suplicante e que não pode ser quebrado. As pessoas fazem pedidos aos santos e, desde que as graças tenham sido alcançadas, precisam expressar sua gratidão e ‘pagar’ pela promessa” (pg. 131).

A relação com o santo deve ser de imenso respeito, tanto respeitando a festa, as pessoas, pois se alguém falar “besteira” durante a festa o santo castiga. Isso vale também para as promessas feitas e que não são pagas. Nessa época, os Baré expressam alegria, pois todas as comunidades vizinhas se encontram com suas famílias e apresentam divertimento, transmitindo assim suas próprias emoções para com os outros comunitários durante todo o período de uma semana.

Melo (2009) aponta ainda que “a região em que os Baré se inserem é característica pela coexistência tanto do sistema xamanístico, quanto do religioso. Para os Baré, essas são dimensões complementares e constituintes do próprio cosmos, dividido entre humanos, seres da floresta e santos católicos” (pg.157).

Entre os santos católicos da região, São Joaquim é o santo respeitado pelos Baré, pois o nome da comunidade possui seu nome. Joaquim pertencia à tribo de Judéia. Aos seus vinte e poucos anos tomou como esposa Ana, filha de Isachar, de sua tribo, descendentes de Davi. Também é comemorada a festa de Nossa Senhora Santa Ana pelos Baré na comunidade de Ilha do Açaí. Desde o começo do seu matrimônio fizeram voto que ofereceriam seu primogênito para ser criado no templo santo. Mas depois de vinte anos nada da criança nasceu. Joaquim era um homem muito rico que cumpria com suas obrigações no templo com muita generosidade. Anos depois Ana engravidou de Maria que é a mãe de Jesus, filho de deus, então Joaquim é avô de Jesus. A festa do São Joaquim realizada na comunidade São Joaquim, vem desde nossos antepassados, passados de geração a geração, mas ninguém mora nela.

“Desde 1938 já era São Joaquim, já tinha festa lá, quem fundou primeiro lá foi uma mulher *cueana* (povo que habitava a região e que atualmente encontra-se extinta), mas ninguém sabe o ano que fundou, até hoje era pra eu tá mandando lá porque minha mulher morreu e era eu que era pra ficar lá. Desde que eu fui pra lá nunca ninguém morou lá”.

Os Baré valorizam muito essa festa, tanto que durante o ano existem duas faxinas para preservar a comunidade tais como: limpeza e manutenção do local, pois não é habitada por nenhuma família. A presença de famílias é somente na faxina e festividade que inicia no dia 10 de agosto de cada ano com duração de sete dias, onde as pessoas vão pagar suas

promessas feitas para alcançar alguma cura. Assim diz um Silvio Lizardo Baré, mestre-sala um da festa:

“Essa comunidade é antiga, os nossos avós moraram lá, desistiram porque não rende farinha, a farinha acabava rápido deve ser por causa do cemitério, aí começaram de se afastar, meu avô dizia que tinha antes duas capela, uma na ponta e outra na outra ponta, os velho eram brabo, antes era só dona Jadica, agora todo ano troca de chefe. Os primeiros moradores daqui eram africanos no tempo da escravidão, aí foram morrendo com a doença da bexiga que e igual catapora, fugiam da doença, mas já estava no corpo deles e aí morreram tudo, só ficou uma família e foram embora e entregaram pra avó da Adelina que eram da ilha do sororoca em frente ao Cesário, ela já que juntou a família, aí que nossos avós moraram aqui, só que desistiram de morar lá diz meu avô, não tinha terra pra fazer roça, era só caatinga. Tu come no almoço aí tu já quer comer de novo, isso na festa, é um mistério. Aí por isso que só tem gente durante a festa, pois de dia não se vê ninguém e de noite aparece tanta gente”.(Silvio Lizardo)

Segundo Galvão (1955) “Nas sociedades indígenas da Amazônia, o catolicismo, e em particular o culto dos santos, foram introduzidos desde os primeiros tempos da conquista lusa. Sem um corpo de ritual complexo que pudesse competir com o que lhe era imposto pelo missionário e colono, e mais ainda, deslocado de sua aldeia nativa e de sua sociedade tribal, o aborígene adaptou-se e assimilou o ritual cristão, acrescentando-lhe apenas alguns elementos acessórios, sem modificá-lo em sua essência” (pg. 164).

Maia Figueiredo (2009) conta o que “Koch-Grünberg diz em relação ao povoado de São Joaquim, um aldeamento carmelita criado por volta de 1700 (Alves da Silva, 1977, p. 17), situado na boca do rio Uaupés”. O autor registra um comentário, sobre uma festa e sobre os índios que dela participavam. Mesmo assim, ambos os relatos guardam certa semelhança quanto às informações fornecidas. Koch-Grünberg escreve o seguinte:

Al llegar a São Joaquim, en la desembocadura del Cayarí-Uaupés, presenciamos la misma imagen que habíamos visto un año antes. Repicar las campanas, disparos de fusil, estallidos de cohetes, música de tambores e flautas, procesiones con imágenes de santos, banderas y estandartes; pero también olor de cachaça; en resumen, una celebración de indios que en un tiempo vivieron en una misión pero que hace ya mucho perdieron la disciplina que los inculcaron los sacerdotes. En São Joaquim sólo se encuentra gente en la época de fiestas religiosas, es decir en los

meses de junio, julio y agosto; el resto del año cada uno vive con su respectiva familia en sitios distintos. Cuando Schmidt había pasado por aquí en marzo, había encontrado todo desierto y las casas parcialmente derruidas o invadidas por la hierba y la maleza. Pero cuando se acercan las fiestas, el pueblo se arregla y se limpia (Koch-Grünberg, 1995, pg. 354)

Para o acontecimento da festa é necessário a participação de festeiros, promesseiros, juiz de mastro, mordomos, mestre-sala, bandeireiro, tamborineiro, rezador, faxineiro e cozinheiras que por querer alcançar a cura de alguma doença ou buscar ao benzedor que reze uma ladainha durante a festa.

4.2 O cotidiano dos Baré antes da festa

Os Baré no dia a dia se preparam para pagarem sua promessa feita ao santo por ter alcançado a cura por uma doença. Vão encomendando alguns mantimentos essenciais para a festa, tais como: farinha; beiju; tapioca; frutas ou juntando dinheiro para comprar os alimentos como feijão; arroz; porco; café; açúcar; enfim alimentos que servem para doarem nas festas. A quantidade de alimento para ser oferecido para população durante a festa é grande, deve suprir toda a comunidade oferecendo café, almoço e janta.

Geralmente, os juízes de mastro, promesseiros e festeiros são responsáveis pelos gastos, pelo preparo e pela oferta de comidas, bebidas e cigarros, dentre outros, respectivamente durante o primeiro, o segundo e o terceiro dia/noite de festa. (Maia, 2009). O número de pessoas que assumem esses cargos varia de uma festa para a outra, mas sempre o cargo de festeiro é tido como o mais “pesado”, ou seja, aquele que requer o maior gasto financeiro e alimentício, uma vez que a terceira noite, que antecede o dia do santo propriamente dito, é tida como a mais importante. Já os mordomos ficam responsáveis por contribuir com as bebidas, sendo este considerado o cargo mais “leve” e menos importante, mas de qualquer maneira, indispensável.

A festa é preparada durante todo o ano, uns atrás de material para consertar suas casas, outros atrás de alimentos ou preparando a farinha, maçoça, beiju, tapioca e peixe, outros verificando os preparativos da faxina que acontece duas vezes ao ano, nos meses de

janeiro e julho. Maia Figueiredo (2009) diz que “Os preparativos da festa são a reforma da casa comunitária (onde a festa acontece) e, um dia antes da mesma, um *ayurí* (mutirão em que homens e mulheres trabalham na arrumação da comunidade para que fique limpa, roçada e arrumada)”.

Os preparativos da festa se iniciam após o término da outra. Sendo assim necessita da organização da comunidade, pois todo ano se elege um responsável, um comunitário mesmo, que deve saber as regras. A organização fica a cargo de comissão, que geralmente são os faxineiros da festa, tomando algumas providências, como a divulgação na rádio, ir atrás de diesel para o gerador. Mas atualmente montaram uma associação.

4.3 A dívida com o santo- As promessas

Essas festas de santo acontecem porque alguém está pagando uma promessa com o santo, então logo a pessoa tem uma dívida com o santo a ser paga. Pois os benzedores fazem promessa, pedindo saúde para alcançarem a cura de alguém que está doente nessas festas, como afirma o Benzedor Leonardo “Quando Alberta tava doente, eu prometi pra Santa Ana pra ser juiz do mastro, agora eu prometi pro meu neto, a gente conseguiu se prometendo”.

Segundo Eduardo Galvão (1955) as festas de santo podem ser consideradas promessas coletivas a fim de alcançar o bem estar da comunidade e que se não cumprir festejando na data estipulada o santo abandonará a proteção da comunidade e que aquele que paga em dinheiro às despesas da festa aguarda a retribuição do santo com ele. “Feita à promessa seu cumprimento é mandatório, sob pena do santo retaliar com castigo ao que foge dos relatos de milagres é o da punição de um faltoso pelo santo a quem fizera uma promessa e deixara de pagar” (pg. 42).

A pessoa que se comprometeu a pagar sua promessa na festa de santo deve cumprir, pois está em dívida com ele, se não for pago pode acontecer algo de ruim com essa pessoa que descumpriu como ser retirada a bênção, ou se pediu para ser curada, a doença pode voltar ainda mais grave. Os Baré têm medo de ser punidos, então fazem de tudo para que passem sua promessa feita ao santo.

Cada comunidade e indivíduo identificam-se com um santo, considerando- como protetor e portador de poderes benevolentes. A relação com os santos deve ser de respeito e o pecado cometido é interpretado como falta de respeito ao santo. O não pagamento de promessas é outra ação negativa, já que o santo retiraria sua proteção, podendo inclusive punir a comunidade por esses atos. Já a proteção a comunidade é garantida e reiterada por meio dos festejos (Melo, 2009).

Os promesseiros comandam a segunda e terceira noite na festa. Como o nome diz, promesseiros são as pessoas que pagam suas promessas ao santo, um pedido que foi feito e foi atendido. Tem os festeiros que são os donos das festas que comandam três noites e que também pagam suas promessas feitas ao santo. O mastro, comida, bebida, castelo, ou seja, tudo que há nas festas, tudo são promessas dos Baré com o santo, como diz um índio Baré:

“o *caruatai* existe desde o principio dos antigos, a comida é promessa deles, lá no salão não entrava bebo, tinha quatro mestre-sala, todos os tocado tinha que está bom, se entrasse bebo o mestre-sala colocava pra fora. Antes não existia cachaça só *garapa*. O mastro também é desde o começo, é a promessa pro santo, levanta o mastro oferecendo as frutas pro santo e no final derruba e dá pro povo”.

Como veremos a seguir cada um deles, explicando a sua importância na festa do santo são Joaquim e nas demais que ocorrem na região.

4.4 O Mastro

A festa de santo se inicia com o levantamento do mastro que indica a promessa feita por alguém no ano anterior e termina com o derrubamento do mastro, simbolizando o encerramento, e aí vão fazer uma lista para colocar o nome das pessoas para o próximo ano. Melo (2009) conta que “A festa inicia-se com o levantamento do mastro, que vem efetivar uma promessa realizada no ano anterior” (pg. 162). O mastro é promessa sendo que além do juiz do mastro outro cargo da festa também pode levantar se for uma promessa dele também. Por exemplo, se o juiz do mastro levantar hoje o mastro e amanhã é a noite do

promesseiro e ele se comprometer a levantar o mastro deve-se levantar, pois é uma promessa feita ao santo e não pode ser descumprida.



Foto tirada dos dois mastros que ficam na frente da capela. Ano 2015

Porém Fraxe (2004) mostrou que o uso do mastro é difundido em diferentes festas brasileiras, havendo relação de proximidade entre a colocação de frutas e de sementes nos mastros e a fecundidade da terra, a reprodução da vida, proteção.

Os mestres-salas comandam a festa, pois estão presentes em todos os momentos no levantar até a derrubada do mastro.

4.5 A Comida

A comida é de suma importância na festa, além de alimentarem as famílias que prestigiam a festa, é a forma de agradecer ao santo, doando essa comida a quem estiver presente na festa, não pode sovinar e sim dar para aquelas pessoas que forem até a cozinha buscar. Porque esse é o objetivo, deve-se cumprir todo esse ritual o qual deve entregar o almoço, arrumar a cozinha e entregar para o outro dono da festa assumir o cargo. Se não

cumprir esse ritual, a promessa não foi cumprida corretamente, pode acontecer algo ruim. Como diz o Benzedor Leonardo Baré:

“O que é comprado pra festa é pra festa, não pode sovinar, às vezes falta comida, mas tem lá com os festeiros, faltou porque, porque sovinou esse aí mesmo já vira doença, de repente a pessoa ficou doente, às vezes isso é castigo já”.

A comida deve ser doada de boa vontade para as pessoas, pois a pessoa leva para oferecer como pagamento de uma promessa que é geralmente por doença, então é dado ao santo, logo é do povo, então quando chega à comunidade não é mais da pessoa, pertencendo assim ao santo, então não tem porque sovinar o que já foi doado. Se não for doado de coração, a pessoa não recebe a graça do santo, ou recebe pela metade, nunca da certo as coisas como diz Eunice Baré: “se sovinar a pessoa não fica sadia, continua doente, no melhora saúde”.

Pois a pessoa deve ir à festa com o coração puro para doar. Quando a pessoa vai sovinando a comida, ela nunca rende e mais tarde ao invés de alcançar o que foi pedido. Por exemplo a pessoa já alcançou a cura, sendo que após isso surgem problemas, tais como: o motor pode quebrar na volta para a cidade ou para o sítio; surgem problemas de saúde; a pessoa pode sofrer acidente ou cair; entre outros. Isso acontece porque sovinou bebida ou comida de alguém. Se sovinar a pessoa não está progredindo, surgem obstáculos, as coisas dão errado. Só vai dar certo na vida da pessoa às coisas, quando a pessoa pagar sua promessa com o coração bom. Tudo que o dono da festa levar deve dar sem sovinar. Assim a pessoa verá que as portas vão se abrir novamente, a saúde melhora e tudo prospera. Como diz uma índia Baré “Isso não é um castigo é um ensino que ele tá dando, se você fez essa promessa então que cumpra que dê tudo que você levou de coração”.

Maia Figueiredo (2009) conta que nas festas de antigamente, a comida e a bebida oferecida pelos festeiros, juízes e promesseiros eram compostas principalmente por caça, peixes (ambos, segundo a opinião geral, outrora mais abundante), beiju, farinha, “destilada” de cana, garapa¹⁹, aluá²⁰, xibé (água com farinha) e caribé²¹. Melo (2009) afirma que

¹⁹ Bebida fermentada feita de cana

²⁰ Bebida fermentada feita de abacaxi

“durante as festas, a comida deve ser interpretada como um bem pessoal e social, já que ajuda a criar as redes de reciprocidade” (pg. 168).

Como diz o rezador Raimundo Baré: “Antes era só *quinhampira* de manhã, 10 horas por aí, pronto, só no outro dia, agora tem almoço, janta, antes promesseiro chegava dava café, no outro dia *quinhampira*, almoço, feijão, arroz, macarrão era só no dia da mesa, agora o promesseiro chega já vai dando janta, mudou muito e é muita gente também e a despesa é pouco, só dia 11 são oito promesseiros, dia 12 são oito também”.

Atualmente de acordo com a demanda da população que cresceu bastante, os alimentos necessários e utilizados na festa são: arroz; feijão; macarrão; leite; café; bolacha e pode ser carne, frango ou porco. Fica a critério do dono da festa, além de cachaça 51, vinho Dom Bosco, entre outros produtos da região como: farinha; tapioca; beiju-chica; maçoca; garapa e aluá; frutas da região como: abacaxi; cana; banana; cará para compor o mastro e é claro a gasolina para se locomoverem tanto na hora de irem a São Joaquim, como para os homens irem a mata buscar lenha.

4.6 A importância da bebida na festa de santo

A importância da bebida nas festas de santo é que quando o promesseiro, juiz de mastro ou festeiro chegam à comunidade, o rezador já vem pedindo saúde e ele pediu na bebida, ou água, garapa, vinho, aluá dependendo das condições do juiz de mastro, promesseiro ou festeiro. Então eles benzem as bebidas para dar para as pessoas pedindo saúde do santo. Elas simbolizam alegria e saúde, porque o santo ajudou a alcançarem o que foi solicitado.

Assim como a comida, a bebida também não pode ser *sovinada*, pois se a pessoa ficou promesseiro ou festeiro, o que foi levado para a festa é para doar, o que sobrar deve ser dado para a cozinheira, bandeireiro, tocador, ou seja, para quem ajudou, como forma de agradecimento e não de pagamento, pois está doando como pagamento de uma promessa. Muitos vão à festa para pagar a promessa, se alguém da família ficou doente, pede-se saúde de São Joaquim e de Deus. Como alcançou a cura, ele vai pagar a promessa na festa de São

²¹ Refresco de beiju amassado com **água**

Joaquim. Desse modo, as bebidas tradicionais dos Baré são garapa e aluá e o coquetel de pitanga, como diz Celiane:

“Eu sei que eles faziam licor de pitanga, lá em casa era cheio de pé de pitanga que faziam muito pra levar pra São Joaquim..Agora o pessoal faz a garapa e aluá de abacaxi, ainda tem o pessoal da família Lizardo, o aluá muito bom de abacaxi é do Walter Lizardo, porque tem que saber preparar. O dele ele deixa não sei quantos dias sem mexer a garapa dele e o aluá também ele manda queimar, faz fogo embaixo é muito gostoso”.

Essas bebidas são feitas pelas famílias tradicionais dos Baré dessa região, como Eunice Baré, que explica a receita da garapa:

“Garapa: Colhe a cana, passa no moedor, apara na panela depois vai ferver ela até chegar ao ponto aí deixa esfriar, aí enche nos garrafão, fecha e deixa onde ninguém passa tudo fechado e separado, é forte. Fica tampado conforme a pessoa quiser 15, 12 dias, não estraga porque ela é bem fervida, porque ela e só caldo de cana puro mesmo, não coloca nada”.

A bebida aluá é explicado assim por dona Lilia Baré:

“O aluá é feito de abacaxi, corta o abacaxi com casca e tudo, misgalha e deixa de molho por sete dias para fermentar, coloca açúcar para fermentar mais rápido, os dias de fermentar variam de 7 a 15 dias, quando for querer tomar ele, soca para tirar o caldo, cõa ele e isso vira o alua”.

O aluá não pode ser mexido até o dia que for ingerido, pois se for mexer nele antes disso ele azeda. Essas bebidas ainda prevalecem nas festas de santo, mas também, como mencionei, há o vinho Dom Bosco e a cachaça 51 que são distribuídos durante a “rodada” que é tradição dos Baré, onde todos os festeiros e mordomos e promesseiros ou juiz de mastro, conforme for à noite deles, vai passando, dando essas bebidas a quem estiver no salão de festas. A comunidade São Joaquim faz parte da demarcação indígena, por esse motivo quando o posto da FUNAI era em frente a São Joaquim, a organização da festa mandava um documento informando que no período de 10 a 17 de agosto haveria a festa em São Joaquim no rio Uaupés. Todos os moradores de São Joaquim estão cientes de que a demarcação indígena engloba essa comunidade. Estão desde que os comunitários ficaram cientes há 12 anos, os organizadores vem fazendo um trabalho e explicando que existia

bebida nessa festa. Segundo Celiane Baré “Na demarcação indígena diz a lei bem claro que quem manda é o indígena”.

4.7 O Castelo

Assim como o mastro, a comida, bebida, a fogueira, o castelo também é promessa, mas para ele existir na festa, depende dos festeiros ou promesseiros, se eles mandarem construir o castelo irá ter, mas se ninguém mandar fazer, a festa passa sem o castelo, porque ele é a promessa feita por alguém, dependendo sua aparição de uma promessa feita por alguém. Porém, São Joaquim e Santa Ana têm todo ano. Senhor Raimundo diz: “Senhor Cesário Salgado, Irineu eles sabiam esse negócio de castelo, eles eram responsáveis”. Virgínia Salgado Baré conta o seguinte:

“Meu pai sabe música de chegada e do castelo, só isso, diziam que quem achasse o castelo era muita sorte, porque nunca ninguém achava, vovô contava que mandavam queimar buscando prosperidade, pediam coisa boa, para dá peixe, fartura, até hoje ninguém sabe o porquê ninguém encontra esse castelo de São Joaquim, porque ele não afunda”.

O castelo é feito com palmito da fruta buruti. Corta-se a parte mais grossa depois é só descascar que fica somente uma parte branca e vai montando ele em forma de castelo, mas fica como se fosse um barquinho. A vela é feita com chicantá, deve cozinhá-lo e enrolar com pano; vai botando na água quente e vai enrolando isso; vai virar a vela posta no castelo. No lugar do prego é usado “talinha” também tirada do pé de buruti.



Foto tirada do castelo no ano de 2015.

São vários homens construindo esse castelo, ficam atrás da igreja e nesse momento eles conversam com os outros, comem e bebem durante a construção. Quando anoitece, por volta das 20 horas, os tamburineiros e os bandeireiros juntos, com a presença do santo, ficam na frente da igreja e demais pessoas olhando o castelo ser posto na água. As pessoas que vão à canoa ou voadeira colocam o castelo no rio; são os bandeireiros, tamburineiros e demais pessoas que vão presenciar como a pessoa que está fazendo a promessa. Deixam no meio do rio com velas acesas e quem está na comunidade vê as luzes acesas no rio. Nesse momento são soltos muitos foguetes.

4.8 Os Mascarados

Os mascarados vêm na última noite, pegam o resto da festa. Os antigos contam que os mascarados vêm para espantar o que tem de mal durante a festa, sendo os mascarados somente homens. A mulher não pode ver, pelo motivo que o homem com a idade de sete anos acompanha o pai no mato e a mulher não. E quando entra para ser mascarado na festa deve ser cumprido o mandato de sete anos. Depois disso o rezador reza uma ladainha para esse mascarado. Dizem que quem não cumpre esses sete anos acontece algo de errado com a pessoa.



Foto dos mascarados antes da apresentação noturna 2015.

Mas para eles se vestirem de mascarados, ninguém podia reconhecê-los. Então eles pedem roupa de mulher, então aquela que doava a roupa tinha uma missão, pois se deu um ano teria que doar durante sete anos roupa para os mascarados, como se fosse um dever a ser cumprido. Quando completasse sete anos e a mulher não fosse mais doar a roupa, deveria procurar um rezador para rezar a ladainha para essa pessoa ficar livre dessa obrigação. Eles só saem na noite, dão esmola para tirar o que aconteceu de ruim entre os dias 10 a 14, todo ano tem um responsável para orientá-los, como se comportar, as músicas, significando que nessa festa tem coisa boa e tem pessoas pensando coisas ruins. O rezador Raimundo diz que:

“O boi também é a mesma coisa, antes eles matavam o boi no dia da mesa de manhã, na frente da igreja, pra dizer que vai tomar o sangue, quem tinha vinho botava lá, aí quando tira o sangue do boi ele cai lá sangrando e aí já pega a bacia pra derramar o vinho, acho que é de 5 litros, aí já ele vai entregar pro festeiro, ‘tá aqui o sangue do boi pra fazer’, aí ele vai servindo pra todo mundo que tá aí e tem uma turma que fica cantando até servir tudinho aí já levam o boi”.

4.9 A Esmola

No dia da esmola, é feito um arco com folhas de açaí na frente das casas onde moram os festeiros, promesseiros, mordomos. O santo vem carregado pelo festeiro, promesseiro ou dependendo do caso alguém que queira pagar alguma promessa. E junto deles vêm os quatro bandeireiros e quatro tamborineiros, que saem da igreja e vão

caminhando na rua principal da comunidade e as pessoas todas saem para prestigiar esse momento tão bonito e então as pessoas vão doando o que quiserem como alimentos, farinha, fita, vela, foguete ou até mesmo dinheiro.

4.9.1 O dinheiro do santo

Anos atrás o dinheiro do santo era para a manutenção do espaço, e a quantidade era menor, então usavam para comprar fitas, flores, bandeira e cera que antes compravam de fora, porque em São Gabriel quase não existia, comprava as panelas colombianas que existia muito, nos dias de hoje quase não tem (relatos de uma Baré).

Nos dias atuais, o faxineiro do ano entra em acordo com as pessoas dos sítios para que quando passarem pela comunidade pega o dinheiro e leva para a tesoureira e é conferido o valor na frente da pessoa que entregou. Assim diz a tesoureira da comunidade Celiane:

“O dinheiro que entra agora, a gente tá fazendo a manutenção e juntando que a gente vai fazer a construção da igreja, agora o que entrou do ano passado para esse ano tá dando um total de três mil, a gente não tá mexendo ainda, o que entra é para a manutenção da comunidade em si e ajuda os faxineiros esse dinheiro”

Sendo que muitas pessoas deixam dinheiro para o santo, só que na comunidade não mora ninguém, então não tem o controle de quanto realmente o santo tem de dinheiro. Como diz o rezador Raimundo: “Essas pessoas que roubam dinheiro do santo, sabila o que no acontece com eles, ninguém sabe né, porque é mais o pessoal lá de cima”. Como veremos abaixo exemplo de alguns castigos.

4.9.2 Sobre os castigos e regras

Na festa devem-se seguir as regras para não ser punida, uma dela é que no salão os homens não podem entrar e dançar no salão de bermuda, devem estar todos de calça

comprida e se um homem entrar e dançar de bermuda é retirado do salão imediatamente, passando por constrangimento.

Essas regras quem coordena são os mestres-salas, o que ele falar se for conforme as regras da festa devem ser respeitadas. As mais velhas da comunidade como tia Durica, tia Peto, finada Jadica que se o mestre-sala ordenar a pessoa fazer algo e se negasse ou tivesse preguiça na mesma hora desmaiava. Como conta o rezador Raimundo o exemplo que aconteceu na comunidade anos atrás:

“Essa tia Peto uma vez tava naquela bola de pedra, aí quando iam chegando com o santo, aí vão encontrar né, aí disque mestre sala falou pra tia peto ‘pega sombrinha pra levar com santo’, aí ela disse ‘não, eu tenho vergonha’, então acho que o santo pensou ‘então tu vai passar vergonha’, aí mesmo ela começou a tremer, aí caiu lá mesmo, aí carregaram ela, rezaram ladainha, por isso que o pessoal tinha medo”.

Nessas festas não são apenas para as pessoas se divertirem, e sim seguir regras de comportamento, pois durante a festa as pessoas não podem ficar jogando piadinhas maldosas principalmente em relação à festa e ao santo. Um exemplo que é contado que é muito conhecido na comunidade e serve como aviso e lição, é essa que é contada pelo rezador Raimundo:

“Ela mesmo falou que tavam subindo aqui no mês de maio, encostaram lá, ela mora lá em cunuri, tinham vindo receber o dinheirinho deles, aí saíram na comunidade, acenderam vela, aí disque ela pegou 2 reais e deixou, aí o filho dela(Marcelo) quié alejado falou ‘mamãe me empresta 2 reais pra mim deixar aqui pro São Joaquim’, aí disque veio na cabeça dela ‘santo no precisa de dinheiro não, se o santo quiser eu dou esse meu cabelão’, era bonito cabelo dela, velha já e no deu os 2 reais, desceram e tinham um motozinho, tipo um barquinho, aí o velho ficou no meio, filho dela dirigindo e ela ficou atrás pra pegar o calor do motor que tava frio, mês de maio né, atravessaram, aí quando iam encostando, escutaram o motor blulululu, o que foi o velho falou, quando ele levantou falou cadê a velha, aquele motor arrancou aonde tinha cabelo, ficou no eixo do motor, aí quando encostaram, viram a velha deitada só osso na cabeça, aí chamaram nós, aí eu vi seu Vitorino falou ‘vem vê como tá essa tua tia’, aí eu entrei no barquinho, vi pela janela ela tava deitada assim, a pele do rosto arreiou, aí o marido dela falou que o motor tirou o cabelo dela, o cabelo dela tava lá bola, tava tudo enrolado, aí abasteci o motor, peguei aquele coró cabeludo só sangue e ela deitada morta, nem respirava, pegamos ela,

botamos na voadeira, botei o cabelo dela no plástico, aí viemos, eu marido dela e ela, aqui ela voltou a respirar, acho que ela voltou só pra dizer que a gente no pode brincar, botaram um coro na cabeça e agora ela usa pano. Depois que voltaram de lá, eu parei no sítio dela aí que eu conversei com ela, ela disse ‘só pode ser isso aí, eu tava sentada, de repente eu senti puxou’”.

Dentre vários exemplos de histórias reais que aconteceram na comunidade de São Joaquim, como um de certo homem que foi roubar fio e deu raio, e ele acabou pegando choque e morreu. Outro exemplo contado que também serve para aqueles que pegam algo que pertence ao santo sem permissão como diz o rezador Raimundo:

“Faz tempo tinha um velho lá no miri ponta, aí ele andou pescando por aí acabou fósforo dele, porque em São Joaquim sempre tem fósforo pra acender cigarro, aí ele atravessou e pegou uma moedinha do santo, só que ele pegou sem maldade, só que ele não pediu, quando ele saiu de lá ele viu o dono já vinha atrás, era São Joaquim em forma de gente, só ele viu aí quando ele saiu do porto, indo pro *mirin* ponta ele viu uma pessoa descendo, no tinha ninguém, aí ele já foi pra água(santo), aí ele viu com a bengala dele na canoa, mas disque ele vinha rápido, aí ele vinha se aproximando, aí quando ele viu São Joaquim fez sinal com a bengala dele, ele (senhor) ia ficando mais fraco, só deu tempo dele encostar na beira, aí quando ele encostou São Joaquim engatou na ponta dele a bengala, quando ele encostou na beira ele já foi caindo, aí carregaram ele pra casa dele, o que será que ele mexeu, os velhos já sabia né, será se ele no pegou nada do São Joaquim, aí quando mexerem ele a moedinha caiu, olha aqui esse aqui é de lá. Foram pegar no Iunxi um benzedor aí ele rezou e falou ‘é ele mesmo’, agora nos tem que devolver, embarcaram numa canoa grande, carregaram ele, levaram a moeda, finado seu Eloi rezou, aí ele sentou já, aí mandaram ele ir devolver, aí que ele foi contar.

O santo apresenta vários sinais, avisos, por isso ele é muito respeitado por toda a comunidade de São Joaquim, os Baré estão ali pagando suas promessas com respeito a ele. Como conta ainda o rezador Raimundo:

“No primeiro ano do Pedro Garcia nós fomos fazer levantamento pra vê o que estava precisando de urgente, aí vimos que o clube estava só sentado lá, aí no dia que chegamos lá a Federal atravessou, chegaram e entraram no salão e ficaram vendo, ninguém sabia o que eles tavam querendo, ficavam olhando pra cima do salão, aí o (Jurandir) perguntou o que aconteceu, aí eles responderam ‘nós estamos vendo se não queimou muito a casa,

porque essa noite pegou fogo que clareou tudo aqui, nos achava que tava tudo queimado achava que tava só cinza’, mas no tinha queimado nada, o pessoal da Federal era uns seis, tudinho eles viram, só que no queimou nada”.

Com certeza era um aviso, sinal que o salão de festa iria ser derrubado, além dos santos há avisos de visagens na comunidade que indica quando alguém vai morrer ou receberá notícia ruim de algum parente ou conhecido, como conta a esposa do senhor Raimundo:

“Antes daquele menino do taçira morrer, chegamos um dia antes tinha criança correndo, muita criança, mas era só aviso, de manhã chegou aviso que ele morreu. Aí eu acreditei, porque eu escutei as crianças correndo, aí depois ficou silêncio”.

O aviso pode ser até mesmo antes da pessoa que vê morrer, como no caso do meu avô, o irmão dele me contou que antes dele morrer, ele estava em São Joaquim e viu três crianças correndo, brincando no meio da rua principal, só que de acordo como ele ia caminhando as crianças entraram em uma casa e sumiram. Sendo que não era época de festa e de faxina, não havia nenhuma família na comunidade.

Porém com benzimento se pode evitar “cortando”, na festa de 2015 contam que um rapaz estava entre os mascarados, então ele viu outro rapaz levantando a máscara para ele. Só que quando ele viu era um rapaz que já havia falecido, então ele contou aos outros, mas não acreditaram. Mas ele foi benzido, e quando o rapaz retornou a São Gabriel sofreu um grave acidente que quase o levou a morte, dizem que ele só não morreu porque ele havia sido benzido após esse aparecimento.

Aconteciam muito esses avisos, sinais, o ensino de como se comportar na festa. O mestre-sala também amarra a fita no pulso das pessoas para não dormir na noite e permanecerem no salão; se a pessoa foi amarrada deve permanecer no salão e não ir dormir. Se desrespeitasse aconteceria algo com aquela pessoa. Mas também o mestre-sala amarra a fita na corda do barco, canoa ou voadeira para não deixarem a festa e permanecerem na comunidade, essa fita deve ser respeitada, se não também pode acontecer algo de ruim. Lembro-me de um exemplo de certa vez na festa de São Joaquim, parece que amarraram fita no barco de um comerciante para não retornar ao município, porém o dono do barco

não aceitou e falou que nenhuma fita iria segurar ele na comunidade, então o barco se deslocou de lá, mas não tinha nem chegado à ponta, uma distância de uns 100 a 200 metros o barco estava virando e as pessoas a bordo gritavam, foi um desespero, então o barco retornou a comunidade e ficou novamente por lá, e desde esse dia o dono do barco temeu ao santo e o ano que ele ia a festa, acendia vela ao santo.

4.9.3 As músicas

A festa é em comemoração ao santo, como diz Montardo (2002) e que a música, o cantar, o executar os instrumentos têm caráter invocatório. Os instrumentos, principalmente, têm o papel de atingir a escuta dos Deuses ‘lá’ em sua morada. “A essa escuta eles respondem com o envio de seus batedores ou mensageiros (*yvyra’ija kuéra ou tembigúais kuera*), que vêm assistir os cantos e as danças e retornam para informá-los de quão alegres (*ovy’a*) estão os habitantes da terra” (pg. 32).

Os cantos vêm dos antigos fundadores, só que com o tempo grande parte das músicas sumiram, foram levados com os que já faleceram, assim diz o benzedor Eugenio Baré “Teu avô mapalico salgado tocava muito tamburina, cantava na sala nas festas de santo”. Assim conta Virgínia Salgado Baré:

“Antes cada festeiro, promesseiro que chegava eles cantava uma música, como finado vovô, tio furto, aí quando chegava no porto era outro cântico, pra saída era outro, no salão era outro, parece que a gente deixou sumir demais, sumiu, sumiu, sumiu mesmo”.

As músicas introduzidas durante a festa são as que animam, pois durante as dança como é o “macaquinho” que explicarei adiante eles cantam e dançam no salão. A relação do canto e da música presente nas festas religiosas está muito presente como Montardo (2002) diz que os guarani ao cantarem e dançarem nesses rituais eles estão fortalecendo seus corpos em defesa e ao mesmo tempo “agradam aos demiurgos objetivando a continuidade da manutenção das condições na vida na terra” (pg.32). Um dos cantos que os Baré cantam é essa que é cantada na hora da chegada de algum dono da festa, como canta Mario Salgado:

Canto da chegada do dono da festa

Resica ma puranga, iaruana sararama
Remiam ne obrigação promesseiro irumo
Padroeiro mundusara
Cueuara cuxiima
Matutinga raãñ
Ho senhor promesseiro
Rericuma paciência
Recorrema puranga
Padroeiro garapapé
Iaruana sararama
(MARIO)

Tradução:

Seja bem vindo,
faz a tua obrigação junto com o promesseiro
como o padroeiro manda, como antigamente
oh! senhor promesseiro tenha paciência
tudo vai dar certo no porto do padroeiro

Porém para os Baré cantarem as músicas nessa festa, precisam de instrumento como a tamburina que é feita pelos próprios Baré de pele de animal e uma árvore própria para construir esse instrumento. Como explica Virgínea Baré:

“O instrumento do santo, a tamburina é feita da pele de animal, quando eles caçam e matam como o veado ou anta, eles tira a pele do animal e deixa no sol, põem uma varinha pra pele ficar toda aberta, deixam de molho e põem no sol de novo pra secar, o pelo do animal sai tudinho, aí de lá que eles tiram uma árvore própria pra fazer a tamburina, aí cavam tirando a massa até ficar

fino de dentro e vão ajeitando tudinho, Põe a pele, tem um material que eles amarram próprio da pele do animal”.

Além da tamburina, tem as bandeiras e a flauta que são muito utilizadas durante a festa de santo. Assim como a ladainha que é para agradecer e pedir saúde ao santo.

4.9.4 A ladainha

A ladainha que os Baré usam nas festas de santo vem dos padres Jesuítas, eles que deixavam essa reza. Como afirma Melo (2009): “Além de orações como salve rainha, são entoadas as ladainhas, cantadas em nheengatu e latim pelos próprios índios, dentre eles os Baré (pg. 162).

À noite na igreja o rezador se dirige a frente do altar e reza a ladainha e logo em algumas partes a comunidade repete, intercalando os versos entre rezador e comunitários. Como diz o benzedor e rezador Leonardo Baré “Meu papel é rezar na hora da ladainha, quando a tamburina tá passando eu já tô indo pra lá. Geralmente são dois, três rezador, porque não força muito a voz, porque reza alto”.

Segundo Leonardo, teve uma festa que ele como de costume rezou a ladainha e quando acabou se aproximou dele um padre que estava na festa e perguntou de Leonardo aonde ele havia aprendido a ladainha e o benzedor respondeu que foi com o seu pai e o padre o elogiou dizendo que o Leonardo rezava muito bem. Portanto a ladainha dá sinal ao benzedor que está rezando, como diz Leonardo:

“A ladainha dá sinal também pro Salu Delgado, ele era festeiro no São Joaquim, aí no dia que ele chegou eu fui tirar a ladainha, no chegou nem a metade da reza, sumiu minha voz, perdi a ladainha, quase eu chorei, aí demorou uns 10 minutos aí voltou ao normal, aí eu rezei de novo, aí nem acabou o ano ele morreu”.

Se no momento em que o rezador estiver rezando a ladainha e sumir a voz dele, é sinal ruim, tipo “aguíro”, irá acontecer alguma coisa com aquela pessoa. Para proteção os comunitários sempre trocam as fitas com o santo, pedindo graça, saúde, proteção. Então através de um pedido ou promessa faz a troca de uma fita que a pessoa comprou e levou

para trocar com aquela fita que está no pescoço do santo já abençoado, uns colocam no pulso, na bolsa. Sendo que deve deixar outra fita no lugar, porque se não pôr as coisas para aquela pessoa nunca dá certo, sempre dá errado, porque para pedir uma graça deve fazer algo de bom, assim mesmo é o caso da fita. Tem pessoas que deixam dinheiro no lugar da fita, mas grande maioria deixa a fita.

4.9.5 A Igreja do São Joaquim

A igreja é o ambiente da comunidade onde os comunitários, os benzedores-rezadores vão até ela e juntos como um coral reza ao santo São Joaquim, um ambiente sagrado; é a casa do santo, onde as pessoas fazem suas orações, acendem vela e conversam com o santo. A igreja é localizada logo na chegada à comunidade, possui uma escada que leva até ao porto. A primeira igreja era feita caraná, embarreado com barro, no local onde os comunitários estão querendo fazer novamente. Segundo um índio Baré, o santo falou no sonho de sua esposa dona Jadica que não queria que mudasse de local da igreja:

“Essa igreja novo que tá aí, a minha mulher sonhou com São Joaquim, ele no queria aí não onde está agora, o lugar dele é mais lá atrás. Pra ele, ele no fico gostando do local, não era pra ter mudado, ele queria onde era mesmo faz tempo”.

Então os comunitários resolveram fazer a vontade do santo, diz o marido de dona Jadica que agora vão fazer outra igreja e que será no local que foi mostrado no sonho de sua esposa, o antigo local, antes de ser aonde é atualmente. Inclusive no dia da conversa com ele, os comunitários estavam na comunidade carregando areia para a nova construção em forma de mutirão.

Muitas pessoas sonham com o santo avisando que ele queria a casa dele no local anterior. Então resolveram retornar ao local anterior. Porém para chegarem a essa conclusão teve reunião como os comunitários para ver se todos concordavam ou não com a mudança da igreja, tendo duas propostas, aumentariam a igreja atual ou fariam uma nova

no local que o santo deseja, então resolveram que fariam uma nova igreja. Porque segundo o rezador Raimundo muita gente reclamava que não ia para a reza porque ficavam do lado de fora, então foi à última faxina que ele pôde constatar que não era muita população e mesmo assim a igreja ficou cheia e que imaginou como seria na festa onde a população era muito maior.

Essa nova igreja está programada para 240 pessoas sentadas, o santo tem três mil reais atualmente e a outra parte para a construção da nova igreja é doação de materiais dos comunitários Baré.

4.9.6 A Relação feita dos nomes dos donos da festa

A “relação” – o nome não poderia ser mais apropriado – estabelece uma primeira mediação para a continuidade da fabricação das festas de santo; é um conector que formaliza, inicialmente, a produção de uma próxima festa (Maia Figueiredo, 2009). A pessoa já vai para a festa com a intenção de ficar em um dos cargos na festa para o ano que vem.

A relação é feita no último dia de festa, onde aquelas pessoas que desejam ocupar algum dos cargos para o próximo ano colocam os seus nomes, tais como; juiz de mastro, promesseiro, Juiz da festa (Festeiro), mordomo ou faxineiro.

Uma “relação” – é composta por nomes de pessoas que decidiram, por diferentes razões (normalmente uma promessa), assumir os compromissos e os custos aliados a esse relacionamento entre santos, pessoas e matérias (objetos, alimentos e bebidas, entre outras coisas). Por meio das festas de santo os Baré reafirmam a importância dos laços de reciprocidade estabelecidos tanto entre humanos quanto em relação com os seres da natureza e da sobre-natureza como santos e encantados (Melo, 2009).

De modo geral, o diálogo entre seres humanos e santos é quase sempre mediado por uma promessa. Ou seja, um acordo proposto por um solicitante e que não pode ser quebrado, já que os solicitantes precisam “pagar” o que prometeram ao santo, caso as graças solicitadas tenham sido alcançadas. As formas de pagamento são durante as festas, servindo também para reafirmar as crenças e os poderes do santo agraciado. Se isso não

ocorre, os santos podem deixar de ouvi-los em suas solicitações, podendo até mesmo puni-los para fazê-los lembrar das condutas adequadas. Nesse sentido Melo (2009) diz que “os santos agem similar às entidades da floresta e ajudam a reproduzir uma ética e uma filosofia social que concebe a reciprocidade como forma excelente de relacionar (pg. 166).

Para nós Baré, os santos são de suma importância, mas a explicação acerca do seu papel não é exatamente aquela definida pelo catolicismo oficial. Trata de catolicismo com forte influência da cultura indígena, dos Baré em si, pois acreditam em encantados, que está orientado aos cultos aos santos, para as festas, as danças, os bailes e as bebedeiras, para usar os termos de Galvão (1955). Acreditamos que os santos possuem um papel semelhante aos dos xamãs em algumas culturas indígenas, pois para nós, os santos fazem a intermediação entre Deus e os seres humanos para resolver nossos problemas de saúde, proteção, entre outros, tanto que até nos cantos feitos durante a festa pede-se saúde do santo. Os Baré conversam com os santos, explicam seus problemas, fazem-lhes pedidos e verdadeiros desabafos e esperam ser atendidos se assim forem merecedores. Usando o benzedor para conversar com o santo e pedir em forma de oração que cure aquele doente ou dependendo da situação que o Baré está vivenciando no momento. Importante dizer que os Baré, quando estão na festa de santo, além de festejar, buscam a cura ou alguma graça do santo, na maioria das vezes é saúde. Quando já foram curados é o momento de agradecer ao santo.

Assim, as festas são ocasiões para que manifestem publicamente esse agradecimento e ao mesmo tempo permitir que esse tipo de relação seja continuamente reiterado, tem, portanto, lugares de destaque. Na contemporaneidade, devem ser lidas como parte do próprio imaginário indígena, abrindo margens para a reinvenção da cultura Baré, na medida em que são eles que celebram esses eventos e entoam os cantos e ladainhas (Melo, 2009).

Sendo assim, as festas de santo também são pensadas como um ritual a ser acompanhado e executado, com horários e deveres. Assim, apresentarei uma descrição detalhada da festa de São Joaquim ocorrida em Agosto de 2015, seu dia a dia, com a intenção de demonstrar o que acontece durante os sete dias de festa, sendo que a cada dia acontece algo de diferente, mas também os diversos elementos que fazem parte de sua realização. Em ANEXO, apresento as fotografias dessa festa.

4.9.7 “*Peuri pepissica chimbiu*”(*Venham pegar comida*)

Nesta seção, passo a contar como transcorreram as atividades e eventos durante a festa de São Joaquim. É o que descrevo a seguir:

1º dia – Juiz de Mastro

No primeiro dia da festa de São Joaquim é simbolizada pela suspensão do mastro que é coberto por frutas típicas da região tais como: abacaxi, cana, banana, coco dentre outros, essas frutas são doadas pelos juizes de mastro que são responsáveis pela primeira noite da festa, eles se deslocam de seus sítios ou da sede do município rumo a comunidade São Joaquim. Lá são recebidos com bandeireiros, tamborineiros e geralmente com foguetes e sua bagagem é levada para o salão, as frutas são levadas para enfeitarem o mastro totalizando quatro, os quais estão expostos dois em frente à igreja e dois de frente para o salão de festa. O mastro é levantado com a presença do santo São Joaquim quando estão presentes os tamborineiros, bandeireiros, mestre-sala e a comunidade presente no ato da levantação.

Após toda essa cerimônia todos se dirigem à igreja para colocar o santo em sua casa e vão em direção ao salão guardar as bandeiras e tamborinas. Enquanto isso, o movimento não para na cozinha, onde as senhoras preparam a sopa, café, Nescau, a bolacha, *beijuchica* para as pessoas tomarem no salão, pois o mestre sala chama em um tom de voz alto: “*mira ita reuri pepissica café*”, (pessoal venham pegar café), então as mães vêm buscar alimento para as crianças; na fila só há mulheres, pois, os adultos se alimentam na mesa.

Por conseguinte grande maioria das pessoas se deslocam para a igreja localizada no início da comunidade para rezarem juntos com dois rezadores, que ficam em pé de frente para o santo São Joaquim e de costa para os comunitários. A oração é uma mistura de português com latim que duram em média 30 minutos, período durante o qual os

comunitários permanecem sentados e minutos antes de finalizar a oração todos se levantam e fazem o sinal da cruz, logo os benzedores beijam o santo e saem logo e o sino toca na parte externa da igreja, todos fazem uma fila para beijarem o santo e por fim os bandeireiros, finalizando todos junto, os tamborineiros e bandeireiros vão em direção ao santo e se ajoelham e saem da igreja rumo ao salão para guardarem as bandeiras e tamborinas acompanhados do mestre-sala. Depois começa a festa ao som de *cuxiima uara* que significa música antiga que vai até amanhecer, pois às 6 horas da manhã todos que estão acordados vão até a igreja beijar a fita o santo. Durante a manhã as senhoras estão na cozinha preparando o almoço para dar aos presentes na festa. A alimentação é bem moderna e é feijão, arroz, macarrão, frango, porco ou carne de boi.



Foto tirada da cozinha da comunidade São Joaquim.
Arquivo pessoal da pesquisadora 2015.

As mães pegam para seus filhos e os adultos devem almoçar na mesa, após todos comerem, os juizes de mastro arrumam a cozinha para receber os próximos promesseiros que chegam à tarde.

2º Dia- noite dos promesseiros

No segundo dia é a noite dos promesseiros, sendo que são duas noites, nesta primeira noite são quatro promesseiros, cada um vai chegando de cada vez e todos são recebidos por foguetes, bandeireiros e tamborineiros; quando os dois últimos promesseiros chegaram, já tinha passado o horário estipulado para a chegada que é até as 16 horas. Chegando então às 18 horas em um bongo no início da comunidade parte isolada, juntamente para as pessoas não verem a chegada sem a presença dos bandeireiros e tamburineiros. Nesse momento passou no local um rapaz cujo apelido é Chico, e o mestre-sala que estava no local pediu a ele que fosse avisar o outro mestre-sala que os promesseiros haviam chegado na comunidade; após alguns minutos ouvimos foguetes e logo chegaram os bandeireiros e tamborineiros que entraram no bongo que estava todo enfeitado com bandeirinhas. Então foi dado a eles doses de bebida de cachaça para todos que estavam nesse momento, menos para o mestre-sala que não pode ingerir álcool.

Logo ligaram o motor e saíram do local com os bandeireiros e tamborineiros em pé e cantando e ao som de foguetes de 12 tiros animando a chegada, e no porto havia também tamborineiros e os outros promesseiros estavam no porto também aguardando os outros promesseiros chegar segurando garrafas de vinho, enquanto isso no meio do rio é feita a meia lua, que é onde o bongo fica girando no meio do rio cantando, tocando e ao som de fogos e no porto também a mesma coisa, depois é encostado no porto e nesse momento os promesseiros pegam sua bebida que é a cachaça e dão a todos que estão no porto nesse momento, e todos os promesseiros andam em fileiras, enquanto isso os comunitários presentes carregam a bagagem dos promesseiros que chegam e levam para o meio do salão. Os tamborineiros e os bandeireiros ficam ao redor das bagagens, quando acabam de carregar as bagagens eles guardam os instrumentos.



Foto das tamburinas usadas pelos tamborineiros durante a festa de São Joaquim

Os promesseiros se arrumam e logo se dirigem a cozinha, todos se ajudam, as senhoras que estão no momento presente aceitam ajudar na cozinha, uns ficam passando manteiga na *beijuchica*, outros estão na cozinha fazendo sopa, café, Nescau para darem logo mais para a população presente, logo quando está tudo pronto o mestre-sala grita: “*peuri pepisica café*”, nesse momento as mães vem pegar para seus filhos, homem não pode, pois os adultos vão comer na mesa o café, Nescau, bolacha, *beijuchica*, doce de coco, pipoca, pão torrado.

Após todos se alimentarem grande maioria das pessoas vão até a reza que é rezada por dois rezadores, todos sentam, menos os rezadores e os que não conseguiram ocupar os lugares na parte interna da igreja, a duração em média é de meia-hora, uma parte é rezada pelos rezadores e outra parte as pessoas respondem com a oração, minutos antes de termina a oração as pessoas levantam todos rezando juntos e no final as tamburinas e os sinos tocam e os rezadores beijam a fita do santo e se retiram, e é feita fila para as pessoas beijarem a fita do santo, por fim os bandeireiros vão beijar o santo um por um, enquanto um vai beijar o santo o outro segura a bandeira do outro e assim todos beijam e ai todos inclusive os tamborineiros vão na frente do santo e se ajoelham e saem e por último sai o mestre-sala, o sino toca até o último sair da igreja e vão rumo ao salão de festa para guarda o material.

Após guardarem, a festa começa ao som de *cuxiima uara* tocada por dois músicos, o teclado e um microfone, durante a festa é feita a rodada que é onde os promesseiros dão sua bebida para quem está na noite da festa, e isso é durante a noite toda, cachaça 51, vinho dom Bosco, caipirinha, para as pessoas se animarem e dançarem a noite toda e na cozinha tem chibé, água, sopa, café para as pessoas aguentarem acordadas a noite toda, se não tiver bebida a festa não tem graça, fica desanimada, pois as pessoas bebendo ficam mais animadas para dançarem o *cuxiimauara*, a noite foi maravilhosa, a bebida deu a noite toda, às 6 horas da manhã todos vão beijar o santo na igreja e no retorno a festa continua, muitos amanhecidos e com a animação dançando.

Na cozinha as senhoras não descansam é feito o almoço, que é composto por feijão, arroz, macarrão, farofa, guisado de porco, caribé de *maçoca*, o fogão é a lenha e quando fica pronto o almoço é avisado ao mestre que anuncia para as famílias virem buscar comida e as mães vem com suas vasilhas, panela, jarras, potes para buscar e levar a comida para seus filhos, e é formado uma fila para pegar almoço. No meio do salão é colocado uma mesa com vasilhas com comidas, pratos, copos e colheres e todos comem conforme a quantidade de pratos, mas logo são colocados novos pratos e assim até todos almoçarem, quando todos almoçam a mesa é retirada e a cozinha limpa para entregar para os novos promesseiros e assim os promesseiros aguardam os novos promesseiros chegarem à tarde.

É importante ressaltar que durante a festa os donos da festa não podem deixar o local antes do almoço, somente após todos se alimentarem, arrumarem a cozinha e aguardar o outro dono da festa assumir a festa. Se não for respeitado pode acontecer algo com a pessoa que está descumprindo essa regra, correndo o risco de receber castigo do santo.

3º Dia- 2º Noite dos Promesseiros

À tarde começou a chegar os promesseiros da segunda noite, então com fogos os promesseiros da primeira noite foram receptor os que chegavam, sendo que dois já haviam retornado para São Gabriel e outros dois foram substituídos na chegada pela mãe. E no meio do rio os promesseiros fazem meia lua anunciando a chegada na frente da comunidade e encostam e logo os homens presentes começaram a carregar as bagagens para o meio do

salão enquanto isso é distribuído às bebidas desde os bandeireiros até os comunitários presentes no momento no porto, e durante isso os tambores não param de tocar e os foguetes fazendo som no alto.

Então todos vão para o salão e guardam as bagagens no quarto ao lado e depois as mulheres ficam na cozinha com os preparativos da comida para darem a noite, tais como: café; Nescau; passar manteiga na *beiju chica*; preparar a sopa para darem à noite para os que estão na festa. E às 21h os bandeireiros e tamborineiros pegam suas bandeiras e tamborinas e vão para a igreja e grande maioria vai seguindo-os para rezarem, mas algumas pessoas ficam sentadas em frente de suas casas e outras na cozinha.

Quando acaba a reza, todos saem em direção do salão para guardarem os materiais e para tomarem sopa e mingau, entretanto aguardam para dançarem ao som de *cuxiima uara*, como todas as noites da festa são dadas bebidas alcoólicas para todos que estiverem e aceitarem no momento, tais como: cachaça 51 e vinho Dom Bosco até às 6h da manhã que é o horário que o som dá uma pausa, para todos irem até a igreja beijar o santo e o sino tocar durante esse ato e depois retornarem para o salão. Alguns foram dormir e outros permaneceram no salão bebendo; na cozinha há café, Nescau e algumas *beijuchica*, mingau e logo as senhoras fazem o almoço.

O almoço é dado às 11h30min, onde as senhoras fazem fila para pegarem o almoço, que contém feijão, arroz, macarrão, farofa, frango guisado, caribe de *maçoca*, e depois que todos terminam de pegar a comida, e servido o almoço na mesa no salão, que é onde os adultos, homens e mulheres comem, em pé, pois não pode sentar nos bancos que ficam ao redor do salão. Porém um acontecimento inexplicável foi quando a promesseira disse que sumiu seu frango que estava dentro do isopor no quarto ao lado, sendo que não havia rastro de água ou sangue e a passagem teria que ser pelo salão ou pela cozinha, sendo que ninguém viu nada, algumas pessoas da comunidade não acreditavam que foi roubado e sim *marauna*. À tarde é preparada a recepção para os festeiros.

4º Dia dos festeiros

À tarde a comunidade estava em silêncio, não havia música e o gerador estava desligado, então a esposa e irmã do festeiro me chamaram para ir para o outro lado da comunidade preparar para a chegada dos festeiros, então em um bongo longo nos sentamos e atravessamos o rio, chegando lá, paramos e veio outra voadeira com mais pessoas. No momento em que estávamos lá, foram distribuídas camisas para vestirem, mas não foram todos que receberam, somente os festeiros, mestre-sala, os tamborineiros e bandeireiros, e logo foi distribuído a *garapa* (bebida feita de cana) para todos que estavam presentes no momento.

Enquanto isso do outro lado estava outro festeiro aguardando a sua chegada oficial, logo eles saem onde estão encostados e vão para frente da comunidade fazer a sua meia lua com foguetes, e nisso o porto está cheio de pessoas aguardando a chegada dos festeiros. Do outro lado observa-se que após a meia-lua eles encostam, oferecem suas bebidas e os homens carregam suas bagagens até ao salão, somente depois de todo esse ritual da chegada do outro festeiro é que chegara os outros dois festeiros que aguardam do outro lado do rio, porém nesse momento o tempo se fecha, formando umas nuvens escuras e as pessoas que estavam no bongo se apressam para chegarem antes da chuva que aparentava chegar.

Então saem rumo à frente do porto de São Joaquim, como de costume fazendo a meia-lua, e ao mesmo tempo acompanhado de foguetes, cantos, sons de tamborina e as bandeiras indo para um lado e para o outro, nesse momento apenas caia uns pingos de água. Ao encostar os festeiros oferecem sua *garapa* para todos que aceitavam e estavam presentes no momento da chegada e ao mesmo tempo é carregado a bagagem dos festeiros para o salão.

Encerrando isso todos vão para o salão e se preparam para dançar o “macaquinho”, dança em que se inicia com os tamborineiros e bandeireiros girando no meio do salão, logo outros homens seguem eles formando uma roda, então as mulheres de diversas faixas etárias encostam nos homens por sequência, iniciando do primeiro até o que esteja por último, essa roda é feita durante várias vezes, até que as mulheres completem e assim, fazem outro movimento em formato de cobra. Tem momentos que eles brincam fingindo fazer um movimento, mas não os fazem e a comunidade presente dá diversas gargalhadas,

principalmente das mulheres e crianças, isso acompanhado de cantos ao som de tamborinas feitas por um senhor.

Em seguida param em um formato de círculo para os festeiros darem suas bebidas para os que estão dançando na roda e depois continuam a dança, logo param em um círculo e os dois primeiros vão dançando para o meio do salão, tipo “dois pra lá” e “dois pra cá” e quando chegam no meio, expõem a perna direita tipo “pra frente” “pra trás”, mantendo o equilíbrio, e então juntam as duas pernas de um e do outro fazendo esse movimento “pra traz” e “pra frente”, isso batendo sempre palmas, todos inclusive quem está na dança, depois retornam a seu lugar, todos giram e depois para novamente para os outros 2 que estão na sequência e assim se repete com todos que estão na roda. Encerrando todos giram, cantando e dançando, com muita animação, tanto dos que dançam e os que prestigiam, e por fim todos batem palmas, tantos os que apreciam e que dançavam.

Então as pessoas que vão ficar na cozinha vão para lá e o outro pessoal se espalha, uns vão para suas casas, uns sentam no corredor do salão, e assim os preparativos tais como café, Nescau, sopa são preparados para serem dados à noite para as famílias. Às 18h como de costume os bandeireiros e tamborineiros pegam seus materiais e as famílias o seguem para a igreja para beijarem o santo e após todos beijarem o santo através de um formato de fila retornam para o salão de festa.

Às 21h os tamborineiros e bandeireiros pegam suas tamborinas e bandeiras e juntamente com o mestre-sala, todos vão até a igreja para reza que é a ladainha, metade em português e outra parte em latim. A reza dura aproximadamente uma hora, onde o rezador reza uma parte e o povo presente reza uma outra parte, quando está acabando a reza todos se levantam e rezam juntos e os sinos tocam lá fora e as tamborinas soam e então forma-se a fila para todos beijarem o santo, no final os bandeireiros vão beijar a fita do santo um por um, deixando sua bandeira com o bandeireiro ao lado, quando terminam, os bandeireiros e tamborineiros vão para a frente da igreja e se ajoelham, e saem, e as pessoas o seguem até o salão.

Quando chegam ao salão à dança do macaquinho será apresentada novamente, então todos os tamborineiros e bandeireiros formam uma fila em forma de círculo que giram no meio do salão, e os homens seguem girando no salão, após isto as mulheres vão encostando nos homens entre o primeiro até o último, o mestre-sala pedi para as mulheres irem

acompanhar os homens nessa dança, porque algumas ficam tímidas. Então vão dançando e girando, tipo “dois pra lá” e “dois pra cá” e depois giram com o corpo todo, após isto os dois primeiros vão para o meio da roda e quando chegam ao centro colocam os pés para dentro e para fora e quando juntam os pés repetem o movimento, põem para dentro e para fora e depois retornam aos seus lugares e vão seguindo a dança, dançando e girando até chegar os próximos da sequência da fila da roda e assim se repete até todos fizerem esse movimento dos pés no centro da roda, sendo que durante a roda girando, dão uma pausa para os festeiros darem suas bebidas para os participantes da dança. Durante toda dança os homens batem palma e quando acaba a dança todos que estão batem palmas. Logo começa a festa ao som de *cuxiima uara* até amanhecer, mas durante a noite é dado bebida para os que estão presentes no momento que se chama “rodada” e todos dançam com seus pares, às 6 da manhã o som para, pois todos vão até a igreja beijar o santo, ao som de tamborinas e com os bandeireiros, depois que todos beijam, eles voltam para o salão.

5º Dia- 2º noite dos Festeiros

Às 08h da manhã começam o “*caruatai*”, é assim os bandeireiros e tamborineiros juntamente com os que estão amanhecidos se reúnem e saem bandeirando e cantando do salão em direção as casas. O mestre-sala vai antes pergunta quem é que aceita eles e depois indica permanecendo na frente da casa indicando que irá os aceitar, e então dão dois giros e em formato de cobra eles vão entrando na casa acompanhados de um microssister a pilha tocando música, e quando entram na casa a família oferece algo pra comer ou beber, o que a pessoa quiser, como mingau, café, *quinhanpira* com beiju, farofa, caribe de *maçoca*, chibé enfim o que a família ter ou querer oferecer aos participantes. Dentro da casa eles dançam, bebem garapa dada pele festeiro, cachaça 51 e vinho Dom Bosco, conversam, dão várias risadas e depois seguem para outras casas, geralmente isso dura a manhã toda, não tem horário estabelecido para terminar. Porém quando saem da casa eles fazem roda ainda dentro da casa e cantam e depois quando saem da casa, ficam girando na frente da casa e depois formam tipo uma cobra e depois seguem para a próxima casa a recebê-los e assim se repete até chegar ao final da comunidade.

E após sair da última casa eles vão rumo ao porto, mas antes quando chegam à frente da igreja eles param, mas bandeirando e tocando as tamborinas eles se ajoelham todos juntos na frente da igreja, seguem ao porto, quando chegam lá eles dão uns giros até na beira do rio; dão uns giros molhando apenas os pés e canelas, depois o mestre-sala pede para se jogarem na água, todos sem exceção, alguns se jogam do jeito que estão, outros tiram tênis ou algo que não querem que molhe, os bandeireiros guardam suas bandeiras em pé, enfiadas na terra. Então o mestre-sala pediu para os que já estão molhados irem buscar os outros que ainda estão secos, então as pessoas saem rumo as casas, entrando sem permissão e levando quem estava seco, isso vale para todos, homens, mulheres, adolescentes, jovens, até mesmo quem está na cozinha não escapa de tomar um banho. Durante essa situação de levar o outro a tomar banho, os mesmos ficam no porto aguardando terminar, como os bandeireiros, tamborineiros, mestre-sala. Quando acabam de molhar as pessoas eles saem do porto com suas bandeiras e tamborinas acompanhados do mestre-sala e vão para o salão almoçar.

Neste mesmo dia durante o *caruataias* 09h10min da manhã o mestre-sala anuncia que é para dar uma pausa para todos irem até a igreja que irá ter uma reza para uma senhora que solicitou, então tocava o primeiro sino, e que era para aguardar o momento para ir até a igreja, essa reza acontece quando a família solicita para algum doente ou promessa.

Segundo Galvão (1955) a relação entre o indivíduo e o santo baseia-se num contrato mútuo, as promessas são pagas adiantadas para se obrigar o santo a retribuir sob a forma de benefício pedido. Isso acontece muito na região, quando alguém está muito doente faz e paga a promessa pedindo saúde e proteção ao santo.

Então a reza acontece com três rezadores em frente à imagem do santo São Joaquim e de costa para os comunitários presentes começam a reza, e assim a reza continua e quando chega à parte “(...) imenso Deus de bondade” todos os presentes se levantam, e os benzedores beijam a fita do santo e saem logo os festeiros e mordomos beijam a fita do santo e depois é formado uma fila para todos beijarem o santo e quando encerra a reza, lá fora uma família está com militos, refrigerantes, bombons para darem as pessoas. E depois continua o *caruatai*.

Às 12h o almoço está na mesa, todos almoçam e os últimos são os que estavam no *caruatai* e após terminarem, a mesa é recolhida e o som dá uma pausa. Então às 15h os

bandeireiros e tamborineiros foram até ao porto da escadaria que fica em frente da igreja para receber o mordomo que estava chegando, então os mordomos davam bebida para os festeiros e os festeiros davam para os mordomos isso ao guia do mestre-sala que indica o que deve ser feito; logo sobem a escada na direção da igreja, bem na frente se ajoelham e seguem rumo a casa onde havia outros mordomos que já estavam na festa, pois eles ficam bandeirando e batendo as tamborinas enquanto as bebidas são distribuídas para quem está presente naquele momento e carregam as bebidas dos mordomos e levam para o salão.



Mordomos preparando suas varas para usarem na festa.

A dança do macaquinho começou às 17 horas, começando pelos homens, na frente os tamborineiros e depois os bandeireiros e assim seguem os demais que queiram participar, logo as damas vão se encaixando e intercalando entre homens e mulheres, mulheres na frente, depois de vários giros no meio do salão, cantando, dão uma pausa para os mordomos e festeiros darem suas bebidas que varia entre garapa, cachaça 51 e vinho Dom Bosco, depois de vários giros, cada casal iniciando do primeiro vai até ao centro dançando o “dois pra lá” e “dois pra cá” e um giro e retornam aos seus lugares e assim até o último, os tamborineiros mesmo batendo suas tamborinas não perdem o gingado. São senhoras, moças, rapazes, idosos, são três dois para lá e dois para cá e gira, quando os mais jovens eram as pessoas que assistiam, caíam na gargalhada, depois de vários giros se divertindo como enganando que fará um movimento, mas não o fará e isso é motivo de

gargalhadas, depois disso as mulheres saem da roda e os homens continuam cantando e dançando, fora os tamborineiros, todos os que estão na roda batem palmas e param e formam uma roda e os dois tamborineiros vão até ao meio da roda batendo suas tamborinas e põem o pé direito para dentro e para fora, depois juntam as pernas um do outro fazendo um único movimento de dentro para fora e depois retornam aos seus lugares e a dança continua, girando no salão, depois se repete e a roda para, e os bandeireiros fazem o mesmo e assim os demais até o último que está na roda e no final todos batem palmas.

Às 18h o mestre-sala chama os bandeireiros e tamborineiros para “fazer seis horas” com uns tamborineiros; e eles vão até ao salão e então vão todos juntos com as pessoas e os mordomos que seguram uma vara bem enfeitada com fitas e flores para beijar o santo na igreja. Para beijar o santo o mestre-sala chama os festeiros e mordomos que ocupam as primeiras filas do lado direito da igreja e somente após isto é feita a fila para outras pessoas beijarem o santo e no final os bandeireiros, e depois os tamborineiros e bandeireiros se ajoelham de frente ao santo e saem rumo ao salão e ficam batendo as tamborinas no salão e só param quando o mestre-sala fala para parar, e aí guardam as bandeiras e tamborinas.

Às 20h novamente todos se preparam para irem à reza na igreja, os bandeireiros na frente, logo os tamborineiros e demais pessoas seguindo logo atrás, acompanhados do mestre-sala, dos festeiros e dos mordomos que seguram suas varinhas com fitas e flores. Chegando lá todos sentam e os rezadores ficam em pé de frente ao santo e soa o silêncio, logo se inicia a reza com um sinal da cruz e a reza continua aproximadamente uma hora, quando acaba a reza todos se levantam e os rezadores beijam a fita do santo e logo são festeiros e mordomos, e somente depois e que formam uma fila com as demais pessoas e como de costume por último os bandeireiros e então junto com os tamborineiros vão até a frente do santo e se ajoelham e saem rumo ao salão, onde novamente acontece a dança do macaquinho e após a festa se inicia ao som de *cuxiima uara* e durante a noite as bebidas são dadas através da “rodada” aonde os mordomos e festeiros em fila vão dando suas bebidas que varia, entre cachaça 51, garapa e vinho Dom Bosco e isso até às 6 da manhã.

Às 23h da noite aconteceu algo que eu e provavelmente todos na comunidade de São Joaquim jamais havia visto na comunidade, todos estavam apavorados com aquela situação, momento em que militares encostaram-se à comunidade e virem pela rua principal da comunidade todos fardados e acompanhados de fuzis, entraram no salão de festa em

quartinho na parte interna e recolheram todas as bebidas alcoólicas que ali estava presente, isso revoltou a comunidade, porque isso é uma tradição, a festa acontece há muitos anos e sempre foi desse jeito, houve discussão, vaias por parte da comunidade e revolta. Os Baré se sentiram indignados, não se conformavam com aquilo.

Os mais velhos vaiaram a atitude desses militares, pois eles iam entrar em todas as casas para verificar se havia bebidas, mas o capitão da comunidade não deixou e falou “melhor não, porque se vocês entrar pode matar um de nós e ai nós vamos matar um de vocês, porque se nós pegar um de vocês nós não vamos soltar”. E assim eles não entraram nas casas, toda a comunidade estava na rua principal, queriam levar um rapaz presente no momento, só que o que eles não esperavam é que tinha uma advogada Baré presente naquele momento e ela se meteu e não deixou levá-lo e falou das leis. Então depois se retiraram da comunidade levando as bebidas presentes, após isto todos os Baré foram para o salão e debater sobre o assunto, havia muito revolta por parte dos Baré pelo que aconteceu, mas falaram que isso não ia acabar com a festa deles e que a festa ia continuar. Sendo que no dia 7 de novembro de 2015 houve uma reunião na câmara municipal para falar do assunto.

6º dia – 3º noite dos festeiros

Às 6h da manhã todos vão beijar o santo na igreja e depois começa o segundo dia do *caruatai*, onde a mesma sequência dos cinco dias se segue. Às 11h30min são liberadas para as famílias irem pegar comida, isso após o anúncio do mestre-sala que avisa em um tom de voz alto para que possam vir pegar para as crianças, pois os adultos tanto homens e mulheres almoçam na mesa que fica no salão, encerra após todos almoçarem, é o mestre-sala que serve a mesa, e não permite que ninguém sente nas laterais, devem almoçar na mesa em pé.

Segundo Galvão (2010): “A comida é servida em uma mesa ao lado da cozinha. O juiz procura exhibir a melhor louça que pode e copos de vidro. (pg. 78) Assim mesmo e na festa, as pessoas compram louças somente para essa festa e depois guardam para o outro ano.

Neste mesmo dia é o dia da esmola, então as casas onde tem mordomo estão enfeitadas com tranças feitas de palha na frente das casas e são montadas fogueiras, mas ainda não estão acesas, apenas à noite, no meio das lenhas há uma árvore com bombons, militos para quando queimar a fogueira poder cair e as pessoas poderem pegar.

Porém Mauss (2003) diz que a “esmola é fruto de uma noção moral da dádiva e da fartura, de um lado, e de uma noção de sacrifício de outro” (pg. 208) A esmola é muito bonita, emocionante, se sente algo inexplicável, os bandeireiros e os tamborineiros e a população aguarda o mestre-sala colocar o santo nas pessoas que irão segurá-los e o sino toca e saem da igreja com suas camisas com a imagem do santo então eles vem na rua principal da comunidade, onde o santo vem atrás dos bandeireiros e tamborineiros, e outras pessoas segurando a sombrinha para o santo e outras pessoas segurando velas acesas e outros voluntários irão carregar as doações, após saírem da igreja eles vem e para.



Mestre-sala pegando as doações e levando para frente do santo

É onde as pessoas doam o que quiserem e assim se segue e novamente param e as pessoas doam novamente, mas há som de flautas durante esse evento, no momento que o santo para, os bandeireiros e tamborineiros param e se viram ficando de frente para o santo, mas sem pararem os movimentos das bandeiras e das tamborinas e das flautas. Isso vai até o final da comunidade, as doações são diversas, tais como: alimentos; farinha; vela; dinheiro e fitas.



Tamborineiros e bandeireros de frente para o santo.

Arquivo pessoal da pesquisadora 2015.

Depois que acaba eles retornam para a igreja para guardar o santo e retornam para o salão, as velas, fitas e dinheiro vai para a igreja e os alimentos, farinha vão para a cozinha.

Neste mesmo dia é a noite dos mascarados, que ficam durante à tarde aguardando a sua apresentação à noite para todos, só que durante o dia eles ficam isolados, escondidos em um campo embaixo de umas árvores atrás do cemitério.



Indígenas Baré preparando suas máscaras para apresentação à noite.

Arquivo pessoal da pesquisadora 2015.

Lá não há mulheres, somente homens, mas há crianças, mas meninos, lá eles ficam conversando, rindo, e preparando suas fantasias como mascaras e varinha para surrar as pessoas. Enquanto uns já estão arrumando ficam assustando as crianças que ficam no cemitério com a curiosidade de olhar, e quando os mascarados vêm às crianças correm amedrontadas, gritando desesperadas e eles só saem desse local somente à noite no momento que eles se apresentam.

Entretanto Mauss (2003, pg. 247) conta que “Às vezes no ritual das festas Kwakiutl aparecem homens mascarados que partem de uma casa para entrar a força em outra casa”.

Os mascarados todos os anos na noite da esmola aparecem com suas fantasias, roupas que não deixa reconhecê-los e mascaras feitas de papelão e usam varinha que surram, causam medo principalmente nas crianças e em alguns adultos, eles saem de traz do cemitério após encerrar a reza na capela. Juntos em grupo fazendo rugidos tipo “rrrrrrrrrrrrruuuuuu”, e vão andando no meio da comunidade dançando, assustando as pessoas, dançam ao redor da fogueira até chegar ao salão, e lá eles dançam uns com outros mascarados, dançam e as pessoas riem deles, pois uns causam risadas por aparentarem serem engraçados quando dançam, e junta muita gente, pois é como uma atração, todos gostam de olhar, mesmo outros sentirem medo principalmente crianças. Quando acaba eles voltam para o cemitério se trocam e depois voltam para o salão para se divertir normalmente como os outros.



Mascarados se apresentando no dia da esmola no salão da comunidade São Joaquim.

A reza acontece como as noites anteriores e após todos dançam no salão ao som do *cuxiima uara*, e durante a noite a distribuição das bebidas que restaram, sendo que não duro até de manhã, pois acabou e de manhã às 6 horas como de costume beijam o santo.

7º dia - Encerramento

É o dia da “mesa” e as cozinheiras capricham na cozinha para o ultimo almoço da festa de 2015, então no momento que está pronto, o mestre-sala chama as mães para pegarem a comida para seus filhos e os adultos almoçam na mesa. Após o almoço aguardam a derrubação do mastro que será no final da tarde. O momento em que o mastro com as frutas e derrubado com um machado e todos que quiserem pegar as frutas estão autorizados. Mas para crianças é perigoso, porque o mastro cai no chão e as pessoas avançam. E nesse dia é feito a relação para o ano de 2016, contendo todos os nomes da relação de mordomos, juiz de mastro, promesseiro, festeiro, mestre-sala, tamborineiro, bandeireiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busquei neste trabalho apresentar os Baré desde sua origem, sua língua, a forma de transmissão das orações entre os benzedores e sua relação com os santos católicos. Procurei mostrar as doenças presentes na região e as formas de cura, incluindo suas festas de santo, em especial São Joaquim. Meu interesse foi entender como o rezador sabe qual é o tipo de doença que está inserida no doente e os seus auxílios para ajudar no momento da cura. Quando iniciei a pesquisa a minha curiosidade era saber como os benzedores aprenderam a benzer, como era feito esses benzimentos, o que sentiam no momento que efetuavam a cura, pois me lembro de parentes perguntarem ao benzedor no final do benzimento o que o benzedor sentiu, referindo-se se a doença era grave, passageira, se era doença causada por encantados ou humanos. E assim consegui aprofundar nesse assunto, como tudo acontecia.

Para se compreender melhor sobre o assunto, tratei sobre a área pesquisada, a região do Alto Rio Negro, seu surgimento, a história dos Baré, a chegada dos missionários que foi um marco importante que marcou a vida dos Baré, como a chegada dos santos católicos e as escolas salesianos. Os Baré aprenderam essa cultura dos padres, mas nos dias atuais, ainda se vê benzedores, pessoas nas roças, a língua original não é mais falada no Brasil, sendo usada a língua introduzida, o nheengatu que consideramos nossa, pois nem todos sabem que essa língua foi introduzida pelos padres, o que se sabe é que é a língua dos Baré, porque os outros povos falam sua língua original.

Para não acontecer com o benzimento assim como o que aconteceu com a língua, os benzedores escolhem uma pessoa para seguir em frente com o benzimento, onde segue uma série de restrições, tendo o futuro benzedor de repetir a oração até memorizá-la. O futuro benzedor deve estar disposto a ajudar sem segundas intenções. Por esse motivo nos dias atuais ainda existem benzedores atuando com suas práticas de benzimento, perante os Baré.

A importância do sonho para os Baré é o ponto chave, pois o sonho se torna um aviso. Quando a pessoa tem um sonho ruim, pode ser um aviso de doença que está perto da pessoa. Isso não é só para o doente, mas também para o benzedor que através do sonho desvenda os mistérios da doença, tais como quem as causou e por que. Avisa a chegada

futura de determinada pessoa e o que os leva até o benzedor, sendo o sonho de suma importância para ambas as partes.

A dissertação centrou-se no benzimento que ainda está presente na vida cotidiana dos Baré, pois há doenças que não são curadas com a medicina ocidental, como as doenças causadas por seres encantados e seres humanos, sendo elas curadas com o benzimento feito pelo benzedor especialista para aquela doença, pois, como vimos, há benzedores com suas determinadas especialidades na região do rio Negro. Outro aspecto importante dos Baré são as festas de santo, conforme referenciei aqui, a festa de São Joaquim, na qual os Baré vão pagar suas promessas feitas para alcançar alguma graça ou cura de doença.

A pesquisa mostrou a importância do benzimento. Ela fez com que eu lamentasse que grande parte das músicas das festas de santo foram embora com os mais antigos, falecidos. Entendi como é difícil a transmissão das orações, pois exigem bastante empenho da parte do aprendiz e a bondade que está nos benzedores mostrando a vontade de ajudar e curar. O benzimento está presente em toda parte da vida do Baré, desde o seu nascimento, rito de passagem até a sua morte, pois o benzimento previne e cura. Isso faz com que o benzimento esteja vivo e ativo na vida desse povo, mostrando que ainda estamos com a cultura viva em nossas vidas.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner. Oficialização de línguas indígenas. In Terra das Línguas. org. Manaus; PPGSCA-UFAM. Fundação FORD. 2007

BARBOSA, Hélio Batista; Craveiro. Na trilha da cidadania – iniciativas para a promoção dos direitos das comunidades indígenas. São Paulo, 2004.

BARROSO BARÉ, Marivelton. “ Kurumum wasú/Jovem”. In: Baré: Povo do rio. Org Marina Henero e Ulisses Fernandes. Edição SESC São Paulo. 2015

CABALZAR, Aloisio. Povos indígenas do rio negro. 3º Ed. São Paulo. 2006

CONSTITUIÇÃO da República Federativa do Brasil; Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988.

DAVID, Guilherme. “A indianidade sitiada”. In: Bare: Povo do rio. Org. Marina Henero e Ulisses Fernandes. Edição SESC São Paulo. 2015

DA MATA, R. Panema: uma tentativa de análise estrutural. In_____ . *Ensaio de antropologia estrutural*. Petrópolis: Vozes, 1973.p. 63-92.

EVANS-PRITCHARD, E.E. Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande. Rio de Janeiro, Jorge tradução Eduardo Viveiro de Castro. 2005

FARAGE, Nádia. 1991. *As Muralhas dos Sertões. Os povos indígenas no Rio Branco e a colonização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra/ANPOCS.

FRANÇA BARÉ, Bráz. “Baré-mira Iupirungá/ origem do povo Baré”. In: Baré: Povo do rio. Org. Marina Henero e Ulisses Fernandes. Edição SESC São Paulo. 2015

FRAZER, Sir James George. O ramo de ouro. Zahar Editores, 1982.

FRAXE, Therezinha J.P Cultura Cabocla-Ribeirinha. Mitos, Lendas e Transculturalidade. São Paulo: Annablume, 2004.

GALVÃO, Eduardo. Santos e visagens: um estudo da vida religiosa no Amazonas. São Paulo Cia Editora nacional. 1975 [1951]

GALVÃO, Eduardo. Santos e Visagens um estudo da vida religiosa em Itá: Amazonas. Editora Nacional São Paulo. 1955

GALLOIS, Dominique Tilkin. “xamanismo waiãpi: nos caminhos invisíveis, a *relação i-paie*”. In: Langdon, E.Jean Matteson (org). Xamanismo no Brasil: Novas perspectivas. USP. 1996

GARNELO, Luiza. Os povos indígenas e a construção das políticas de saúde no Brasil/Luiza Garnelo, Guilherme Macedo, Luiza Carlos Brandão – Brasília: organização pan-americana de saúde, 2003.

GODELIER, Maurice. Mito e Historia: Reflexões sobre os fundamentos do pensamento selvagem. In: Horizontes da Antropologia. Lisboa. Ed. 1977

GLICK, *Medicine as an Ethnographic Category: The Gimy of the New Guinea Highlands*, in: *Ethnology*, vol. VI (1), 1967.

ICOT. Instituto de Cooperação Técnica Intermunicipal. Julho 1991.53 p. Edição Especial

LANGDON, Esther Jean. Antropologia, saúde e doença: uma introdução ao conceito de cultura aplicado as ciências da saúde. Revista Latino-AM. Enfermagem. 2010

LANGDON, Jean. Saúde indígena: A lógica do processo de tratamento. In: Saúde em debate. Ed. Especial, 1988.

LANGDON, E. Jean Matteson. Xamanismo no Brasil: Novas Perspectivas, organizadora, - Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1996.

_____. Cultura e os processos de saúde doença. In: JEOLÁS, L. S.; OLIVEIRA, M.2003. *Anais do seminário sobre cultura, saúde e doença*. Londrina: PNUD/CIPSI, 2003.p.91-107.

LASMAR, Cristiane. *De Volta ao Lado do Leite- Gênero e Transformação no Alto Rio Negro*. São Paulo: Editora UNESP: ISA; Rio de Janeiro: NUTI, 2005.

LEVI-STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro. 2003

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural I**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. O feiticeiro e sua magia. In: *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: tempo brasileiro, 1975 pg.198-213.

_____. De La miel a las cinzas. Mitológicas II. Traduzido por Juan Almela. Sección de obras em Antropologia. México: Fundo de Cultura Econômica, 1972.

LUCIANO, Gersem dos Santos. Educação para manejo e domesticação do mundo entre a escola ideal e a escola real. Os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro. UNB, 2011.

MAIA Figueiredo, Paulo Roberto. Desequilibrando o convencional. Estética e ritual entre os Baré do Alto Rio Negro- AM. UFRJ. 2009

MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003

MELO, Juliana Gonçalves. Identidades Fluidas: ser e perceber-se como Baré (Aruak) na Manaus contemporânea. 2009

MIRANDA, Danilo Santos de. Apresentação. In: Baré: Povo do rio. Org. Marina Henero e Ulisses Fernandes. Edição SESC São Paulo. 2015

MONTARDO, Deise Lucy Oliveira. Através do “Mbaraka”: música e xamanismo guarani. São Paulo, 2002.

MULLER, Regina Polo. “Maraká, Ritual Xamanístico dos Asuriní do Xingu”. In: Langdon, E.Jean Matteson (org). Xamanismo no Brasil: Novas perspectivas. UNICAMP. 1996

OLIVEIRA, Gilvan Muller de. Oficialização de línguas indígenas. In Terra das Línguas. Alfredo Wagner de Almeida org. Manaus; PPGSCA-UFAM. Fundação FORD. 2007

PISSOLATO, Elizabeth. A duração da pessoa: mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (guarani) In: Elizabeth Pissolato. São Paulo: Editora UNESP: ISA; Rio de Janeiro: NUTI. 2007

POTIGUARA, Eliane. Metade cara, metade mascara. São Paulo: Global, 2004

RABINOW, Paul. Fieldwork and Friendship in Marocco. In: Ethnographic Fieldwork: an anthropological reader, Blackwell Publishing, 2007.

RICARDO, Carlos Alberto. Povos Indígenas do Rio Negro. FOIRN-ISA. Ed São Paulo. 2006

SANTOS, F.S.D. Tradições populares de uso de plantas medicinais na Amazonia. *Historia, Ciência, Saúde – Manguinhos*, n.6, supl., p.919-939, 2000.

SANTOS e MAIA. O falar e o silenciar: etnografia de um evento crítico no alto rio Içana. 2009

SCHULTZ, Harald. “Magia, religião, mitologia e etnopsicologia”. In:Egon Schaden (org). Leituras de Etnologia Brasileira. São Paulo.1976

VIANNA, João Jackson Bezerra. De volta ao caos primordial: alteridade, indiferenciação e adoecimento entre os Baniwa. Manaus- UFAM, 2012.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “Prefácio: O índio em devir”. In: Bare: Povo do rio. Org Marina Henero e Ulisses Fernandes. Edição SESC São Paulo.2015

_____. Esboço de cosmologia Yawalapíti; In _____. *A consciência da alma selvagem – e outros ensaios de antropologia.* São Paulo: Cosac e Naif, 2002a. p. 25-85

WAGLEY, Charles. “Xamanismo Tapirapé”. In:Egon Schaden (org). Leituras de Etnologia Brasileira. São Paulo.1976

Wawzyniak, João Valentin. Assombro de olhada de bixo: Uma etnografia das concepções e ações em saúde entre ribeirinhos do baixo rio tapajós, Pará-. São Carlos; UFScar, 2008.

WRIGHT, Robin M. “Os guardiões dos cosmos: pajés e profetas entre os Baniwa”. In: Langdon, E.Jean Matteson (org). Xamanismo no Brasil: Novas perspectivas. UNICAMP.1996

ANEXOS:



Foto tirada durante a chegada dos alimentos e bebidas e durante a rodada de bebidas no ano de 2015.



A Construção do castelo



Os mascarados



Uma das ruas da comunidade de São Joaquim.



Barés antes de se serem mascarados



Baré preparando o tabaco e outro Baré segurando a tamburina

Glossário:

Palavras em yēgatu	Tradução para o português
<i>Mutawarisá</i>	benzimento
<i>Miraita purāga</i>	Pessoas boas
<i>Yawara Akāga</i>	Cabeça de cachorro
<i>Asuré akiri, wirādé akūtai neirũ</i>	Vou dormir, amanhã converso contigo
<i>Maita bēzeri</i>	Como tu benze
<i>Yāmukaturu madri</i>	Ajeitando o útero
<i>Yāmupusāga taĩna</i>	Curando criança
<i>Yāmupusāga buya masisá</i>	Curando doença de cobra - cubrelo
<i>Peyuiri pepisika tibiũ</i>	Venham pegar comida
<i>Taĩna mirĩ</i>	Criança pequena
<i>Nanã</i>	Abacaxi
<i>Yādé taité</i>	Nós coitados
<i>kariwa</i>	Branco ou não índio
<i>Maita resaã</i>	Como tu sente
<i>kuyāmuku</i>	Moça
<i>Tupanã</i>	Deus
<i>Mayã</i>	Mãe